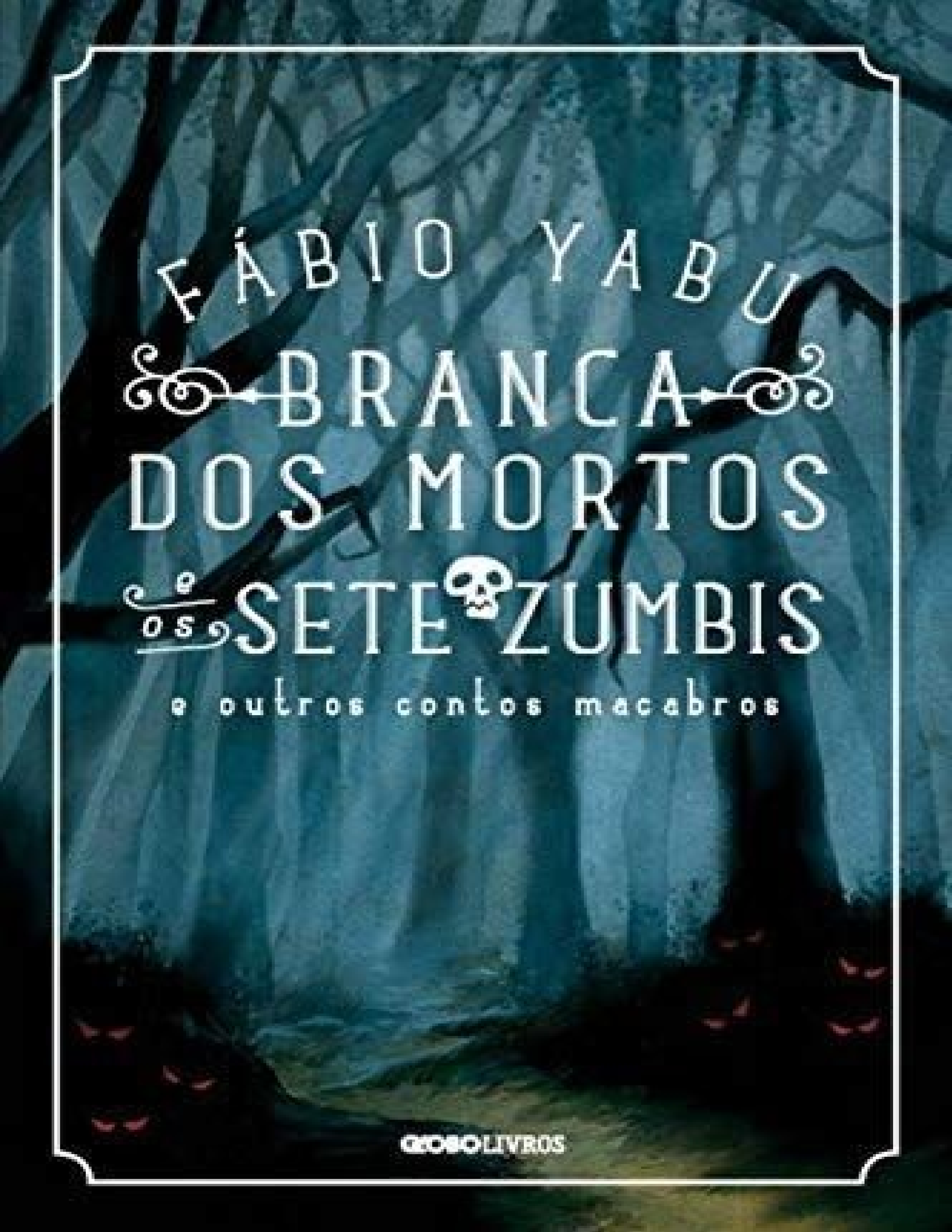

FÁBIO YABU
BRANCA DOS MORTOS
e os SETE ZUMBIS
e outros contos macabros
GLOBOLIVROS

Índice

Copyright
Prefácio
Reconhecimento
Branca dos Mortos e os Sete Zumbis
João, Maria e os Outros
Os três lobinhos
A vendedora de fósforos e o vingador
Cindehella e o sapatinho infernal
A confissão
Bela Incorrupta
O monstro
O cemitério
Samarapunzel
O fim de quase todas as coisas
Ilustrações
Sobre o Ilustrador
Sobre o autor
Sobre o Jovem Nerd

Copyright

EDITORES

Deive Pazos Gerpe

Alexandre Ottoni

REVISГO

Jair Barbosa

CAPA

Rico Mendonça

ILUSTRAÇÕES

© Michel Borges

Prefácio

Você acredita em contos de fadas?

Não?

Bom, alguma coisa me diz que até o fim deste texto você passará a acreditar.

Já parou para pensar o que eles significam, na verdade? Os contos de fadas são nada mais do que narrativas folclóricas, dotadas de um significado implícito, que não precisam ser interpretadas ao pé da letra, mas que também não devem ser descartadas – faça isso e automaticamente alguns elfos e goblins morrerão a seus pés.

Heróis, princesas mágicas, orcs e trolls não só existem de fato como fazem parte (ativamente, às vezes) de nossas vidas. São criaturas com as quais temos que lidar no dia a dia, na escola, na faculdade, no trabalho e até mesmo no aconchego do lar. Não satisfeitas, essas figurinhas bizarras ainda se escondem dentro de nós, afinal todos temos nosso lado bruto, ogro, nossa faceta heroica, cavalheiresca, somos mentores e vilões em ocasiões adversas e diante de pessoas distintas.

No passado, esses ensinamentos – do que era bom e ruim, certo e errado – eram transmitidos a uma determinada sociedade por grandes mitos, e os contos de fadas nasceram como suas versões infantis. Serviam para ensinar às crianças como se comportar e principalmente para mostrar a elas o que não se devia fazer. Em vez de pedir ao filho para não confiar em estranhos, por exemplo, já que o pequeno iria logicamente questionar o "por quê", os pais narravam, ao invés, a clássica fábula do lobo mau, o ente perverso, devorador de menininhos... e quem pode dizer que eles estavam mentindo?

Quando bem contadas, essas alegorias nos fazem entender a natureza humana de forma mais ampla, como na cena de O Mágico de Oz em que Dorothy pergunta ao Espantalho como ele é capaz de falar se não tem um cérebro. A resposta é brilhante: "Muitas pessoas sem cérebro falam um bocado, não acha?"

BINGO!

Este é precisamente o sabor de "Branca dos Mortos e os sete zumbis".

Os contos que se revelarão nas páginas seguintes não se resumem a estórias para entreter, declamadas ao redor da fogueira – são peças educativas, de leitura envolvente, revistas e adaptadas sob as influências do mundo de hoje.

De Hans Christian Andersen a Edgar Allan Poe, passando por H. P. Lovecraft, Neil Gaiman e os irmãos Grimm, todas essas referências estão enfim reunidas nesta coleção de fantasia e mistério, montada a partir da mente genial (e perturbada) do (nem tão) enigmático Abu Fobiya. São ecos de um reino distante, que no entanto estão, e sempre estarão, mais próximos do que a gente imagina.

E agora, você acredita?

– Eduardo Spohr

Reconhecimento

Este livro se apoia sobre os ombros dos grandes colossos do terror: Dunsany, Lovecraft, Poe, Gaiman e, é claro, Andersen, Grimm e Perrault.

Abu Fobiya

São Paulo, agosto de 2012

Branca dos Mortos e os Sete Zumbis

Era uma vez uma linda rainha. Dona de um corpo escultural, majestosos cabelos loiros e penetrantes olhos azuis, ela era considerada por muitos a mais bela do mundo.

Mas, antes de ser rainha, ela era uma mulher. E o que ela mais queria na vida era ser mãe.

Mesmo já sendo casada há anos, já tendo comido as mais exóticas flores e raízes, bebido os mais azedos chás e até mesmo a urina de animais na tentativa de gerar um filho, ela nunca conseguira engravidar.

Em busca de seu grande sonho, a infeliz rainha se dirigiu em segredo àquele lugar em que todas as mães alertavam os filhos para jamais irem: a floresta proibida, que diziam ser repleta de monstros e almas penadas, separada do castelo por um enorme muro de granito.

Mesmo conhecendo as lendas sobre as bestas furiosas que ali viviam, a rainha se arriscou e pegou a estrada de terra batida que há muitos anos não era usada. Enquanto cavalgava freneticamente, ouvia ao seu redor sons inexplicáveis e horripilantes, como sussurros, risadas e espirros.

Nem que ela quisesse poderia tirar os olhos da estrada, repleta de inúmeros cadáveres de animais em diferentes estágios de putrefação, muitos deles com uma sinistra perfuração bem no meio do crânio, tão precisa que se assemelhava a um terceiro olho.

Seguiu pela estrada até chegar a uma cabana improvisada, formada por um amontoado de galhos, barro e excremento de pássaros.

Lá, a rainha encontrou uma velha bruxa, que tinha a pele coberta por verrugas, os olhos saltados para fora e longos tufos de cabelos brancos que mais pareciam teias de aranha penduradas à cabeça. Há muitos e muitos anos ela havia deixado a sanidade para trás e, com ela, qualquer noção de higiene ou vaidade. Assim, ela exalava um odor azedo, que impregnava até mesmo os cabelos sedosos da mulher do rei.

“Mas que visita mais ilustre!”, ironizou a bruxa. “O que vossa majestade faz neste lugar tão perigoso?”

As pernas da rainha tremiam, mas sua obstinação por um filho conseguia ser maior do que seu medo e gaguejando, disse:

“Se-sei que tens poderes ocultos. Ajuda-me a engravidar e farei qualquer coisa que desejares! Qualquer coisa!”

A rainha não sabia que aquelas eram as duas palavras que não se deve dizer a um demônio. A bruxa concordou em ajudar.

“Mas por um preço”, alertou.

“Dar-te-ei joias, dinheiro, títulos... O que quiseres!”, aceitou a rainha, sem pensar nas consequências.

A bruxa estendeu a mão e a rainha a apertou, achando que assim selaria o pacto. Tão logo tocou a pele fina e gelada da velha, ela fui puxada, com uma força atípica para alguém daquela idade, e a mão foi virada e perfurada por uma pequena agulha.

“Aaai!”, gritou a rainha.

O sangue escorreu para uma pequena tigela de barro.

“Está feito!”, disse a bruxa, esbugalhando ainda mais os olhos sobre o sangue.

“É isso? Agora já posso engravidar?”

“Claro que não, tola! Esse é somente o meu pagamento adiantado! Agora, preciso que busques algumas coisas para mim! Nestes dias, nem mesmo eu me atrevo na floresta com o que há lá fora!”

A rainha olhou ressabiada por trás do ombro. Então, a velha consultou um antigo tomo de magia negra e fez uma lista com três itens:

“Voltarás amanhã com o sangue de teu período mensal, as penas de um corvo e os olhos de um defunto do cemitério! Mas, presta atenção: esse último ingrediente deve ser colhido às 3 horas da madrugada, sem mais, nem menos, ou o feitiço não funcionará!”

A mulher do rei pegou a estrada de volta para o castelo, ouvindo aqueles sons que lhe faziam gelar a alma. Seguindo as orientações da bruxa, saiu às escondidas por volta das 2 horas da madrugada, para que tivesse tempo de

encontrar um cadáver no cemitério e extirpar-lhe os olhos no horário correto. Chegando lá, ela foi iluminando as lápides com uma lanterna em busca da que tivesse a aparência mais recente, quando viu um amontoado de terra fofa e granulada.

Passou as mãos sobre o monte e concluiu que os parentes ainda deviam chorar por aquele sepultamento. Pegou uma pá e cavou até encontrar o corpo de um homem, que já fedia, mas ainda não estava decomposto. Enquanto enfiava-lhe uma faca dentro das órbitas para arrancar os olhos, vomitou por duas vezes diante de tamanha atrocidade.

“Perdoa-me, meu senhor! Perdoa-me!”, suplicava ela, quando foi interrompida.

“Não te preocupes, ele não pode sentir nada!”, disse uma voz aguda.

A rainha gritou e quase deixou os globos oculares caírem no chão. Olhou para trás e teve uma visão apavorante, de uma pequena menina de capuz vermelho. Como se a visão já não fosse abominável, ela ainda tinha a testa perfurada, tal qual os animais da floresta.

“Ahhh!”, gritou a rainha.

“Desculpa, não quis assustá-la!”, respondeu a menina, inocentemente. “Pra quê a senhora precisa dos olhos?”, disse, sem mudar o tom de voz, mas a rainha só conseguia berrar.

A mulher enfiou os olhos num pequeno vaso e saiu dali, correndo. Atrás de si, a menina deu de ombros, tocou a testa perfurada e disse:

“Ah, então deve ter sido isso...”

Na manhã seguinte, a rainha voltou até a cabana na floresta levando os olhos, seu próprio sangue espremido numa tigela de cerâmica e as penas do corvo, único ingrediente fácil daquela lista.

A velha bruxa parecia ainda mais horripilante quando abria seu sorriso com a língua passando entre seus dois únicos dentes. Ela pegou os ingredientes e fungou-os profundamente, como se fossem o mais perfumado dos vinhos.

“Que delícia!”, exclamou.

Em seguida, jogou um a um num enorme caldeirão com água e sua própria urina, entoando canções que jamais deveriam ter sido escritas. O líquido ferveu,

adquirindo a cor negra da morte. Ela pegou uma concha cheia, que veio borbulhando um líquido espesso e viscoso e ordenou à rainha:

"Bebe! Sem fazer perguntas!"

"Mas..."

"Vamos, vamos, não temos o dia todo!"

A mulher pegou a concha e teve que se segurar para não vomitar. Quando o pensamento começou a transitar pela visita ao cemitério na noite anterior, ela tentou pensar em outra coisa e levou a concha à boca de uma só vez. Bebeu tudo num único gole, que queimou sua língua e desceu rasgando pela garganta como cacos de vidro.

O líquido se remexeu em seu estômago e logo tentava voltar para cima. A rainha se preparou para expeli-lo, mas, como se já houvesse imaginado, a bruxa pôs sua mão suja e verruguenta na boca da mulher.

"Não, não, não", exclamou. "Tens que ficar com o líquido na barriga até te deitares com teu marido no momento em que a lua cheia estiver mais alta! Senão o feitiço não funciona! Compreendeste?"

A rainha forçou-se a engolir o gole de vômito que subia com a bile, piorando ainda mais o gosto em sua boca.

"Agora, parte!", ordenou a velha. "Nos veremos depois do nascimento da criança, quando virei cobrar meu preço!", riu.

Naquela noite, mesmo nauseada, a rainha esperou acordada o momento em que a lua cheia brilhou mais forte no céu. Acordou o rei, que por um momento achou que estivesse sonhando ou a mulher delirando, mas logo entrou naquela dança e ambos se amaram como há tempos não faziam. O marido dormiu com um sorriso no rosto que durou até a manhã seguinte e a esposa chorou, já sem saber se queria que o feitiço funcionasse ou não.

Mas bastaram poucos dias para que ela começasse a sentir os primeiros sinais da gravidez: enjoos, uma fome animalesca e uma constante vontade de se aliviar no balde. A princípio, os sintomas foram motivo de comemoração, mas a futura mãe logo percebeu que não eram como aqueles que suas aias sentiam quando engravidavam. Primeiro, foi acometida por uma febre delirante que a fez convulsionar. Depois, sua língua passou a se retorcer, como se puxada garganta abaixo pela garra de um bicho-preguiça. Seu estômago parecia ser revirado pelo

nariz de um porco selvagem, as unhas caíam como se quisessem fugir das falanges e de sua vergonha uma enxurrada de sangue descia torrencialmente, explodindo em bolhas fétidas de fumaça preta que estupravam as narinas, batiam no pulmão e voltavam pela laringe impregnando todo o palato.

Médicos e curandeiros foram chamados pelo rei, mas não havia ninguém naquela terra capaz de explicar a razão de tamanha enfermidade. Sem esperanças, o marido levou o sacerdote até o castelo e lhe ordenou que fizesse os sacramentos finais da mulher e do filho que jamais nasceria.

No ardor de seus delírios febris, a rainha confessou:

“Perdoa-me, sacerdote! Estou pagando o preço porque fiz um pacto com um demônio”, balbuciava, semi consciente.

“Do que estás falando, mulher?”

“A bruxa... a bruxa que vive na floresta...”

O rei, estarrecido por aquelas palavras, tentou aprisioná-las no porão de sua mente e clamou aos céus que elas fossem um simples delírio. E, caso fossem verdade, implorou aos deuses para que tivessem piedade da alma da esposa.

Mandou seus guerreiros mais condecorados até a floresta atrás da bruxa, mas dentre os corajosos guerreiros, poucos foram os que não desertaram frente aos boatos sobre as coisas inomináveis que aconteciam além dos muros de granito. Dos que se atreveram a cumprir as ordens do rei, poucos voltaram e, os que conseguiram, disseram não ter encontrado nada.

Foram doze semanas de uma incomensurável miséria sofrida pela rainha. No entanto, para a surpresa de todos, ao início da décima terceira, as agruras se foram por completo. A saúde foi reestabelecida como que por milagre - os enjoos passaram, as unhas agora cresciam viçosas e brilhantes e o sangue borbulhante deu lugar a um renovado apetite pelos prazeres carnais que em muito agradou ao marido.

“Talvez não haja bruxa alguma!”, pensou o rei, lembrando-se das histórias contadas por seu avô, sobre uma fatídica noite na qual o mal foi liberto dentro daquele mesmo castelo.

Os meses foram passando e a gravidez seguiu de forma tranquila. A barriga enorme parecia abrigar um bezerro, e era ostentada da janela com orgulho pelos futuros pais. E, lá embaixo, entre seus fiéis súditos, quem mais parecia estar feliz

era uma mulher envolta num manto preto:

“He, he, he... mal posso esperar pelo nascimento!”, riu.

“Será um momento de grande alegria, não é mesmo?”, perguntou-lhe um camponês que também acenava para os regentes.

A velha tirou o manto preto, exibindo uma cabeleira loira e densa.

“Tu não podes imaginar!”, riu.

A bruxa sentia-se revigorada, e aparentava ser ao menos 30 anos mais jovem. E, ainda que não fosse exatamente bela aos olhos da sociedade, podia se misturar ao povo enquanto aguardava a chegada da criança.

O que ela não sabia era o quão forte seria o amor daquela mãe pelo bebê que crescia em seu ventre. Amor que expurgou do corpo a magia negra como um alimento estragado, protegendo o pequeno feto de toda a maldade. Assim, quarenta semanas após o encontro na floresta, ao invés de uma abominação disforme como a bruxa planejara, a rainha deu à luz uma linda menina, a pequena Branca, que nasceu com os lábios vermelhos como sangue, os cabelos negros como as penas de um corvo e a pele branca como os olhos de um defunto.

Ao ver o bebê perfeitamente saudável sendo exibido na janela do castelo, a bruxa, agora aparentando ser ainda mais jovem e com quase todos os dentes na boca, sentiu-se traída. Voltou para sua cabana na floresta, onde fez seu feitiço mais poderoso, e o trouxe na forma de uma maçã.

“Majestade... gostaria de parabenizá-la por sua linda filha... e aproveitar para oferecer-te este presente!”, disse no Dia de Oferendas, em que todos os servos do reino levavam presentes e dinheiro para a família real.

A rainha, sentada ao lado do rei e com a pequena Branca nos braços, salivou ao ver aquela maçã tão apetitosa. Preparou-se para mordê-la, quando a menina começou a chorar e se debater histericamente.

“O que esta menina tem?”, perguntou, passando-a para os braços do marido. Nisso, a bruxa já se dirigia à saída. O rei tentou acalmar a filha, quando a rainha mordeu a maçã. Poucos segundos depois, gritos foram ouvidos, que soaram como uma suave melodia para a velha enquanto descia as escadas do castelo, às gargalhadas.

À primeira mordida na maçã maldita, a rainha sentiu a língua endurecer, o

corpo formigar, as pálpebras ficarem pesadas, até que caiu num sono tão profundo que seu coração não conseguia mais bombear sangue para o corpo. Morreu ali mesmo, sufocada aos pés do marido, da filha e dos súditos.

Talvez fosse consequência do feitiço, ou então de sua lendária beleza, mas o fato é que seu corpo jamais apodreceu. A pele mantinha-se suave, os cabelos sedosos, até os lábios pareciam não ter ressecado. Por isso, o rei ordenou que o corpo fosse colocado num belíssimo esquife de vidro, para que ele pudesse admirar a beleza da esposa morta todos os dias de sua vida.

A história sobre a chocante morte da rainha abalou a todos os súditos. Tornou-se fofoca, depois lenda e, enfim, mau agouro. Ninguém ousava comentar abertamente que a rainha havia feito um pacto com uma bruxa para conceber sua filha e pagara com a própria vida. Os rumores logo chegaram aos ouvidos do monarca, que se lembrou dos delírios da esposa durante o início da gravidez e das palavras que mantinha aprisionadas para que não apodrecessem seu pensamento.

Por mais que ele tentasse evitar, as recordações agarravam-se ao luto e cresciam como hera, infectando seu amor pela filha. Assim, ele acabou culpando-a pelo miserável fim da esposa e a pequena Branca, cujos primeiros dentes ainda lhe rasgavam as gengivas, passou a ser tratada pior do que os prisioneiros do calabouço: vestia roupas velhas, comia apenas migalhas e dormia no chão frio sem conforto nenhum.

Os meses passaram e o rei ainda não havia superado a perda. Todos os dias, ele passava horas olhando para o corpo intacto da esposa dentro do esquife, orando para que um dia acordasse. Mas tal dia jamais chegou.

O luto só teve fim quando o monarca viu chegar à corte uma forasteira de longos cabelos loiros, dona de uma beleza que em muito lembrava a de sua falecida esposa. Finalmente ele estava pronto para seguir adiante na vida: ordenou que o esquife fosse enterrado e desposou a forasteira numa grandiosa cerimônia, para a qual foram convidados reis, rainhas e sábios do mundo todo.

Mal sabia ele que estava se casando com a mesma bruxa ensandecida e invejosa, agora feita jovem, que causara todas as desgraças em sua vida.

Do escuro porão do castelo, Branca, a única que não tinha culpa de nada, ouvia a marcha nupcial, sem entender por que sua alma estava tão triste.

***

Após o casamento, a bruxa, agora feita rainha, teve a vida com que sonhara desde a sofrida juventude, muitas décadas antes. Vivia recebendo regalos de seu rei, conduzia à mão de ferro os rumos do reino, era tratada com respeito e submissão por todos.

Um dia, para provar seu amor, o rei mandou que seu caçador buscasse o presente mais caro do mundo, e ele voltou com um espelho encantado, capaz de responder a qualquer pergunta.

Aquele artefato mágico, que permitia à bruxa navegar livremente por todo o conteúdo e o conhecimento humanos, poderia tê-la transformado na mais sábia e culta das rainhas. Contudo, ela apenas o utilizava para descobrir inutilidades, bisbilhotar a vida alheia ou alimentar o próprio ego. Assim, todos os dias pela manhã ela perguntava ao espelho mágico:

“Espelho, espelho meu, quem é mais bela do que eu?”, apenas para ouvir a resposta que lhe soava como uma canção de ninar:

“És de todas a mais bela!”

E foi assim durante tantos anos que a rainha acabou se habituando à resposta. Até que o espelho e todo seu conhecimento foram deixados de lado.

Enquanto isso, a pobre Branca levava uma vida que em nada lembrava a de uma princesa. Esvaziava os baldes de excementos no rio, esfregava o chão, buscava água no poço. Todos lhe davam ordens, da rainha aos escravos. Todos sentiam que, de alguma forma, eram superiores a ela, pois ainda que ninguém tivesse coragem de admitir, não havia culpa em maltratar alguém que todos acreditavam ser amaldiçoado.

Se fosse questionada, Branca sequer poderia afirmar que era triste, pois em toda a vida jamais tivera momentos felizes para comparar. Mas, mesmo com tamanha provação de seu espírito, a menina crescia como uma rosa no deserto, que debocha das adversidades que a natureza lhe impõe. A cada dia, ficava mais bonita, característica que ao menos atenuou o tratamento cruel com que muitos na corte lhe dispensavam.

“Talvez ela seja mesmo filha do rei”, comentou um servo, ao notar sua beleza.

“Talvez ela não seja maldita!”, arriscou o outro, sem imaginar que jamais saberiam a resposta.

Um dia, quando o corpo de Branca já se desabrochava em mulher, o príncipe

de um reino distante chegou ao castelo após passar dias perdido na floresta sombria. Faminto e com sede, relatou as mesmas coisas que todos os viajantes que por lá se arriscavam: ouvira vozes, sussurros, risadas e espirros vindos de todos os cantos, além ter encontrado animais de todos os portes com uma sinistra perfuração no crânio.

Sem tirar os olhos do príncipe, a rainha ouviu suas palavras, com particular interesse pelos monstros que atacavam os animais:

“Viste algum? Sabes se é um, se são vários?”, perguntou, intrigada.

“Não! Atravessei a floresta a cavalo, correndo sem olhar para trás, até que encontrei vosso castelo.”

A rainha estava preocupada. Mas algo a impedia de pensar direito:

“Por que não passas a noite aqui, meu belo príncipe? Pela manhã, estarás recuperado e poderás seguir viagem.”

“Muito obrigado, majestade. Aceitarei vosso presente de bom grado! Onde fica o quarto de hóspedes?”

“Vêde que ironia! Aqui, neste enorme castelo, não temos quartos para hóspedes. Mas não te preocupes - o rei está viajando”.

***

Na manhã seguinte, o príncipe deixou o quarto da rainha. Mesmo sem ter bebido nada na noite anterior, sentia uma ressaca que lhe entorpecia a alma. Sem saber explicar a razão, sabia que tinha feito algo de que se arrependeria. Mais do que depressa, pegou suas coisas e partiu.

No pátio do castelo, viu algo que chamou sua atenção. Tirando água do poço para lavar o chão, estava uma jovem maltrapilha, tão linda que o atraiu como a lua faz com os vagalumes.

“Qual é teu nome?”, perguntou o príncipe.

Branca não respondeu. Virou-se para fugir, o príncipe a pegou pela mão e ela recuou por um segundo, ao sentir a sedosa textura da pele em contato com seus dedos calejados, que fez um arrepio subir até a nuca. Olhou para trás e apenas riu, antes de sair correndo para o porão.

Aquele seria o único momento feliz que Branca teria em toda sua vida,

incluindo as poucas semanas miseráveis que ainda lhe restavam.

***

Da janela de seu quarto, ainda nua, a rainha viu Branca no jardim do castelo sendo cortejada pelo príncipe. Seu coração foi então tomado por um sentimento ainda pior do que a inveja: a dúvida. Ela se dirigiu até a superfície empoeirada do velho espelho mágico. Passou os dedos entre seus cabelos, revelando algumas raízes que começavam a branquear. E, enfim, depois de muitos anos, limpou o espelho com um pano e fez-lhe uma pergunta para a qual não tinha mais certeza da resposta:

“Espelho, espelho meu, quem é mais bela do que eu?”

Com a mesma voz grave de antes, o espelho respondeu:

“Ainda és muito bela, mas há alguém cuja beleza superou a vossa. Ela tem os lábios vermelhos como sangue, os cabelos negros como as penas de um corvo e a pele branca como os olhos de um defunto”, antes de mostrar a imagem da pobre Branca esfregando o chão do pátio.

“Aquela pirralha! Pior para ela!”, esbravejou a rainha. “Não fosse por mim, ela sequer teria nascido! Como se atreve a ser mais bela do que eu? Eu sou de todas a mais bela! EU!”

A rainha chamou seu fiel caçador, a quem ordenou:

“Leva-a para bem longe, até as fronteiras de nosso reino. Não me importa o que farás com ela. Mas depois quero que me tragas o coração nesta caixa, como prova de teu êxito!” - concluiu, entregando-lhe uma caixa de madeira com detalhes de ouro.

O caçador tentou argumentar:

“Mas, majestade, a princesa...”, quando foi silenciado com um berro histérico:

“Se acaso falhares, tu morrerás!”, alertou a rainha.

O caçador abaixou a cabeça e foi embora.

***

“Princesa?”, disse o caçador, à pobre Branca, que limpava a sujeira dos pombos do chão do pátio.

“Ninguém me chama assim, ainda que eu seja a filha do rei”, respondeu Branca.

“Tua madrasta mandou que eu te entregasse um presente!”

“Um presente, caçador?”, ela estava surpresa, pois nunca havia ganhado um mísero broche de pano.

“Sim. Queira me acompanhar, por favor!”, era a primeira vez que alguém lhe dizia essas duas últimas palavras.

Curiosa, a jovem obedeceu ao caçador. Fosse em outra situação, a cena seria malvista por qualquer um no reino: uma garota maltrapilha acompanhando um senhor de meia idade para além dos muros que separavam o castelo da floresta sombria. Mas, como se tratava da infame Branca, as pessoas olhavam com desdém, algumas até lhe atiravam coisas.

“Amaldiçoada!”, gritou um, atirando um tomate.

“Cuidado com ela, caçador!”, sussurrou o outro.

“Princesa, como consegues viver com tamanhos insultos?”, perguntou o caçador.

“Eu já estou acostumada... dizem que foi por minha causa que minha mãe morreu... Talvez tenha sido mesmo...” Branca era como um cachorro que, espancado sem saber o motivo, começa a achar que fez algo para merecê-lo.

Chegaram às portas da floresta sombria pouco depois, um lugar sem nada de especial, com vegetação rasteira que precedia as árvores sombrias e retorcidas que se avolumavam logo à frente. Sem saber o que dizer, o caçador apontou para uma moita e disse:

“Hã... lá está teu presente!”.

“Uma moita? Com flores? Mas que coisa mais adorável! Talvez a madrasta não seja tão má assim, afinal!”

A inocente Branca abaixou-se para colher as flores, quando viu a sombra do caçador se projetar a sua frente. Ela se virou e o viu erguendo o punhal, pronto para ceifar sua vida.

“Aaaah!”, gritou ela. “Socorro! Socorro!”

A mão do caçador tremeu, derrubando a arma. Arrependido, ele se ajoelhou

diante de Branca.

“Princesa... por favor, perdoa-me! Tu não mereces isto! Ela é má, invejosa! Ninguém pode com ela!”

“Ela... ela quem?”

“A rainha! Tua madrasta, ela é quem ordenou que te matasse! Tu precisas fugir, para bem longe! Vá, fuja, menina! Para bem longe, sem olhar para trás!”

E, naquele instante, a vida de Branca, que nunca fora fácil, mudara por completo. Ela correu assustada para a floresta proibida, sem imaginar que jamais voltaria.

O caçador, resignado, viu a pobre princesa correr para o único lugar no mundo onde sua vida poderia piorar. Preparou-se para voltar para o castelo, já com um plano em mente: arrancaria o coração de um porco, sob muitos aspectos idêntico ao humano, e o apresentaria à rainha como se fosse o de Branca.

Pegou seu punhal e abaixou-se, procurando pela trilha de um animal. Não tardou a encontrar uma, e passou a seguir as pegadas quase equidistantes.

“Foi naquela direção”, pensou, enquanto desenhava o mapa em sua mente.

Alguns metros à frente, os intervalos entre as pegadas se tornaram mais espaçados.

“Fugiu de alguma coisa”. Mas não havia outras pegadas ali. O que quer que o porco tivesse visto, devia ser grande o bastante para amedrontá-lo à distância. Talvez já estivesse morto.

“Tanto melhor”, concluiu o caçador, “desde que o coração esteja intacto”. Nada poderia prepará-lo para o que veria adiante.

A carcaça do porco ainda estava quente. Parara de respirar há poucos minutos, em consequência da perfuração precisa em seu crânio.

Quem – ou que quer que tivesse feito aquilo – não o fizera para se alimentar, pois as partes nobres da carne, como as costelas, o lombo e, para quem aprecia, o rabo, estavam intactos. Apalpando os pelos do animal, encontrou algumas mordidas rasas, que não chegaram a arrancar pedaços. As que estavam em melhor estado expeliam pus e sangue, as piores, já eram consumidas por vermes.

“Como é possível?”, pensou. “O animal foi atacado há poucos minutos, como pode estar em decomposição?”

Foi quando ouviu um ronco atrás de si. Virou-se, procurando pelo predador, que pelo som não seria menor do que um javali. Mas nada viu. Do outro lado, ouviu uma risada maligna. E, enfim, um espirro.

Pela primeira vez, ele não era caçador, nem caça.

Era um banquete.

***

Desesperada, a pobre Branca seguiu as ordens do caçador e fugiu mata adentro, alheia à sangrenta carnificina que ocorria atrás de si. Tropeçando em galhos e enroscando-se em cipós e teias de aranha, não se detinha por nada, enquanto corria e tinha as roupas dilaceradas por galhos e espinhos. Os membros ardiam em carne viva, os músculos imploravam por piedade quando um passo em falso fez com que tudo começasse a rodar. Água e terra entraram por sua boca, as pernas giraram soltas no ar até que a cabeça bateu numa pedra e os olhos se fecharam.

“Vou morrer”, pensou Branca, antes de desmaiar. Mas, se a sorte tivesse lhe sorrido uma única vez, a pobre sequer teria vindo ao mundo.

Quando despertou, viu dois enormes olhos amarelos diante dos seus. Gritou novamente, e a coruja, revoltada, bicou-lhe a testa, quase atingindo o olho. Observou a seu redor e estava completamente cercada por lobos, morcegos, coelhos, um alce, um porco-espinho, abutres e até uma tartaruga.

Os animais, imóveis, olhavam-na como se ela lhes devesse algo. Não fosse pela respiração e pelo o rosnar dos lobos, parecia que estavam empalhados.

A raposa veio e farejou suas pernas trêmulas. Nem se deteve com o sangue que escorria de seus ferimentos. A coruja, agora de cima de um galho, mantinha as asas abertas, tentando parecer mais assustadora. E o coelho batia os pés nervosamente no chão, com os olhos vermelhos fixos nos da jovem, apavorada com os lobos que lhe rosnavam mostrando os dentes.

De repente, algo invisível chamou a atenção dos animais. Se Branca tivesse os sentidos aguçados como os da raposa ou do coelho, teria ouvido, a centenas de metros dali, um espirro.

Os animais bateram em retirada, e Branca ficou sozinha outra vez.

***

Foram apavorantes horas de caminhada floresta adentro.

Os sentidos de Branca, à flor da pele, a deixavam alerta a qualquer som, como folhas secas se partindo e um riacho que devia correr ali por perto. Mas os sons mais aterrorizantes que ela escutava eram assustadoramente humanos, como risadas, roncos e espirros que ela não sabia dizer de onde vinham.

Seus olhos já estavam anestesiados com tamanha matança que vira espalhada pelo chão e pelos galhos. Em todos os lugares havia animais com o crânio perfurado. A fome lhe comprimia o estômago, mas ela não teve coragem de comer a carne dos bichos, muitos deles em estágio avançado de putrefação.

A falta de alimento, bebida e sangue deixava-a mais lenta e a adrenalina já não era combustível suficiente para manter as pernas em movimento.

Finalmente, elas cederam, e Branca desabou no chão. Nem tentou se levantar. Gritava "Por quê, por quê?" com a boca enfiada na terra, que abafava o som e era golpeada pelos punhos. "Por que eu, por que tanta desgraça acontece comigo?". Pediu aos céus por um sinal, um único sinal de que as coisas poderiam, um dia, melhorar.

Foi quando ela ergueu a cabeça e viu, poucos metros a sua frente, um pequeno seixo branco. À frente dele, mais um, e mais um, formando uma trilha que levava a uma pequena casa feita de pedra, no meio de uma clareira na floresta.

"Não... não pode ser!", disse, incrédula, tirando a areia dos olhos.

Ergueu-se rapidamente. Ao que tudo indicava, a casa estava abandonada, visto a quantidade de pó que se acumulava nos vidros. Na frente dela, havia um poço, de onde ela puxou um balde cheio d'água. Apesar do gosto de terra e lodo, foi a melhor bebida que tomou na vida.

"Mas que casa mais bonita!", pensou. "Como pode uma casa dessas ficar abandonada aqui, no meio da floresta?"

Ela limpou um dos vidros com a mão e olhou o interior. Vazia. Gritou:

"Ô de casa!", mas ninguém respondeu. Abaixou-se e entrou pela porta, destrancada.

Tudo estava muito bagunçado, com pratos e roupas sujas espalhados pelos cantos. As paredes eram resistentes, feitas de pedra, e a estrutura toda feita de madeira antiga. A sala era equipada com uma lareira e, num canto, havia um belíssimo órgão de tubos.

Branca pressionou levemente uma das teclas, que enviou ar comprimido para o tubo correspondente e soprou em lá.

“Gostaria muito de ter aprendido a tocar piano...” pensou, lembrando-se de sua sofrida infância.

Subiu para inspecionar o segundo andar. Num pequeno quarto, havia um enorme baú, repleto de moedas de ouro e pedras preciosas. Mas que de nada valiam ali. Já o quarto ao lado possuía algo muito mais valioso para ela: sete pequenas camas.

“Devem ser de crianças”, pensou. “Talvez seus pais tenham sido mortos pelos monstros. Talvez elas também”. Juntando três delas, conseguiu formar uma cama só para si, onde caiu, exausta.

“Eu poderia viver aqui”, pensou. “Acho que minha sorte está mudando”.

Ela ainda não havia aprendido.

***

No castelo, a rainha já nem se questionava quanto ao êxito do caçador. Para coroar sua covarde vitória, ela perguntou ao espelho, cheia de si:

“Espelho, espelho meu, quem é mais bela do que eu?”

Depois de alguns segundos, o espelho disse:

“Por detrás das sete colinas, além da floresta sombria, numa velha casa abandonada que insiste em ficar de pé, vive Branca, que ainda é a mais bela!”

A rainha achou que o espelho estivesse enganado:

“Não, meu fiel espelho! O caçador a matou!”

“O caçador caiu em perdição. Está morto, minha rainha!”

“Morto? Como é possível! Mostra-me o corpo!”

A imagem do espelho mudou para uma simples paisagem da floresta sombria.

“Deves estar com algum defeito!”

Então a rainha foi acometida por uma ideia que jamais tivera antes:

“Mostra-me o que se esconde na floresta sombria”

“Nem mesmo eu posso revelar tamanho mistério...”

“Aaaah! Espelho inútil, tu não me serves de nada!”, gritou a rainha raivosa, socando o espelho, que se quebrou em vários pedaços, que caíram e continuaram falando em uníssono:

“Ninguém pode saber o segredo da floresta! Ninguém!”

Ela pegou um dos fragmentos e disse:

“Mostra-me a casa onde está Branca”. A imagem mudou prontamente para a da casa no meio da floresta.

“Leva-me até ela” e todos os fragmentos responderam juntos:

“Como desejares, minha rainha”

Ainda que ela sempre temera o que se escondia nas matas, seu ódio e sua vaidade eram ainda maiores do que o medo.

“Branca, tu não perdes por esperar! Mas... um momento! Como a rainha, não posso ser vista deixando o castelo em direção à floresta! Certamente levantarei suspeitas... sendo assim, creio que sei o que devo fazer, ha ha ha!”

A bruxa desceu até o porão numa escada secreta em espiral, conhecida apenas pelas ratazanas e pelos camundongos. Lá havia um covil improvisado, onde ela guardava livros e ingredientes mágicos trazidos de sua cabana que, se descobertos, a condenariam à morte na fogueira centenas de vezes.

Pegou um caldeirão enferrujado, no qual, durante longas horas, preparou um feitiço que temporariamente revelaria quem ela era por dentro: uma bruxa velha e decrépita.

Ela tomou a poção e, tão logo o líquido descia por sua garganta, começou a sentir seus efeitos. A pele afinou e se enrugou, enchendo-se de verrugas horrendas. Os olhos se amarelaram e saltaram para fora, os cabelos e dentes caíram apodrecidos, a coluna se curvou, deixando-a corcunda e fazendo a pele das tetas quase tocar o chão. E, após aquela horrenda transformação, ela ria como uma hiena. Olhou para o fragmento de espelho em sua mão, revendo pela primeira vez em anos sua verdadeira forma. Tocou com os dedos as verrugas e pintas peludas que lhe cobriam a pele, passou a língua entre os dois únicos dentes da boca, escovou os finos tufos de cabelos brancos. Por mais doentio que parecesse, ela sentia um fascínio nostálgico por sua antiga forma.

“Agora ninguém vai desconfiar desta velha! E quando der cabo de Branca, serei novamente a mais bela de todas! Bwhahahaha!”

Consultando um de seus antigos tomos de magia negra, ela reviu o sono da morte, a receita de maçã envenenada que ela dera à antiga rainha. Com cuidado, seguiu as instruções, misturando o manto da noite, o riso de uma bruxa, pó de múmia e o ingrediente mais poderoso de qualquer feitiço: doses cavalares de ódio. Quando terminou, não tinha em mãos uma simples maçã envenenada. Aquilo era sua obra de arte, com a superfície brilhante e a morte pulsando por dentro.

“Agora começa teu sortilégio!”, riu, enquanto via seu próprio rosto refletido na casca perfeita e reluzente. Guardou a fruta num cesto e deixou o castelo em direção à floresta.

***

Em sua nova vida, Branca saía de casa somente em casos de grande necessidade. A despensa da cozinha abandonada ainda dispunha de muitos alimentos, como farinha, açúcar, sal e grãos, que, mesmo cheios de carunchos, podiam ser usados para preparar suas refeições. Por mais pobres que fossem, ainda eram infinitamente melhores do que aquelas que ela tinha nos porões do castelo.

O poço do lado de fora fornecia água relativamente potável, que ela ainda usava para limpar o chão e tirar o pó dos móveis. Em pouco tempo, o lugar começou a se parecer com algo que ela jamais tivera: um lar de verdade.

Tudo correu bem nos primeiros dias. No entanto, àquela altura, a jovem Branca já havia aprendido que os momentos de paz, ao menos em sua vida, eram passageiros como uma chuva de verão. Por mais que não escutasse os horripilantes sons vindos da floresta, ela sabia que um dia eles viriam.

Desmontou as camas e os móveis para aproveitar sua madeira e, com ela, vedou todas as janelas. Quando a madeira acabou, arrancou o tampo das mesas e usou até mesmo livros como tijolos improvisados.

As únicas fontes de luz eram a porta da frente, algumas frestas nas janelas, pelas quais ela observava atentamente o mundo exterior, e o buraco da chaminé, que também servia de posto de observação.

Em seu coração, desejou que os monstros a deixassem em paz. Mas, se acaso

viessem, ela estaria preparada.

***

A bruxa usou o pedaço do espelho como uma bússola para se guiar pela floresta. Revisitando as árvores retorcidas e vegetação quebradiça, ela se recordou dos tempos em que vivera ali, à margem da sociedade e à mercê dos monstros, sentindo uma ponta de saudade.

A verdade é que a temida floresta nem sempre fora assombrada. Inexplorada, talvez, mas isso era tudo. Quando ela se mudara para lá, fugindo da cidade muitas décadas antes, não havia nada de muito anormal por entre as árvores. Os fenômenos estranhos relatados por quase todos os viajantes teriam começado a ocorrer só depois de alguns anos. De sua antiga cabana improvisada, ela passou a escutar os animais berrando e se digladiando com o que acreditava serem monstros, que riam, espirravam e roncavam o tempo todo. Até assobiavam vez por outra. Mas ela nunca, nunca havia visto nada. Com o passar do tempo, voltou a se sentir de certa forma segura, já que o único indício de que os monstros realmente existiam eram os crânios perfurados que costumavam aparecer na estrada.

“Talvez não gostem de carne humana”, era o pensamento que a reconfortava.

Continuou seguindo o espelho e, vez por outra, encontrava corpos de animais – ou pedaços deles, espalhados pelo chão ou pendurados nos galhos, como a enorme carcaça de um urso marrom, estendida no ar como se estivesse voando. A inevitável perfuração na testa estava lá, com a diferença de que ela parecia se mover, dado o grande número de vermes que se deleitavam com tão farto repasto.

“Os monstros não atacam humanos”, repetiu como um feitiço. “Os monstros não atacam humanos”. Prometeu a si mesma que, depois que matasse Branca, jamais voltaria a pôr os pés naquele lugar maldito.

No caminho para a casa indicado pelo espelho, a bruxa ouviu uma estranha composição de pancadas desordenadas, como um batuque intermitente na madeira. Olhou para cima e viu dezenas de galhos amarrados no topo das árvores que, com o vento, se batiam e causavam aquela bizarra sinfonia.

“Quem teria feito isso?”, perguntou-se. “E com qual razão?”. Ela jamais saberia a resposta.

Caminhou mais um bocado, até que se deparou com uma antiga mina abandonada, provavelmente de pedras preciosas. Nas paredes do lado de fora, havia símbolos indecifráveis até mesmo para ela, que estudara línguas interditas, feitos com sangue.

“Como é possível eu nunca ter visto esta mina aqui?”, pensou, passando reto pela entrada sem a intenção de se deter. Mas ela ficou paralisada de medo ao olhar de relance para o interior da mina. A fenda era tão escura que não parecia simplesmente bloquear a luz, mas ao invés disso contaminá-la, espalhando a sombra como sangue na água. Era impossível ver a profundidade, mas o bafo gelado que emanava de lá era carregado de medo e injúrias que soavam como se vindas do próprio inferno. O mal absoluto, com o qual nem mesmo ela teria coragem de se envolver. Apertou o passo e seguiu em frente. Sentiu-se observada, mas não ousou olhar para trás.

Depois de andar por quase uma hora, ela continuava vendo a casa no espelho, mas não sentiu que estava fazendo progresso. A temperatura começava a cair e a bruxa, que há muito já estava habituada aos mimos e aos confortos da vida no palácio, resolveu fazer o longo caminho de volta.

“Pro inferno com aquela menina. Já deve estar morta a uma hora destas”

Quase uma hora se passou desde que ela havia dado meia volta, quando seu pensamento foi cortado por algo que caíra em sua testa verruguenta. Achou que fosse uma gota de chuva, mas o que pegou entre os dedos foi um verme, que se retorcia de maneira desleixada com a barriga para cima, empanturrada de carne. Ela ergueu o pescoço e ficou paralisada ao ver o enorme urso marrom de antes ainda sendo consumido.

“O quê?! Como pode ser?”, pensou, olhando para o pedaço do espelho, demandando uma explicação. Mas ele nada respondia. Ela correu, buscando no chão suas próprias pegadas para reencontrar o caminho para o castelo. Passou pelos galhos amarrados nas árvores e depois se deparou novamente com a velha mina abandonada.

Caso seu coração já não estivesse apodrecido, a bruxa sentiria algum remorso, pediria perdão pelos horrores que perpetrou em vida. Pois naquele momento ela confirmara que o mal absoluto existe. Estava bem diante dela, na forma de sete pequenos anões putrefatos que emergiram do interior da mina.

Um era mais horripilante do que o outro. Ao centro, o que parecia ser o líder carregava uma picareta manchada de sangue, cuja ponta ele esfregava

cinicamente no chão. O segundo era como um cão raivoso, com a boca espumante. O terceiro era um catarrento que intercalava seus grunhidos com incontroláveis espirros que espalhavam catarro ensanguentado por onde ele passava. O quarto parecia um chacal, cujo riso realçava as bochechas rasgadas que deixavam à mostra seus dentes podres. O quinto parecia uma espécie de sonâmbulo, com os olhos fechados, as mãos para a frente e o pescoço quebrado, caído para o lado. O sexto talvez fosse o mais perturbador de todos, um depravado que andava balançando o quadril, enquanto ria e se insunuava tal qual uma macaca no cio. E o sétimo era um linguarudo com a mais horrível das mutilações: sem a mandíbula, sua língua ficava pendurada para fora, balançando como os testículos de um búfalo ensandecido.

Diante daquela visão infernal, a bruxa pôs-se a correr, enquanto os anões a perseguiram sem pressa, à exceção do cão raivoso, cujo bafo ela podia sentir logo atrás de si. Cometeu o erro de virar o pescoço, tropeçou e bateu com tudo numa árvore, derrubando perto de si o asqueroso urso que por pouco não a esmagou. Vermes voaram em seu rosto, varejeiras brilhantes taparam sua visão. E então o cão raivoso saltou sobre ela.

Seu corpo se virou por puro instinto e o monstro fincou seus dentes numa rocha. A bruxa se levantou e continuou a correr, lamentando profundamente por ter deixado o corpo mais jovem de rainha. Mais à frente, havia um barranco que, aliado à gravidade, lhe adiantaria mais alguns metros. Saltou, girou no chão ralando toda a sua pele e fechou os olhos.

Quando se deu por si, os anões haviam sumido. Não podia se dar ao luxo de descobrir a razão. Continuou correndo por horas até que viu, a poucos metros, pequena casa que vira no fragmento de espelho.

“Branca, Branca, abre, eu te suplico! Abre!”, gritava, esmurrando na porta. “Quem está aí?” respondeu a jovem, do outro lado. “Sou uma pobre vendedora que se perdeu nessa floresta maldita, por favor, abre, os monstros estão me perseguindo!”

Branca abriu a porta e a velha praticamente rolou para dentro. “Obrigada, muito obrigada...” dizia, tentando recuperar o fôlego.

“És uma vendedora?”, perguntou Branca, com a mesma inocência de sempre. “Sim, meu bem. Eu vendo maçãs... estava procurando a quem vender esta quando me perdi na floresta e fui atacada por sete monstros horríveis!”, respondeu a velha, com a voz trêmula. “Eu sempre achei que não atacassem humanos, mas...”

“Achaste? Já os viste antes?”, desconfiou Branca.

“Eu só os escutava... Tenho certeza de que os escutaste também”.

“Sim! São horripilantes!”, respondeu Branca, baixando a guarda, enquanto reparava na apetitosa maçã à qual a velha se referia.

“Mas acho que está tudo bem agora, graças a ti!”, a bruxa abriu seu sorriso asqueroso. “Foi muita bondade tua teres me salvado! Eu te darei essa maçã como um pequeno agradecimento!”. Mesmo tendo sido salva pela enteada, a maldita não havia desistido de seu plano.

Branca pegou a maçã, pensando em como seria ótimo enfim comer algo diferente.

“Muito obrigada... nunca ninguém havia me dado nada...” disse, comovida, enquanto se dirigia à pia.

“Não precisa me agradecer, meu bem... apenas coma e...”

A frase da bruxa foi interrompida pelo golpe de uma frigideira enferrujada que arrancou os seus dois únicos dentes.

“AAiii!” gritou a velha “O que foi isso?”

Branca a golpeou de novo. A velha se defendia com os braços, que batiam violentamente contra seu rosto.

“Vaca! Maldita! Meretriz! Bruxa!”, gritava Branca, que não tinha a intenção de intimidar, mas ferir o máximo que pudesse. Para desviar da barreira formada pelos braços, ela mudou a direção dos golpes e foi direto na orelha, desorientando e, finalmente, desacordando sua visitante.

“Vadia!”, disse, cuspindo e enxugando o suor.

***

Quando acordou, a bruxa sentiu as fibras da corda afundando em seus pulsos atrás de si. Os pés também estavam amarrados à cadeira e a única coisa que podia ver era o pequeno feixe de luz vindo da chaminé.

“O que... o que está acontecendo?” perguntou, procurando por Branca na penumbra.

“Quem és tu e de onde vens?” foi tudo o que ouviu.

“Já te disse, sou uma pobre vendedora que...”

Uma lanterna a óleo se acendeu e um novo golpe, desta vez, com o cabo de uma vassoura, foi sentido em sua orelha. Branca a queria bem acordada desta vez, pois não tinha tempo a perder.

“AAaai!”, esperneou a velha. “Por favor, eu te imploro, para de me bater! Nunca te fiz nada! Sou uma pobre...”

“Quem és tu?”, perguntou de novo, já se adiantando a uma nova mentira e desferindo um golpe, agora na face verruguenta.

“Ahhh!”

Ao perceber que a hóspede não abriria a boca facilmente, ela deu-lhe um pontapé, derrubando-a no chão, com cadeira e tudo. Puxando-a pelos tufos de cabelos brancos, levou a velha até a parede onde, por uma fresta, ela viu os sete anões infernais se aproximando.

“Eu consegui me manter escondida aqui por semanas! Semanas! E tu os trouxeste bem à minha porta! Se não me disseres quem tu és, e o que queres de mim, vou te jogar lá fora!” ameaçou Branca, já puxando a bruxa pelos cabelos em direção à saída.

“Pares! Tudo menos isto! Pares! Não me machuques mais...”

“Como sabias meu nome? Como sabias que eu estava aqui?”

A velha nada disse. Branca continuou arrastando-a para a porta, quando ela finalmente desembuchou:

“Eu sou... eu sou tua madrasta!”

Branca ficou estarrecida com aquela revelação:

“O quê?!”

“É verdade... eu vim até aqui... porque... porque...”

“Digas!”, gritou Branca, cuja fúria contida durante anos de miséria e provação estava prestes a explodir.

“... porque queria te dar uma maçã envenenada! Não suporto tua beleza, assim como não suportava a da tua mãe! Quero tudo para mim! TUDO!”

O punho direito de Branca, que pegou a frigideira, parecia se encher de

vontade própria. Ele começou a subir e a descer como um pêndulo, amassando os ossos da velha, cujos gritos de agonia foram ouvidos pelos anões. Branca só parou quando escutou as risadas e espirros perto o bastante. Correu até uma das frestas e viu que os monstros procuravam um jeito de entrar na casa. Foi até a cozinha, de onde trouxe um velho machado. Voltou até a bruxa e fez o inimaginável: cortou as cordas e deu-lhe a arma:

“Não vais morrer ainda! Tu vais me ajudar a enfrentar estas bestas!”

Há muito tempo Branca se preparara para aquele conflito. Destrancou a porta e voltou para dentro, onde, durante vários minutos, aguardou a inevitável chegada dos anões. O primeiro a entrar foi o cão raivoso, que foi logo recebido com um balde de óleo fervendo que fundiu seus lábios e olhos numa única massa de pele.

Enquanto agonizava de dor, os outros adentraram a casa. Todos igualmente ensandecidos, avançaram contra Branca e a bruxa.

“Defende-te!”, gritou Branca, antes de puxar uma corda que derrubou um saco cheio de pregos sobre os invasores. O metal perfurou seu cérebro e olhos, mas em pouco os deteve. O chacal continuava com sua gargalhada sinistra, ainda que o pescoço agora lembrasse um porta-alfinetes. Sem suportar mais aquela maldita risada, Branca avançou contra ele com certa satisfação pessoal. O anão tentou se proteger do facão e teve a mão decepada antes que a lâmina se detivesse em seu cérebro macio.

“Dois já foram”, pensou Branca, ingenuamente. Foi quando, por trás de si, o anão depravado saltou, mas, no último instante, foi perfurado por um machado.

“Só eu posso matar Branca!”, clamou a bruxa, enterrando a lâmina no peito do monstro.

Com sua picareta, o líder parecia ser o mais perigoso. Ele rodopiava o objeto no ar, arrancando lascas dos pilares de madeira e até pedaços de seus companheiros, que pouco pareciam se importar. Como uma domadora de circo, Branca usou a vassoura e uma cadeira como escudo para conduzi-lo até o meio da sala. Quando ele estava onde ela queria, ela jogou as armas contra ele, que apenas as rebateu, rindo de sua ingenuidade. Mas o que ela queria era distraí-lo enquanto puxava uma corda, que virou o baú de joias e moedas, pendurado logo acima, sobre o anão.

O baú caiu sobre a cabeça, quebrou o pescoço e fincou-se na jugular. Privado

de sua coordenação motora, o resto do corpo do anão ficou girando ao redor do próprio eixo, como uma galinha que tem a cabeça enterrada na terra.

Os três que ainda restavam, o linguarudo, o catarrento e o sonâmbulo, foram acuando Branca contra a parede onde estava o órgão de tubos. De frente para a morte, preferiu virar para o outro lado, onde estava o instrumento, e lamentou:

“Eu queria muito tido tempo para aprender a tocar...”

Indefesa, calmamente, deu as costas para seus algozes, que nada entenderam, e sentou-se no banquinho em frente ao teclado. Respirou fundo, olhou para cima e, com as duas mãos, pressionou as teclas que enviaram ar comprimido para os tubos cheios de pólvora.

Pedaços de chumbo voaram na direção oposta, massacrando os anões numa grave sinfonia que começava em lá, misturando explosões e o gastronômico som dos anões sendo transformados numa pasta de sangue.

No fim da música, Branca respirou fundo e olhou para trás. Viu o que sobrou dos anões, notando a língua do linguarudo saltando no chão como um peixe fora d’água. Adiante, estava o corpo do líder, ainda rodopiando pateticamente. A bruxa, impressionada com o feito de Branca, tinha os olhos arregalados. Em sua mão, estava o machado e, na ponta, o coração preto do anão depravado ainda pulsando e gotejando um líquido viscoso e escuro. O chacal jazia no chão com o facão enterrado em seu cérebro.

Branca respirou aliviada. Agora, seria apenas eliminar a bruxa, para poder voltar a sua vida normal.

Contudo, próximo à porta, o cão raivoso, que fora o primeiro a cair, enterrava as unhas na massa de pele que virara seus lábios. E puxava para liberar a baba espumante que se acumulara por baixo.

Foi aí que Branca percebeu seu erro.

“Por... todos os santos!”, exclamou, enquanto seu medo era lançado a altitudes exorbitantes.

A bruxa deu um salto quando o depravado ergueu a mão, reclamando seu coração arrancado. Perto da porta, o cão raivoso se levantava, com a pele derretida rapidamente voltando ao estado putretato de antes, enquanto o chacal arrancava a lâmina de seu cérebro.

Os anões não podiam ser mortos. Eles eram a morte.

“Atrás de ti!”, gritou Branca para a bruxa. Mas era tarde demais para salvar a madrasta, que foi mordida no pescoço pelo depravado. Sua jugular foi sugada como macarrão e, quando o anão se preparava para o segundo bote, foi derrubado pelo cão raivoso, que ao menos podia abrir um dos olhos e também queria seu quinhão.

Branca não deixou de sentir certa satisfação ao ver a bruxa agonizando no chão enquanto os dois anões se digladiavam por sua carne. Mas ela sabia que, se não fizesse algo, seria a próxima.

Usando a picareta, o líder golpeava o próprio pescoço a para separá-lo do corpo. A pasta de sangue que se tornaram o linguarudo, o sonâmbulo e o catarrento começava a se aglomerar em três monstros distintos. O cão raivoso e o chacal ainda esmurravam no chão, enquanto o depravado retomava seu promíscuo rebolado infernal.

Na cozinha, Branca buscou a lanterna a óleo, com a intenção de incendiar a casa com todos dentro. Preferia morrer queimada a ser devorada pelas bestas, quando algo ainda mais sinistro a desnorteou.

“He, he, he”, foi o que ouviu.

No chão, a bruxa ria, primeiro baixinho, depois de maneira histérica, descontrolada, até se erguer de uma só vez, puxada como uma marionete pelos fios do diabo.

“He, he, he... Branca, Branca... vem para a tua madrasta, vem! Vem ser a Branca dos Mortos!” – o corpo, revivido, já apodrecia, mas se movimentava com uma agilidade descomunal. Branca jogou a lanterna aos pés da bruxa. O objeto quicou, depois caiu e explodiu em óleo e chamas, mas aquilo em nada afetou a velha tornada morta-viva.

“Não podes nos queimar, Branca! Não podes nos matar! Vem, junta-se a nós! Deixa a tua querida madrasta te dar uma mordidinha... só uma mordidinha!”, ria a bruxa, exibindo sua boca sem dentes.

Os anões continuavam se aproximando, e tudo o que Branca podia fazer era atirar objetos a esmo, enquanto lágrimas de ódio escorriam em seu rosto. Pratos, panelas, facas e baldes voavam. Lembrou-se de toda a dor e do sofrimento que havia sido sua vida e de quanto a morte poderia lhe trazer alívio. Mas não estava disposta a se entregar facilmente. Não daquela maneira. Não ali, no único lugar de paz que ela havia conhecido.

Saltou ferozmente sobre seus algozes e, em especial, a bruxa, golpeando-a repetidas vezes com seu facão, até arrancar sua cabeça.

“Ela logo vai se recompor”, pensou. “Mas não será fácil!” Pelos cabelos, agarrou a cabeça que ainda gargalhava, desviou dos anões famintos e correu para fora da casa.

À frente do poço, contemplou a responsável por todas as desgraças de sua vida pela última vez:

“Vá para o inferno!”

E a bruxa falou, numa voz grave e masculina:

“Eu já fui e é lá que eu moro!”, antes de ser impulsionada por uma força invisível e morder a mão de Branca.

Mesmo que a boca não tivesse dentes, a pobre urrou de dor, ao ter a pele esmagada pelas gengivas. Balançou a mão, bateu-a contra as paredes internas do poço, mas ela não soltava de jeito nenhum. Então, enfiou a outra por baixo da mandíbula e fincou suas unhas no cérebro. Num espasmo, a boca abriu e enfim caiu no poço.

“Maldita!”, disse, ao ver o enorme ferimento preto na mão.

Os anões já estavam do lado de fora da casa, com o líder na frente, arrastando a cabeça com uma mão e a picareta com a outra. Provocador, ele esfregava a ponta da arma no chão para a direita e para a esquerda, brincando com sua vítima.

Fraca e cansada, Branca pensou nas alternativas que ainda lhe restavam. Só não se jogou no poço porque sabia que a cabeça da bruxa estava lá. Então, quando se virou para a floresta, pronta para fugir, foi derrubada por uma enorme coruja que voava na altura de sua cabeça.

Ela e a coruja foram ao chão. Mas, ao contrário da jovem, a coruja sabia bem onde ir: recompôs-se e foi direto para os anões, que já estavam sob o ataque de diversos outros animais. Grandes como um alce ou pequenos como um coelho, todos cravavam suas presas nas bestas, que se defendiam com mordidas e, no caso do líder, precisos golpes de picareta no centro do crânio.

Um morcego arrancou o olho regenerado do cão raivoso com o bico e o jogou longe, antes de ser agarrado e ter sua cabeça arrancada a mordidas. O alce derrubou o chacal e o depravado com seus chifres e os arrastou até se chocar

com uma árvore, com tamanha força e determinação que seu pescoço se quebrou com o impacto. A raposa e o lobo miravam direto nas jugulares, derrubando o linguarudo e o sonâmbulo. Assim, à custa da vida dos animais, os anões foram sendo reduzidos a pedaços de sangue, pus e carne trêmula no chão.

Foi então que Branca entendeu as carcaças espalhadas pela floresta. Quando confrontados pelo mal em sua mais pura forma, os animais não fogem como fazem do trovão ou do fogo. Atacam-no ferozmente, sentem-se compelidos a destruí-lo, temendo a fúria do Criador por terem deixado que o mal se espalhasse sobre a Terra, na forma daqueles sete desafortunados anões que um dia encontraram, numa mina de pedras preciosas, a porta para o inferno.

Contudo, nem mesmo todos os animais daquela floresta podiam extinguir o mal de forma permanente. Cada vez que um anão era dilacerado por uma raposa ou tinha seus olhos arrancados por um morcego, ele se recompunha em questão de horas, ou mesmo, minutos. E o terror recomeçava.

Branca então olhou para a gangrena em sua mão direita. Os dedos já estava pretos, secos e quebradiços. A sua volta, as carcaças dos animais misturavam-se aos pedaços dos anões, que tremiam como rabos de lagartixa e já começavam a se juntar. Quando a laringe e os pulmões do catarrento se encontraram, e o primeiro som que emitiram foi um espirro, Branca já sabia o que fazer.

Voltou para dentro da casa, que mesmo em chamas não cedia, onde viu o corpo disforme e decapitado da bruxa estendido no chão. Caída junto ao corpo estava a maçã envenenada.

Pegou a fruta e saiu da casa. Olhou para o céu, tomado por nuvens desoladoras, tentando se lembrar de como seria a mãe que a bruxa tirara de si. Lembrou-se do encontro com o príncipe, seu único momento de felicidade, e tentou se agarrar a ele enquanto sentia o gosto surpreendentemente doce da maçã envenenada se espalhar em sua boca.

Sentiu as pernas atrofiarem, o pescoço enrijecer e as lágrimas secarem dos olhos. Seu sofrimento chegava ao fim.

Assim ela pensava.

***

Logo, os pedaços dos anões se reagruparam, tornando-os as bestas demoníacas de outrora. O linguarudo continuou balançando a língua pendurada,

o líder tateava o chão à procura de seus olhos e da picareta. Um a um, estavam de volta ao além-morte, prontos para disseminar seu horror pelo mundo.

O cão raivoso foi o primeiro a ver o corpo sem vida de Branca estirado no chão. Aproximou-se dela com sua baba nojenta espumando pela boca, cheirou as pernas e uivou como a besta ensandecida que era. O líder então soltou um grunhido e todos o seguiram de volta para a floresta. Não tinham interesse na carne já fria daquele corpo sem vida.

***

Pouco tempo após a partida, passou por ali o desafortunado príncipe, que ainda não havia encontrado o caminho de seu reino. Não tinha a intenção de se deter diante da já rotineira cena de animais mutilados, mas no meio daquele pandemônio, viu o corpo de sua amada, inerte.

Aproximou-se e pôs-se de joelhos, com as mãos unidas em penitência. Tentou em vão reanimá-la, mas a vida já deixara aquele corpo havia horas. Então, o príncipe prometeu à amada um enterro digno da princesa que era, despedindo-se com um suave beijo.

Seus lábios tocaram os de Branca, que mesmo gelados ainda ostentavam o vermelho-sangue de sempre. Não tinha como ver os dedos gangrenados que se contraíram num pequeno espasmo. Como se puxada por um fio invisível, a mão preta da jovem se ergueu e foi lentamente até a nuca do príncipe, que sentiu dentes mordiscarem seus lábios. Cada vez mais forte.

João, Maria e os Outros

Ninguém, nem naquele reino nem em nenhum outro, pobre ou rico, encarnado ou desencarnado, jamais escapará aos desígnios que ingenuamente engolfamos em ilusões didáticas como “karma”, “providência” ou “justiça”. Esses mistérios, que quanto mais tarde compreender-vos, melhor será, cedo ou tarde se revelarão a todo homem e mulher, trazendo conforto a poucos e horror para a maioria, num tempo em que o mundo dos sonhos estará fechado para sempre.

De um lado, estava uma pobre família, formada por um pai, seus filhos, João e Maria, frutos de seu casamento anterior, e a madrasta das crianças, sua odiosa esposa. Do outro, estava o fantasma da fome absoluta. E tudo que se punha entre eles era um saco de pão velho e outro de farinha.

“Nossa comida está quase no fim. Se ao menos não precisássemos alimentar João e Maria!”, lamentou o pai, numa noite.

A mulher, que merecia o marido que tinha, disse erguendo as sobrancelhas:

“Pois eu já sei como vamos resolver isso. Amanhã, ao romper da aurora, tu levarás João e Maria até a parte mais sombria da floresta. Farás uma fogueira e darás metade deste pão aos dois. Depois, dirás que vais tratar de seus afazeres e os deixará lá!”

“Estás louca?”, disse o marido. “E se alguém descobrir... e se o lobo aparecer?”

“Até parece que tu te importas com os pirralhos!”, ela respondeu, histérica. “Nunca deste nem banho nem atenção a eles!”

“Mas, ainda assim, são meus filhos!”, respondeu o homem, sem negar as acusações.

A megera bateu na mesa de madeira maciça, lembrança de tempos mais abastados. “Se não fizeres isso, serão quatro mortos em vez de dois! Trate de pegar teu machado e uma lixa e faça desta mesa nossos caixões!”

O barulho da discussão fez com que João e Maria, que dormiam no cômodo acima, acordassem de sobressalto. Os pequenos ouviram, com detalhes, os insistentes pedidos da madrasta. E, como toda mulher quando quer alguma coisa, ela não deu um minuto de sossego até que o marido cedesse a seus suplícios:

“Está bem, está bem, tu venceste! Amanhã, eu levarei as crianças até a floresta, as abandonarei e, então, seremos só nós dois! Combinado?”

“Combinado!”, concordou a megera, sem disfarçar certa satisfação.

Maria começou a chorar, inconsolável, agarrada a seu único brinquedo, uma boneca improvisada com um saco de pano:

“Vamos morrer, João!”

Mesmo perante as adversidades que a vida lhe impunha, João sempre fora um menino inventivo e curioso. A asma fazia seu peito chiar, e aparecia com frequência na forma de tosse entre as palavras.

“Não vamos... Cof! Não vamos, Maria! Cof! Fique... Cof! sossegada!”

Depois que os dois adultos foram dormir, João se levantou, tomando cuidado para que seus passos não fizessem ranger as tábuas de madeira dilatada sob si. Vestiu seu paletozinho e, com um leve empurrão, abriu a porta e adentrou a noite. Em meio ao breu opressor, a luz da lua resplandecia em pequenos seixos brancos no chão. Um a um, o menino colheu todos que podia, permitindo-se imaginar que estava colhendo as estrelas do céu.

Voltou para casa e disse à Maria, sorrindo:

“Não te aflijas, irmãzinha. Cof, cof! Vai dar tudo certo! Eu tenho um plano!”

***

Ao raiar do dia, a madrasta levantou com o usual desgosto para a vida e acordou os dois enteados aos berros:

“Levantai-vos, seus inúteis! Vocês precisam ajudar vosso pai!” Ela então deu a cada criança metade de um pedaço do pão, dizendo: “Aqui está o almoço. É a única refeição que farão hoje, portanto, não comam antes da hora!”

O pai e os filhos partiram juntos para a floresta, silenciosa testemunha de

numerosas desgraças. Conforme andavam, João ia deixando cair os seixos no chão, marcando o caminho de volta. Ao ver que o garoto constantemente virava-se para trás, o pai voltou e o puxou pela orelha, que estalou com o frio:

"Anda logo, moleque! Não temos o dia todo!"

"Perdão, papai! Cof!", choramingou João, esfregando a orelha que, ao menos, estava quente.

Os pés das crianças, forrados apenas com sacos de pano e barbante, já formavam bolhas quando finalmente pararam de marchar, numa clareira no meio da floresta em que elas jamais haviam estado.

"Vou fazer uma fogueira aqui para que não sintam frio. Depois, irei buscar um pouco de lenha!", anunciou o pai. "Não saiam daí de maneira nenhuma, ou vos arrebento a cara, entenderam?"

As crianças balançaram a cabeça enquanto esfregavam as mãos nos braços. Tão logo acendeu a fogueira, o pai partiu, sob os olhares aflitos de João e Maria.

"Será que ele vai mesmo nos abandonar aqui?", perguntou Maria.

"Tomara que não, Maria... tomara que não." O pobre João ainda tinha esperanças, reforçadas pelo som do machado do pai cortando a madeira ali perto. Talvez tudo não passasse de um mal entendido.

Ele e a irmã sentaram-se bem perto ao fogo, tão perto que fez com que os piolhos fugissem de suas cabecinhas. Ao meio-dia, aqueceram seus pedaços de pão e comeram vorazmente. Como ainda podiam ouvir os golpes de machado por perto, sentiram-se seguros de que o pai não os abandonara.

Adormeceram.

Quando acordaram, já era quase noite. Assustados, chamaram pelo pai, sem obter resposta.

"Ele está aqui perto!", disse João, atento a seus sentidos. "Posso ouvir seu machado! Cof! Cof! Cof!". Sua tosse piorava muito à noite, em especial, se fazia frio. "Vamos procurá-lo! Cof, cof!"

O irmão tomou a dianteira. Mas bastou caminhar alguns passos para descobrirem que não era um machado que ouviam, e sim um galho que o pai prendera numa árvore e que o vento fazia bater para lá e para cá.

As crianças ficaram desesperadas enquanto, àquela altura, o pai já estava bem

longe, quase chegando em casa, ansioso por se aquecer na lareira.

O fogo já consumira a madeira e Maria começou a chorar lágrimas que congelavam ainda em seu rosto. Tremendo freneticamente, perguntou ao irmão:

“Ele nos abandonou mesmo, João?”

Sem fôlego para responder, ele apenas gesticulou em negativa.

A pobre menina abraçou o irmão. Encaixou a cabeça embaixo do queixo dele e ouviu o chiado de seu peito.

“João, como tu achas que é o céu?”

“Cooof, cooof!”. A tosse piorara muito. “Acho que é um lugar mais quente... Coooooooof e mais bonito do que esse”, respondeu João, esfregando os bracinhos de Maria.

“Será que tem muitos doces lá?”

O menino respondeu quase soprando:

“Tenho certeza disso, Maria! Cooooof! Lá existem casas feitas de pão, com telhados de bolo e... Coooof... janelas de açúcar... Nelas, cof, cof, cof, moram simpáticas senhorinhas que adoram cozinhar bolos e tortas para...” seu fôlego acabara ali.

João abraçou Maria, notando o orvalho que congelava sobre seus cílios. O menino já havia perdido a esperança, até que viu refletida nas gotas a luz da lua que despontava no céu.

Apontou para a pequena esfera brilhante de ânimo renovado. Olhou para trás e viu os seixos que deixara no chão, tremeluzindo como moedas novas, apontando lá longe o caminho de volta.

O menino tomou a irmã pela mão. Ela respirou fundo e o abraçou.

“Vamos para casa!”

***

O pai trilhava o caminho de volta, estranhando a própria tranquilidade e o desapego à culpa. No fundo, achava que havia sido melhor assim, já que ele nunca tivera muito jeito com crianças.

Anos antes, ele fora pai de uma linda menina chamada Blanchette, que

milagrosamente sobreviveu à morte da mãe quando ainda estava no ventre. A história da bebê percorreu todo o reino, mas a pequena teria morrido de forma trágica poucos anos depois, ao se perder na floresta por imprudência do pai.

Perguntou-se quantos anos a menina teria se ainda estivesse viva - talvez dezoito ou dezenove, não estava certo. Isso só lhe mostrara que a paternidade, ao contrário do que julga o senso comum, não é uma habilidade que aflora naturalmente quando o homem tem sua cria, mas sim um ofício para o qual já se deve ter uma predisposição, uma certa dose de talento e muita paciência, ingredientes que sempre faltaram em seu quinhão.

Sua formulação de pensamentos peculiares sobre a paternidade foi subitamente interrompida pelo barulho de grama seca sendo mexida perto dali. Pelo deslocamento do som, julgou ser um ou mais animais, talvez uma pequena manada de porcos selvagens fuçando o chão em busca de comida. Pensando em garantir a refeição dos próximos dias, escondeu-se atrás de uma árvore, onde pacientemente aguardou suas presas, até que teve uma visão aterradora.

Não eram porcos selvagens que se aproximavam, mas uma pequena legião de seres com aparência bizarra, a pele negra como a noite, olhos brancos e esbugalhados, arrastando sacos, pás e picaretas tal qual almas penadas. Andavam em fila com movimentos coordenados exalando o cheiro da morte.

O homem sentiu o pavor tomando conta de si e fugiu pela floresta antes que “os outros”, como convenientemente os chamou, pudessem vê-lo.

Ao chegar em casa, exasperado, contou para a megera sobre o abandono dos filhos e a experiência assustadora que tivera no caminho de volta.

“Deves estar alucinando”, ela comentou, antes que fossem dormir sem sequer se cobrirem com os lençóis da culpa.

***

Na manhã seguinte, os olhos do pai se abriram de uma vez. Sentia-se desperto, sem saber dizer se havia dormido ou sonhado.

As memórias do dia anterior prontamente o alcançaram. Então percebeu que já não conseguia mais se lembrar do rosto dos filhos. Fechou os olhos e pôde ver em sua mente os longos cabelos negros de Maria, secos, quebradiços e incapazes de refletir luz; seu vestidinho branco e surrado; a fina penugem que cobria seus bracinhos; até mesmo as bolhas e calos de seus pezinhos sujos. De João,

recordava-se perfeitamente dos cabelos castanhos cortados à faca; das sobrancelhas grossas e unificadas, herdadas de si; de como seus passos pareciam longos e desajeitados, levados por suas pernas desnutridas, das costelas aparentes acima da barriguinha protuberante; e, principalmente, do som de chuva que seu peito fazia quando ele respirava. Mas não conseguia montar um retrato em sua mente, como se as memórias dos filhos lhe tivessem sido extirpadas.

Pela primeira vez desde que abandonara João e Maria na floresta, o homem esboçou um choro. Que umedeceu suas pálpebras, mas não foi o suficiente para ser expulso dos olhos. Questionou-se se o que fizera fora a coisa certa. Àquela altura, algum lobo já teria devorado as crianças, tal qual sua primeira filha. Com sorte, durante o sono, para que não sofressem. E não havia nada que ele pudesse fazer.

Foi quando ouviu um barulho vindo do andar abaixo.

***

Saltou imediatamente da cama. A esposa despertou com o movimento, e ele lhe fez um sinal para que não dissesse nada. Encostou o ouvido no chão, tentando decifrar o que se passava no piso inferior. Com sorte, seria um lobo ou um gato do mato, procurando abrigo do frio, e não um homem, a mais imprevisível e perigosa das bestas.

Seus temores logo foram confirmados pelo som de vozes falando em monossílabos, parecendo rir numa língua que não lhe era permitido conhecer. Quem quer que fossem, sequer se preocupavam em ser discretos, e deixaram vários objetos se estatelarem no chão.

“São eles... os outros! Eles devem ter me seguido!”, recordando-se da visão aterradora do dia anterior.

Procurou pelo machado, e lembrou-se que o deixara no andar debaixo. Entre esperar que os invasores partissem e descer para confrontá-los, ele preferiu a primeira opção, já que coragem nunca fora seu forte.

Atentamente, ele ficou tentando compreender o que se passava logo abaixo de si. Ouvia as tábuas do chão rangerem, as portas se abrirem e as vozes entoarem cânticos satânicos que lhe fizeram gelar a alma.

A mulher cochichou:

“Que diabos está acontecen...”

“Cala-te!”, exaltou-se o marido, e, no mesmo instante, o cântico cessou.

A ausência de som deixou-o ainda mais aflito. Rogou pelo som da porta da sala se abrindo, mas o que ouviu em vez disso foram passos sobre a escada, depois mais tábuas rangendo, denunciando a inevitável chegada dos estranhos.

O homem pensou em pular a janela, mas a queda facilmente quebraria suas pernas. Para seu absoluto pavor, ouviu alguém batendo na porta destrancada por três vezes. Olhou para a mulher, viu o pânico nos olhos dela, que balançava o dedo negativamente e enfiava a outra mão na boca a fim de abafar os gritos que queriam explodir em sua garganta.

A porta bateu novamente, com tamanha força que pequenos pedaços de madeira se desprenderam e caíram no chão. Apavorada, a esposa se escondeu debaixo da cama. Sem alternativas, o homem resolveu encarar seus algozes.

Pegou o único objeto que poderia ser utilizado para defesa, um velho candelabro enferrujado. Ergueu-o com uma mão e, com a outra, abriu a porta.

E, do outro lado, não havia ninguém.

***

Com o coração palpitando, o pai e a madrasta desceram as escadas e logo viram que tudo no andar debaixo havia sido revirado. Os armários estavam abertos, as panelas e os utensílios esparramados pelo chão. Roupas jaziam penduradas sobre o órgão de tubos que a madrasta comprara com o dinheiro da venda da última vaca da família.

“Ladrões! Foram ladrões!,” apressou-se a madrasta.

“Mas roubaram o quê? Não temos nada!”

Vasculhando a bagunça, eles não deram falta de nenhum objeto.

“Ou não encontraram o que procuravam, ou...”

“O pão!”, gritou a madrasta. “Veja se roubaram nosso pão!”

Com as mãos trêmulas, o homem abriu o armário e logo viu que o saco de pão estava lá – mas vazio.

“Comeram nosso pão! Os outros comeram todo nosso pão!”, resmungava ele, exibindo o saco vazio.

“Vamos morrer de fome!”, choramingou a madrasta. Eles morreriam – se tivessem sorte.

“Tudo o que sobrou foi o saco de farinha!” constatou o homem.

A esposa pensava em alternativas para sobreviver:

“Podemos ao menos fazer um mingau com ele... Nos manterá vivos até que tu possas caçar algo!”

“Caçar? Estás louca? Eu não entro mais naquela floresta maldita depois do que vi ontem! Depois do que aconteceu aqui!”

A mulher já bufava. O estômago se revirava de fome após a noite em jejum, e a demanda por alimento logo explodiu em raiva:

“Além de inútil és louco! Não sei por quê me casei contigo!”

O homem não se fez de rogado:

“Casaste-se comigo porque eu era rico!”, retrucou, aos berros. “Porque dava-te joias e vestidos, porque cedia a teus caprichos e agora, tudo o que tenho para comer é esse saco de farinha!”

O homem tomou o saco de farinha e o abraçou raivosamente. A mulher mostrou os dentes e avançou contra o marido, puxando o saco para si.

“Me dá! Não vais comer tudo sozinho!”

“Sai! Sai!”

“Me dá!” a megera cravou suas unhas no saco e o puxou, rasgando-o e esparramando o conteúdo que julgavam tão valioso pelo chão. Uma repentina lufada de vento gelado entrou pela janela e espalhou o pó pelos ares.

“Nãoooo!”, gritaram os dois miseravelmente, ao ver sua última esperança de sobrevivência se perder. A megera esfregava as mãos nas tábuas de madeira e as levava à boca, lambendo uma mistura de farinha e poeira que em nada saciava sua fome. Lágrimas de ódio cravavam sulcos em seu rosto coberto de pó branco.

Ao ver o estado miserável em que se encontrava a esposa, o marido pôs a mão na consciência e segurou-lhe os braços firmemente, exigindo que se acalmasse.

“Tenha calma, mulher! Nem tudo está perdido! Podemos vender nossas roupas, as camas das crianças, até a boneca de Maria! Podemos mendigar na estrada, onde uma boa alma haverá de nos ajudar! Não vamos morrer de fome!”

A megera alternava entre choros, soluços e risadas irônicas frente às hipóteses levantadas pelo marido. Seu orgulho estava dilacerado, mas ela não se daria por vencida:

“Acho que tens razão. Vamos separar tudo o que temos para vender.”

Começaram a juntar as coisas do chão. Separaram as panelas e os utensílios, cujo metal poderia ser derretido e aproveitado para alguma coisa. A mesa também poderia ter um destino. A única coisa que a megera se negou a separar para a venda - e que certamente daria um bom dinheiro - foi o órgão de tubos.

“Tem valor sentimental para mim!”, justificou.

“Mas sequer sabes tocar!”, retrucou o homem, já sem forças para aquela discussão.

“O órgão eu não vendo!”, exaltou-se a esposa.

Depois de separar todos os objetos, subiram para o quarto das crianças.

***

“Viste a boneca de Maria?”, perguntou o homem, ao vasculhar o quarto dos filhos em busca de algum objeto que pudesse ter valor.

“Não estou certa, mas creio que ela a levou para a floresta!”, recordou-se a madrasta, abrindo os armários vazios por repetidas vezes, como se algo de novo fosse magicamente aparecer dentro deles.

O homem então abriu um velho baú, onde eram guardadas as roupas das crianças, e, sobre os trapos, encontrou a boneca de pano. Pegou-a para ver se teria algum valor – e reparou que estava mais pesada do que se lembrava.

“Que estranho!”, pensou. Apertou-a e sentiu algo mole e gelado por baixo do pano. Puxou o tecido da cabeça e gritou, apavorado, ao ver os dentes afiados e as órbitas forradas com vermes consumindo um gato em avançado estado de decomposição.

“AAAAHHHH!”

Jogou o brinquedo macabro no chão. Os vermes voaram com o impacto, e foram arremessados contra sua pele e suas roupas.

“Mas que inferno! O que aquela menina fez? Colocou um gato dentro da boneca? Que nojo!”, disse a madrasta. O mau cheiro se espalhou pelo cômodo, o

homem balançou as mãos sobre as roupas para se livrar dos vermes.

“Vou pegar água do poço para me lavar!”, disse, enojado.

Desceu as escadas, praguejando e esbofeteando a própria cara para derrubar os vermes grudados no rosto. Ao chegar no andar térreo, sentiu a brisa gelada vindo de fora e notou que havia algo de errado.

A porta estava aberta.

Sobre o chão coberto pela farinha, havia pegadas de crianças.

***

Se houvesse tido algum pesadelo, o pai se sentiria melhor, pois ao menos saberia que dormira. Mas, pela segunda vez consecutiva, ele fechara os olhos ao se deitar e, quando os abriu, a noite já havia dado lugar ao dia. Os raios de sol banhavam as copas das árvores, os pássaros cantavam e os animais saíam de suas tocas, revigorados. O mesmo não podia ser dito do homem, que sentia os membros pesarem e a cabeça doer.

Olhou para a esposa que ainda dormia ao seu lado, encolhida em posição fetal por causa da fome e do frio. Perguntou-se por que ela não teria fechado a janela, por onde um curioso pombo entrou para então pousar sobre seus pés.

A ave pouco fez da presença dos humanos e começou a ciscar sobre o fino lençol.

O pai nada entendeu quando outros pombos imitaram o primeiro e invadiram o quarto como um enxame de abelhas. Finalmente ele viu que, sobre o lençol, estavam generosos pedaços de pão velho e seco, o mesmo que fora roubado na primeira noite e que agora fazia os pombos se digladiarem.

A megera acordou com o barulho:

“Por todos os santos, o que está acontecendo?”

Tentou, com o marido, assustar os animais, mas eles estavam tão famintos que batiam as asas e logo voltavam, espalhando penas, pão e pulgas sobre o casal. Bicavam desesperados tudo o que viam pela frente. Comiam o pão e até mesmo a fibra dos lençóis e pedaços das roupas, e não tardou até que passassem a bicar os humanos, experimentando pela primeira vez os prazeres que só os abutres até então desfrutavam.

“Aahhh!”, gritou a megera, balançando os braços no ar. Tentou se levantar e fugir, enquanto o marido rolou para o chão, e as aves passaram a bicar as costas e a cabeça de ambos. Uma delas, certeira, atingiu o olho direito da mulher e sorveu dele um fio branco e úmido que despertou o interesse das outras aves, que deixaram de lado as migalhas frente ao repasto mais apetitoso.

“Acuda-me! Acuda-me!”, gritava a mulher, em desespero. O homem pegou um travesseiro e começou a brandí-lo no ar, mas as aves eram tantas que era como se ele tentasse dispersar uma nuvem de gafanhotos com um punhal.

A madrasta desceu as escadas rolando, sendo seguida pelas aves esfomeadas, que lhe arrancavam pedaços de pele e tufos inteiros de cabelo. O olho sangrava torrencialmente, o que apeteceu ainda mais os pombos, e ela saiu correndo da casa, deixando uma trilha vermelha para trás. E, ainda que achasse que poderia escapar de seu destino, ele anda devagar, mas nunca se cansa. Seu castigo estava longe de terminar: um dia a megera sentiria na pele todo o sofrimento que causou.

Já o homem se viu sozinho na casa, sem saber o que fazer. Os pássaros perderam o interesse nele e uma sensação de segurança tão vã quanto breve se instalou. Logo começou a ouvir passos vindos de baixo, acompanhados não por cântigos proibidos, mas gritos de dor e agonia.

O medo, o desespero e a fome disputavam a tapa cada um de seus pensamentos. Concluiu que preferia encarar os perigos da floresta a ficar ali, em meio aos invasores invisíveis, aos brinquedos forrados com animais mortos e aos pássaros assassinos.

Desceu as escadas correndo, com a mão sobre os olhos, tentando não ver o que se passava na própria casa. Levantou a mão somente o suficiente para ver o chão, e nele pôde ver pegadas de pés invisíveis sendo formadas na farinha. Sem compreender nem se importar, pegou o machado largado num canto e fugiu desesperado para a floresta.

Das copas das árvores, os corvos voaram como se tivessem escutado um trovão. No chão, roedores se escondiam em suas tocas e até mesmo predadores como lobos bateram em retirada, ao presenciarem o homem rumando afoito mata adentro. Ao passar por uma fina ponte de cordas que cruzava o rio, peixes começaram a submergir, abrindo e fechando a boca numa agonizante busca de oxigênio.

Quando não tinha mais forças para fugir, sentou-se sobre uma pedra para

recuperar o fôlego. Foi quando se deu conta de que, com o machado que tinha em mãos, poderia por um fim definitivo àquela experiência assustadora. E o impensável logo se apoderou de sua mente, escorreu até seu braço e irradiou seu punho.

Teria que ser um golpe poderoso e certeiro. Ergueu a arma no ar, fechou os olhos e mirou a própria cabeça, mas a razão ou instinto logo falaram mais alto: a distância era por demais curta para uma morte instantânea. Perfurar o próprio crânio com o machado poderia não matá-lo e pior, deixar-lhe a cabeça aberta para que demônios pudessem entrar e assombrá-lo ainda mais.

Então mudou de estratégia. Pressionou a lâmina contra o pulso, tentando imaginar a força que precisaria para cortar as veias dos pulsos e gozar de uma morte indolor. Apoiou a arma entre os joelhos, ergueu os punhos acima da cabeça e preparou-se para dilacerá-los contra a lâmina. Desceu os braços com tudo, quando seu movimento e seu espírito foram desmontados por uma voz cavernosa que irrompeu atrás de si:

“Estás perdido!”

***

O homem caiu no chão, gritando, engatinhando de costas esparramando as folhas secas com os pés, balbuciando tal qual um bebê apavorado.

Fechou os olhos, achando que fosse repentinamente acordar em sua cama e, quando os abriu de novo, eles ainda estavam lá: os outros, os seres que vira no dia que abandonara os filhos, a poucos palmos de si. Contou um, dois, três, sete seres diminutos como crianças infernais, com a pele preta como carvão, olhos brancos saltados para fora, dentes encravados em gengivas podres que exalavam um odor acre que ele sentia dali. Um grito emergiu do fundo de sua alma e a mão negra de um dos seres se aproximou de seu rosto:

“Calma!”, disse, com a mesma voz que ele ouvira antes. “Está tudo bem!”

Não era o que ele imaginava ouvir.

“Desculpe-nos”, disse um deles, de óculos, tirando a foligem do rosto, revelando a pele branca e enrugada por baixo. “Somos mineradores, não queríamos assustar-te. Estás perdido?”

“Mineradores. Simples mineradores anões”, pensou, aliviado, ao ver neles um oásis de sanidade.

“Não... eu moro... eu moro aqui perto!” respondeu. “Desculpai-me. É que esta floresta...”

“É assusta... assusta... atchim!”, um dos anões assoava o nariz. “Assustadora. Mas fica tranquilo, não há nada de anormal nela.”

“Podes nos acompanhar se quiseres!”, disse um outro de fala macia e um tanto afeminada.

“Estás maluco!”, gritou o outro, rispidamente. “Não seremos babá de ninguém! Além do mais, ele pode muito bem ser um ladrão atrás de nossas pedras preciosas!”, prosseguiu, rangendo os dentes.

“Não, eu... só estava descansando um pouco. Já vou-me embora”, disfarçou.

“Então, tudo bem! Vamos, rapazes!” disse o líder do grupo. “Precisamos descansar, foi um longo dia. Boa sorte!”

Antes de partir, o anão virou-se e fez uma última pergunta:

“A propósito, sabes se por aqui há alguma casa para vender? Moramos na cidade e gostaríamos de ficar mais perto de nossa mina.”

“Não fale sobre a mina!”, cochicou o outro anão mais enervado.

O homem apenas balançou a cabeça negativamente, e o anão agradeceu mostrando os dentes podres. Ao ver os sete homenzinhos zarparem, assobiando uma canção antiga, o pai se deu conta de que “os outros” tinham enfim, uma explicação lógica.

“Talvez minha mente estivesse me pregando peças”, refletiu, imaginando que as horripilantes experiências dos últimos dias não passassem de alucinação.

O raciocínio lhe deu certo alento, e a pesada respiração aos poucos se acalmou.

Adormeceu.

***

Quando abriu os olhos novamente, estranhou o amontoado de lenha queimada e a fogueira extinta diante de si. Levantou-se de sobressalto ao perceber que não fora ali que adormecera. Pois ele conhecia muito bem aquele lugar.

Sentiu uma presença atrás de si, uma respiração ofegante e asmática, seguida

de uma tosse gutural.

“Coooooooof, cof, cof!”

Instintivamente, virou o pescoço de relance e teve uma breve visão que jogou sua alma num abismo. Seu rosto se contorceu num choro aterrorizado, e não teve coragem de olhar novamente. Saiu correndo, como nunca na vida, e passou a ouvir sussurros de crianças vindos de todos os lados, rindo e debochando dele em idiomas profanos. No chão, as folhas secas se remexiam como se pés invisíveis dançassem sobre elas, pequenas pedras lhe eram arremessadas nas costas e um cheiro de leite azedo tomou o ar, sobrecarregando de horror seus cinco sentidos.

Sem ter o que fazer, sem ter onde se esconder, o miserável golpeava os galhos e arbustos com o machado enquanto corria, praguejando monossílabos. Mas agora, mesmo com seus gritos histéricos, os animais pareciam não se assustar - os coelhos não fugiam, os esquilos buscavam nozes e os corvos apenas o acompanharam com os olhos. Nada tinham a temer – pois sabiam que aquele homem já estava morto.

Quando o corpo não suportava mais tanto esforço, ele simplesmente rolou no chão, virou-se de costas e começou a golpear o ar com chutes tal qual uma criança birrenta. Ao perceber que não estava atingindo a ninguém, girou o machado com tudo e, num urro gutural, arremessou-o às cegas, numa última tentativa de fazer calar aqueles sussurros malditos. A arma rodopiou no ar, num sibilo feroz que findou num som seco e abrupto.

Os sons finalmente silenciaram.

“Perdoai-me”, ele chorou. “Perdoai-me”, repetiu com os lábios contorcidos, expulsando o ar de dentro de si. “Me perdoem por tê-los abandonado na floresta...” ao tentar se lembrar os nomes dos filhos, deu-se conta de que os espaços em sua mente estavam em branco. Nunca mais ele diria Blanchette, ou João, ou Maria.

Ergueu o pescoço, procurando o machado encrustado na árvore, e nada encontrou.

Então escutou outro barulho seco.

TUC!

E outro, e mais outro, numa sinfonia enlouquecedora, composta pelos gritos

do vento e por aquela batida infernal:

TUC-TUC! TUC-TUC-TUC!

Olhou a seu redor e deparou-se com dezenas de galhos de árvores amarrados por cordas sendo golpeados pelo vento, formando um perfeito círculo em volta de si.

E os sussurros voltaram, primeiro baixinhos, depois gritos infernais que o xingavam e humilhavam, zombando de seus traumas, berrando-lhe seus pecados. A alma queria fugir dali, mas o corpo já havia desistido. Fincou as unhas no chão, arrastando-se por cem, duzentos metros durante longos minutos em que até a luz do sol o abandonara, deixando-o à mercê da noite e de seus inquisitores invisíveis.

A escuridão revelou uma trilha formada por pequenos seixos brancos no chão, que resplandeciam à luz da lua. E lá no fim da trilha, viu um resquício de esperança – a casinha no meio do nada onde morava com os filhos e a esposa. Ele sorriu aliviado, e seguiu a trilha, por onde caminhou durante incontáveis dias.

Mas a casa parecia cada vez mais longe. Mesmo quando quis parar, não pôde, as pernas se moviam sozinhas, e o levaram para além do rio das dores e do infortúnio conhecido como Aqueronte. Lá, o barqueiro Charon o olhou de cima a baixo e não permitiu que subisse a bordo de seu barco, pois nem as portas do inferno lhe seriam abertas. O homem continuou andando, vendo a casa no horizonte, sem poder descansar, os pés logo viraram uma pasta de pus e infecção e, quando a carne foi completamente consumida pelos vermes, os ossos continuaram andando sozinhos, se esfarelando pouco a pouco, de baixo para cima, até que sobrasse apenas a alma penada do pai que por três vezes recusou a maior das dádivas enviada pelo céu, condenado a buscar, até os dias de hoje, o caminho para casa.

Os Três Lobinhos

Existe uma lenda, que toda mãe loba conta a seus filhotes, sobre uma época em que os lobos reinavam soberanos pela Terra. Predadores poderosos que eram, mantinham os outros animais sob um rígido controle, guardavam os tesouros da natureza e reportavam-se diretamente a ninguém senão os próprios deuses.

Porém, um dia, sob a injusta acusação de que estavam crescendo fora do controle e devorando toda a Criação, os celestes proibiram os lobos de comerem os outros animais, em especial, aqueles mais fracos, sem presas e de rara inteligência, como os porcos e os humanos. Todo lobo que violasse a lei estaria condenado a morrer de maneira divinamente dolorosa.

Temendo o castigo, os lobos obedeceram, e seu glorioso tempo foi sucedido por uma era de fome e comiseração em que praticamente desapareceram. Para sobreviver, muitos se tornaram fracos e pequenos, sombras infantilizadas da grandeza de outrora, e foram chamados de cães. Outros tiveram seu espírito partido e, em meio à fome, passaram a se alimentar de restos putrefatos que outros predadores deixavam para trás. Estes foram chamados de hienas, que não riam de regozijo, e sim porque o desespero se avizinha à histeria.

Enquanto isso, para a revolta dos lobos, os porcos e os humanos cresciam, engordavam, construíam casas, cidades, pontes, fornicavam e infestavam o mundo com nada além de sujeira e devassidão.

Da numerosa população de lobos, restou apenas um punhado de bestas raquíticas e famintas, reclusas na floresta, aguardando o dia em que a arbitrariedade dos deuses lhes libertaria, enfim, do fardo de viver.

Mas nem todo lobo havia se conformado. Indignados de tanto ver seus parentes definharem até a morte, três pequenos e corajosos irmãos resolveram se rebelar contra a lei.

O primeiro quis comer a carne de um porco, que fugiu e se escondeu numa casa intransponível como uma obsessão. Do lado de dentro, o porco e seus irmãos gordos e preguiçosos caçoavam do esfomeado lobinho, que tentou entrar

pela chaminé, mas caiu dentro de um caldeirão cheio de azeite fervente. Morreu em agonia, virado numa grande massa de pele e carne coberta de bolhas.

O segundo atacou uma criança humana que caminhava sozinha pela floresta. Logo depois de devorá-la, o pobre teve a barriga aberta por outro humano, que dela tirou a menina, a quem os deuses certamente sorriram, pois saíra viva e inteira. Enquanto o lobinho, pobre lobinho, agonizou até a morte só porque tivera fome.

O terceiro era o mais fraco de todos, mas o destino de seus irmãos não lhe assustara. Pelo contrário, deu-lhe ainda mais forças para enfrentar os deuses. Perto de si, ele ouviu a voz aguda de um filhote de humanos, gritando: "O lobo, o lobo!". Achou que havia sido avistado e se escondeu atrás de uma moita. Logo em seguida, uma multidão de gordos veio socorrer o menino, que caiu na gargalhada, pois só queria pregar-lhes uma peça.

O lobinho sentiu desprezo por aquela visão, que por mais duas ocasiões se repetiu. Desprovido de honra e respeito, qualidades inerentes a todo lobo desde que nasce, o menino debochava dos humanos mais velhos, que queriam apenas protegê-lo. Mas protegê-lo de quê? Os lobos estavam praticamente extintos, enquanto aquela raça pelada e ignorante estuprava a natureza, mijava nos rios, assassinava animais e se espalhava pelo mundo como pulgas sobre um cadáver na floresta.

Pela quarta vez, ele ouviu o menino gritar: "O lobo, o lobo!". Mas fartos daquela brincadeira, os humanos não se importaram. Espreitando atrás de sua moita, o pequeno lobo espumou de raiva. Ainda que soubesse que o castigo era certo, não teve dúvidas: saltou direto sobre o peito do menino, mordeu-lhe a jugular, e não apenas o devorou, mas o fez com raiva e orgulho.

Instantes depois, ao ver somente a poça de sangue e ossos abaixo de si, rosnou para o céu aguardando pela derradeira desgraça e uivou: "Eu fiz o que fiz porque tinha fome, e de nada me arrependo! Disseram-nos que estávamos destruindo a Criação, mas em minha barriga jaz o verdadeiro culpado! Jogai-me um raio, mandai o dilúvio, rompei a terra sob minhas patas, castigai-me com essa ilusão que chamais de justiça, mas a vós, "deuses", cuja sabedoria extinguiu meu povo, eu repito: de nada me arrependo!".

O bravo lobinho aguardou o castigo de olhos fechados. Mas não veio o raio, nem o dilúvio, tampouco a terra se partiu debaixo de si.

Ao invés de amaldiçoado, o lobinho se descobriu recoberto de bênçãos. Talvez

os deuses concordassem com ele, e os humanos, ao menos alguns deles, não merecessem regalias especiais. Sentiu a carne macia derreter em seu estômago enquanto revigorava-lhe os músculos, sentiu a língua quebradiça se refrescar no sangue quente e doce, cujo sabor se harmonizava com outro que se espalhava por sua boca: o do pecado.

Finalmente o lobinho descobriu como salvar seu povo. Voltou para a toca correndo e ensinou seus pais e irmãos a se espreitar pelas sombras das matas e florestas, depois vilas e cidades, quartos e debaixo das camas, farejando o cheiro acre da mentira e do cinismo, que diferenciam os que podem ser comidos dos cada vez mais raros protegidos pelos deuses.

A comida dos lobos novamente ficou farta e eles voltaram a prosperar. Não da maneira grandiosa de outrora, pois isso leva tempo. “E enquanto as areias do tempo caem”, toda mãe loba conta aos filhotes, “aos poucos se esgota a era dos homens, soterrados pelos próprios vícios, enquanto ressurge o verdadeiro caminho: o caminho dos lobos.”

A Vendedora de Fósforos e o Vingador

Uma nova era de trevas havia abatera-se sobre aquele reino. O frio seco congelara rios, queimara plantações e afastara os animais. A fome atingira praticamente todos, quem era rico, ficara pobre e quem era pobre já morrera há muito tempo.

Ante os resmungos esfomeados dos filhos, tornou-se mais do que rotineiro que pais igualmente esfomeados os abandonassem na floresta para abreviar seu sofrimento. Os casos se tornaram tão frequentes que, se fossem punidos, os calabouços do castelo transbordariam de corpos esqueléticos e de culpa. Por isso, o rei resolveu fazer vista grossa ao verdadeiro infanticídio que se abateu sobre seus domínios.

Porém, em alguns casos, parece que os deuses ou espíritos se adiantaram quanto ao castigo dos homens. Todo pai e toda mãe ouviram falar da casa na floresta que ficou abandonada durante muitos e muitos anos até ser adquirida por mineradores anões, que foram corajosos - ou tolos - o bastante para comprar com uma lasca de pedra preciosa a casa que muitos julgavam ser maldita. Nela, um casal de crianças vivia com o pai e a madrasta e, após ser abandonado na floresta, voltou para assombrá-los das maneiras mais horripilantes.

Outra história que contam é sobre um segundo casal que abandonou os filhos anos depois, desta vez, sete, com idades entre 7 e 10 anos, no coração da floresta. A curiosa contagem dá-se ao fato de que, dentre todos, somente o sétimo não tinha gêmeos. Os meninos nunca mais foram vistos, mas os pais reportaram pesadelos horríveis e acontecimentos bizarros em sua casa, como portas se batendo sem vento e objetos como copos e bules se movendo sozinhos. Os pais fugiram da casa, depois do reino, foram parar em lugares a muitas léguas de distância até no topo de uma montanha, mas, onde quer que fossem, eram sempre assombrados por uma voz cavernosa que os visitava todas as noites. Não se sabe o que foi feito deles, mas é razoável pensar que tenham se atirado do penhasco da sanidade, sem esperança de voltar.

As histórias passaram a ganhar força entre os que tinham filhos - a ideia de

abandoná-los passou a ser ainda mais assustadora do que morrer de fome. O último caso de que se tem notícia foi de todos o mais apavorante e ao menos serviu para sepultar de vez, pelo bem ou pelo mal, a hedionda prática naquele reino.

Era o último dia do ano, mas as famílias pouco tinham a comemorar, e os próximos doze meses prometiam ser ainda mais cruéis. A ceia se resumia a restos de pão enviados pelo rei, e as pessoas tentavam se aquecer em suas casas com palha ou trapos velhos.

Ninguém em sã consciência sairia no frio daquela noite, muito menos enviaria a única filha. Mas foi exatamente isso que aquele pai fez:

“Só vais voltar para casa depois de vender todos esses fósforos! Se apareceres aqui sem dinheiro, vais levar uma surra que vai doer até a outra vida!”, berrou, exalando seu bafo alcoólico pelo ar.

A pobre menininha saiu de casa aos prantos, com roupas velhas e esburacadas que em nada a protegiam do frio cortante. Em seus pés, calçava um par de chinelos velhos que pertenciam à avó, mas eram tão grandes que a fizeram tropeçar e enfiar a cara na neve. Resolveu guardar os chinelos no avental e os pés logo mudaram de cor, primeiro azul, depois roxo.

O dia inteiro passou e nada da pobre menina vender um fósforo sequer. Faminta, tremendo de frio, era a própria imagem da miséria se arrastando. Queria voltar para casa que, apesar de tão gelada quanto a rua, ao menos tinha paredes que a protegeriam das afiadas lâminas de vento.

Agachou-se e encolheu-se sobre as duas pernas, mas o contato com o chão só fez o frio aumentar. Com as mãos quase dormentes, teve a ideia de acender um fósforo para se aquecer. Certamente o pai ficaria furioso, mas o desespero naquela hora era maior que o medo. Pegou um palito e o riscou contra a parede, produzindo uma pequena chama quente que lhe encheu de esperanças. Protegeu a chama como se ela fosse um anjo enviado pelos deuses, mas ela logo se extinguiu, deixando apenas um pedaço de madeira gelada em seus dedos. Riscou outro e, nos breves segundos em que a chama dançou, imaginou-se aquecida, comendo um delicioso ganso assado, preparado pela avó, numa noite de ano-novo. A boa velhinha ainda montara uma formosa árvore de natal, repleta de doces, maçãs e ameixas. Quando estava pronta para lhe dar um presente há muito desejado, uma boneca de porcelana, a chama se extinguiu.

A pequena vendedora de fósforos morreu ali, com um sorriso no rosto que

ficou congelado no tempo. O corpo foi encontrado no primeiro dia do ano. As pessoas, já avizinhadas com a tragédia, pouco se abalaram. Quando soube da notícia, o pai sequer deu importância e só foi se livrar do corpo porque queria pegar de volta seus fósforos.

Ao vasculhar o avental da filha morta, encontrou a caixa, vazia.

***

No dia seguinte, ao insistir em abrir sua pequena venda naqueles tempos de escassez, um velho comerciante recebeu uma senhora trazendo um punhado de moedas. Queria comprar fósforos, alegando que todos os palitos de sua casa haviam sumido.

“Que absurdo!”, comentou o vendedor. “Nesta época de miséria, as pessoas roubarem umas às outras!”

Ele vasculhava as mercadorias numa prateleira, em busca da caixa de fósforos que provavelmente seria a única venda do dia. Encontrou o que procurava, mas viu que ela estava mais leve do que o de costume.

“Vazia?”

Pegou outra, depois outra caixa, e em nenhuma havia um único fósforo.

“Os fósforos... foram roubados!”

Por toda a cidade, o fenômeno se repetiu. Inexplicavelmente, os fósforos de todas as casas desapareceram, como mágica, sim, mas um tipo diferente de ilusão, que não se importava em deixar vestígios: se os fósforos eram escondidos numa gaveta, ela era encontrada aberta à chave, vazia. Se estavam dentro de um saco, ele era deixado para trás. Uma mulher relatou que, ao tentar riscar um palito, ele foi arrancado de sua mão por algo tão veloz que ela sequer pôde ver. Apavorada, jogou os palitos para o ar e se escondeu e, ao voltar, todos haviam sumido. Outra criança afirmou de pés juntos que vira um fósforo se levantar e sair tranquilamente porta afora. Mas nem mesmo as pessoas de mente mais aberta puderam dar crédito àquele testemunho absurdo.

E foi assim durante vários dias, até que mais nenhum fósforo pudesse ser encontrado na cidade. O frio e o desespero se agravaram, mas na casa daquele homem, que já não tinha nada e pouco se importava com a morte da filha há uma

semana, tudo permanecia normal.

Como fazia todas as noites, o pai da pequena vendedora de fósforos foi se deitar, embriagado, debaixo de alguns trapos. Tão logo o fez, os ratos que dividiam a casa com ele saíram às pressas, assim como as baratas. E, conforme eles deixavam o local em busca de segurança, outro tipo de visitantes entrava.

Noite adentro, um a um, os palitos eram jogados pelas frestas da janela ou por debaixo da porta, numa evolução lenta mas constante, formando pequenas dunas de fósforos pelo chão da casa. Um ninho de pólvora e madeira se formou ao redor do homem deitado. Ele abriu a boca e sentiu o nariz coçar quando dois palitos foram cuidadosamente colocados em suas narinas, com a cabeça para fora.

A manhã já se aproximava quando, embalado no mais profundo sono, ele saltou da cama, com os braços e as pernas tremendo, ao ouvir uma voz grave e cavernosa que fez tremer as finas paredes de madeira:

“DESGRAÇADO, TUA FILHA ESTAVA ACORDADA QUANDO MORREU!”

Desnorteado, o homem demorou alguns segundos a entender porque o ar entrava com dificuldade em suas narinas. Tocou os fósforos enfiados em seu nariz, mas, antes que pudesse tirá-los, um fósforo aceso saltou no ar e espalhou sua chama pela barba.

“NÃO TERÁS O PRIVILÉGIO DE MORRER EM TEU SONO!”, gritou a voz.

Naquele instante, o fósforo aceso caiu e uma onda de luz, fogo e calor iluminou a casa do homem, que viu a inevitabilidade da morte nos milhares e milhares de fósforos que explodiam no chão, nas paredes e no teto, consumindo vorazmente a madeira, suas roupas e sua pele.

Os vizinhos logo viram o incêndio e, tentando conter a tragédia, foram para a frente da casa e nela jogaram baldes e pás de neve. Os gritos foram ouvidos por toda a rua e logo uma multidão havia se acumulado no local, fosse para ajudar, para se aquecer ou, em seu âmago, aplaudir a tragédia alheia.

Foi quando a porta da casa arrebentou numa explosão, seguida pela atormentadora imagem do homem pegando fogo, balançando os braços no ar em desespero, tentando inutilmente se livrar das chamas que se agarravam a ele como demônios e só foram extintas depois que o miserável rolou no chão,

derretendo a neve, deixando uma trilha de vapor até se chocar contra uma árvore, parando com o rosto carbonizado e disforme para cima.

Mas, por mais perturbadora que fosse aquela imagem, ela um dia seria esquecida, ou ao menos diluída frente às memórias, tragédias e vicissitudes da vida. Já o que aconteceu a seguir, ficaria gravado para sempre na mente dos presentes, como uma violência, uma cicatriz, que as assombraria pelos anos do porvir e balizaria cada um de seus atos futuros. Uma voz monstruosa, que parecia vinda das profundezas do inferno, misturada aos vapores d'água exalados pelo corpo carbonizado e ao som das chamas que ainda dançavam na casa, gritou:

"ISSO É O QUE ACONTECE ÀQUELES QUE ABANDONAM SEUS FILHOS!"

A histeria tomou conta dos pensamentos de cada um dos presentes. Ninguém mais se importou com o que acontecia ali. Alguns fugiram para suas casas, outros subiram em árvores, alguns até se jogaram no rio congelado. A quantidade de testemunhas era tamanha que não restou dúvidas sobre a veracidade da história, e assim se espalhou a lenda de que as crianças daquele reino eram vigiadas por um fantasma invisível, um espírito vingador e, a partir daquele dia, mais nenhuma foi abandonada.

O corpo carbonizado do pai permaneceu no mesmo lugar durante meses, até que o inverno finalmente passasse e ele pudesse se decompor e ser devorado por vermes e animais. Ninguém teve coragem de tocá-lo. Já no lugar onde foi encontrada a pequena vendedora de fósforos, uma estátua foi erguida.

***

Meses depois da tragédia, voltou à cidade e sentou-se aos pés da estátua da vendedora de fósforos. Ali sentia conforto e paz de espírito. Pois sabia que, ao menos naquele reino, ninguém mais maltrataria uma criança, como seus pais haviam feito consigo e seus seis irmãos.

Olhou para os transeuntes, que caminhavam pela rua mirando a estátua de rabo de olho, com respeito e uma pontada de medo, especialmente os infelizes que testemunharam o grito naquela noite. Ele olhava para eles, eles olhavam de volta, e o fato de que não podiam enxergá-lo lhe dava uma saborosa sensação de poder, que compensava, em muito, as limitações que a vida lhe impusera.

Riu dos apelidos que ganhou a partir daquela noite.

Não era um espírito, tampouco invisível.

Era apenas pequeno como um polegar. Com a sensação de dever cumprido, calçou suas botas e partiu, sete léguas a cada passo, para longe daquele lugar maldito.

Cindehella e o Sapatinho Infernal

Era uma vez um rico e brilhante médico que precisou criar sua linda filha, Cindehella, após a trágica morte da esposa. Sentindo-se há muito sozinho, ele contraiu matrimônio com uma esganada megera cujo passado sempre fora uma incógnita – incluindo as circunstâncias que levaram à perda de seu olho direito. Ela era daquelas que não partilham sequer um pão velho, e tinha ainda duas filhas mimadas, mal-educadas e feiosas: Griselda e Anastácia.

Com a morte do médico, em um episódio que nunca foi bem esclarecido, a megera tomou posse de toda a sua riqueza, e passou a criar Cindehella junto de suas filhas. Mas ao contrário delas, que recebiam mil mimos e presentes, Cindehella era tratada como se fosse menos que um ser humano. Dormia no sótão, era obrigada a comer restos e a cuidar da casa e das irmãs. Nos dias frios, nem mesmo as chamas eram compartilhadas com ela, que só podia se aquecer sentando-se em meio às cinzas da lareira depois que o fogo se apagava. Por isso, acabou ganhando o maldoso apelido de "gata borralheira".

"Gata borralheira, faz a sopa, lava a louça, passa a roupa!", gritava uma.

"Mais depressa!", berrava a outra.

"Cindehella!", continuava a madrasta.

Pobre Cindehella. Em seu sótão apertado, atravessado pelas vigas de madeira que sustentavam o telhado, sofria com infiltrações de água e sequer tinha uma janela. Sua única companhia eram camundongos, que ela costumava alimentar em segredo, e uma pequena coleção de livros. Naquela época, livros eram muito, muito caros, e os dez manuais de medicina que o pai havia lhe deixado valiam o suficiente para se adquirir uma pequena casa.

Com aqueles livros, Cindehella se interessou pelo corpo humano, seus humores, seus fluidos e como eles eram influenciados pelos quatro elementos quando combinados em elixires. Vaidosa como toda jovem, aprendeu por conta própria a misturar ingredientes como sebo de animais, raízes e folhas para criar loções que deixavam seu cabelo brilhante e pele sedosa. Assim, crescia cada dia

mais bela, mesmo quando confrontada pelas vicissitudes que a vida lhe impunha.

A verdade é que, tivesse tido a oportunidade, e se esta fosse uma história feliz, Cindehella poderia ter seguido os passos do pai, ou se aventurado no desconhecido campo da alquimia, e assim contribuído para o avanço da ciência.

Mas esta não é uma história feliz.

***

Cindehella trabalhava como uma escrava, em dias que se repetiam tediosamente e esmagavam seus sonhos, enquanto via a madrasta e as filhas corroerem toda a riqueza deixada pelo pai. Em poucos anos, tudo o que tinham foi reduzido à casa onde moravam. E, mesmo batendo à porta da miséria, a orgulhosa madrasta mantinha a pompa, comprando tudo do bom e do melhor para as filhas, cada vez mais mimadas.

Quando todo o dinheiro se acabou, ela tomou da enteada os dez livros deixados pelo marido e resolveu vendê-los. Cindehella, que jamais havia se queixado quando as joias, os móveis e as roupas se foram, tentou dissuadir a megera:

“Por favor, madrasta, não vende os livros! São a última coisa que resta de meu pai!”

“Oras, mastu és muito mal-agradecida mesmo! Depois de tudo o que fiz para te sustentar durante todos esses anos! Agora, vai varrer o chão, está cheio de pó! Malcriada!”

Assim, a madrasta vendeu os livros por uma polpuda quantia, que poderia mantê-las bem alimentadas por anos. Porém, ao invés de comprar comida, ela preferiu ir a uma loja e comprar presentes: um colar de pérolas para Griselda e um luxuosíssimo vestido para Anastácia. Voltou para casa feliz da vida e logo entregou os mimos para as filhas, que terminavam de jantar na cozinha enquanto, no banheiro, Cindehella recolhia os dejetos dos baldes para jogá-los no rio.

Ao ver seu novo colar de pérolas, Griselda disse, chupando o bagaço de uma laranja:

“É horrível! Um lixo! Não vou usar de jeito nenhum, ele não combina com nenhuma de minhas roupas!”

“Mas filhinha... eu gastei metade do dinheiro que tínhamos com ele!”

“E o que fizeste com a outra metade?” perguntou Anastácia, palitando os dentes com a espinha de um peixe.

“Veja, comprei este lindo vestido para ti!”

“Mamãe, ele não combina com nenhuma das minhas joias! Jamais poderia usá-lo!”

Cindehella escutou a tudo aquilo com o coração partido. Chorando de raiva, derrubou os baldes com o conteúdo dos penicos no chão do banheiro. A mãe e as filhas se assustaram com o barulho, e já se dirigiram a ela, praguejando:

“Sua gata borralheira, o que fizeste? Sua burra!”, gritou Griselda.

“Como podes ser tão nojenta e repugnante?” perguntou Anastácia.

“Limpa toda essa sujeira imediatamente!”, ordenou a madrasta. “Ou ficarás sem comida por três dias!”, ameaçou, referindo-se tão somente aos restos de bolo, pão e leite que Cindehella podia comer.

A pobre respirou fundo, pegou um rodo e pôs-se a limpar a sujeira.

***

Foram horas até que Cindehella limpasse toda a sujeira do chão do banheiro. Mas o cheiro que impregnou a madeira das paredes ainda lhe causava náuseas. Ela sabia que precisava fazer algo, do contrário, certamente teria que escutar berros logo que acordasse.

Lembrou-se então de um livro que lera, com recomendações para que os médicos pudessem se livrar do eventual cheiro de defuntos em suas roupas. Foi até a cozinha e misturou bagaço de laranja e limões espremidos com água, que usou para concluir seu serviço.

“Sabia que aqueles livros seriam úteis um dia!”, riu, recuperando um pouco o bom humor.

Já passava da meia-noite quando o banheiro estava finalmente limpo e com um agradável aroma cítrico. As pernas lhe doíam, e tudo o que ela queria era dormir em seu sótão.

“Não te esqueças de arrumar a cozinha!”, gritou a madrasta, fazendo a limpeza da órbita vazia do olho perdido em seu quarto.

Sem se queixar, Cindehella voltou à cozinha, onde uma pilha de louça a esperava. Foi quando viu que os presentes dados pela madrasta às filhas ainda jaziam sobre a mesa.

“Como podem ser tão mimadas? Estes presentes custaram o que restou da fortuna de meu pai!”, lamentou, enquanto lágrimas de indignação voltavam a visitar suas bochechas.

Tão logo terminou o serviço, pegou o colar e o vestido e os guardou num baú em seu sótão. Esperava que ao menos pudesse revendê-los para recomprar os livros do pai.

***

Um dia, a madrasta caolha soube que o rei faria um baile para encontrar uma esposa para seu filho. E ali viu uma oportunidade para retomar os dias de riqueza:

“Griselda, Anastácia, soubestes da boa nova? O rei organizará um baile, onde o príncipe escolherá a moça com quem irá se casar! Todas no reino estão convidadas!”

“Mamãe, eu quero ir! Eu quero!”, disseram juntas.

“Pois as duas irão! E tenho certeza de que o príncipe se encantará com ao menos uma! Ou, quem sabe, ambas?”, riu a madrasta.

A imagem que se projetou na mente de Cindehella lhe causou asco.

“Mal posso esperar para conhecer o castelo!”, comentou, deslumbrada, Griselda.

Foi então que Cindehella se deu conta de que poucas vezes durante sua sofrida vida ela havia ido até o centro da cidade, onde ficava o castelo:

“Madrasta... se eu terminar os meus afazeres, será que eu também poderia ir ao baile?”

“Tu? No baile?”, caçoou Griselda. “Maltrapilha deste jeito?”

“Nunca deixariam que entrasses!”, riu Anastácia.

“Cindehella, não seja ridícula. Teu lugar é aqui, limpando a casa. Vai procurar o que fazer, antes que eu arrume!”, ameaçou a madrasta.

A pobre Cindehella nada havia feito para receber tamanho desaforo da madrasta e das filhas. Tentava em vão compreender que crime teria cometido para ser condenada a tão severa pena, sem imaginar que a razão para seu sofrimento aparecia diante de si toda vez que se olhava no espelho.

A verdade é que a madrasta tinha inveja.

Pois ela sabia que Cindehella era de todas a mais bela.

***

Durante dias, Cindehella ouvia a excitação de Griselda e Anastácia em relação ao baile. Por um instante, chegou a temer que elas procurassem pelo colar e pelo vestido escondidos em seu baú, mas, mimadas que eram, sequer deram falta dos presentes.

“O que achas que deverei fazer quando for princesa?”, perguntou Griselda.

“Há! Só podes estar brincando! Eu serei princesa! Eu!”, resmungou Anastácia.

“Tu nem sabes o que faz uma princesa!”, retrucou a irmã.

“E tu? Sabes?”

Enquanto esfregava o chão, Cindehella se fez o mesmo questionamento. Certamente, a vida de uma princesa seria muito diferente da sua.

“Princesas têm poder!”, especulou Griselda.

“E dinheiro! Muito dinheiro!”, interrompeu a madrasta. “É por isso que uma de vós duas terás que se casar com o príncipe! Para que tenhamos de volta toda nossa riqueza... e muito mais!”

“E muito mais!”, riram as filhas, inescrupulosas como a mãe.

“Princesas têm dinheiro...” repetiu Cindehella, mentalmente. “Aposto que princesas podem ter os livros que quiserem... e estudar tudo aquilo que desejarem! Se ao menos eu pudesse ir ao baile... se ao menos tivesse uma chance, uma única chance...”

***

Uma das tarefas domésticas mais ultrajantes para Cindehella era ter que ajudar Griselda e Anastácia a banhar seus corpos flácidos e cheios de furúnculos. Tinha

que lhes esfregar as costas, procurar lêndeas e piolhos até mesmo cortar as unhas e aparar os bigodes. Mas ela preferia fazer isso a partilhar com as irmãs os miraculosos elixires que criava, que deixavam seus cabelos tão sedosos e sua pele tão macia.

“Esta água está muito fria, Cindehella!”, queixou-se Griselda, durante o banho, no dia do baile real.

“E a minha está muito quente!”, completou Anastácia.

Em vão, Cindehella tentou trocar as águas dos baldes das irmãs:

“Não sejas preguiçosa! Vai já esquentar a minha água e esfriar a de Anastácia! Oras!”, resmungou Griselda.

“Como quiseres, Griselda... como quiseres!”, respondeu Cindehella, já saindo com baldes de madeira.

Logo que ela deixou o banheiro, Griselda perguntou:

“Como pode uma gata borralheira como ela ter cabelos tão bonitos? Os meus estão sempre quebradiços, ensebados e cobertos por caspa!”

“Tens sorte, pois basta usares um chapéu para disfarçar!”, comentou Anastácia. “Já eu, nada posso fazer para ocultar estas espinhas e estes pêlos que insistem em crescer em meu rosto! Argh!”

Depois do banho, Cindehella ainda as ajudou a se vestir, quando Griselda lhe comentou:

“Sabes, Cindehella, pensando bem, acho que tu deverias ir ao baile conosco...”

A pobre logo caiu naquele embuste:

“É verdade? E tu falarias com tua mãe, Griselda?”

“Mas é claro... afinal de contas, certamente precisarei de alguém para limpar a bosta dos cavalos de minha carruagem!”

“Ha, ha, ha!”, riu Anastácia.

A vontade que Cindehella teve naquela hora foi de perfurar o tímpano de Griselda com a presilha feita de osso que tinha em mãos. Visualizou o objeto penetrar o crânio e derrubar um delicioso fio de sangue sobre o pescoço. Imaginou-se retirando-o para, em seguida, enfiá-lo no olho da irmã.

Mas Cindehella era uma boa alma. Calmamente, usou a presilha para prender os cabelos dela de maneira impecável.

“Mais alguma coisa, Griselda? Anastácia?”

“Não, pode ir pro teu sótãozinho, gata borralheira”, respondeu Griselda.

“Gata bostadeira, você quer dizer, não é?”, riu Anastácia.

“Ha, ha, ha! Essa foi boa, “gata bostadeira”.

A gata bost... borralheira simplesmente deu as costas e saiu, passando pela madrasta, que não se preocupou em conter o riso.

“Vais ficar aqui sozinha, enquanto vamos ao baile!”, riram as duas.

“Vamos meninas! A carruagem está nos esperando!”, convocou a mãe. “Esta será uma noite para se lembrar!”

Ela não fazia ideia.

***

Cindehella ouviu, do sótão, a carruagem chegar para levar as irmãs e a madrasta para o baile. Desceu as velhas escadas de madeira e olhou, escondida atrás da cortina, as três sendo recebidas pelo cocheiro.

A carruagem logo partiu e Cindehella foi para o lado de fora da casa. Ao menos, com as três fora, tinha um pouco de paz. Sentou-se no quintal e pôs-se a chorar.

“Eu queria tanto... queria tanto ir ao baile... não é justo! Eu faria qualquer coisa para...”

“Pois disseste as palavras certas, meu bem!”, disse uma voz, cuja direção ela não soube indicar.

Aquela voz lhe fez sentir um terrível calafrio. Olhou para os lados, para dentro da casa, e nada encontrou.

“Quem estás aí?”

“Só posso aparecer se assim ordenares...”, respondeu a voz.

“Pois eu ordeno que apareças!”, respondeu Cindehella, sem imaginar o erro que cometia.

Tão logo terminou a frase, olhou para o lado e ali viu uma figura oculta pelas sombras, com dois pontos brilhantes que pareciam ser olhos.

“Aaaah!”, gritou Cindehella.

“Calma, meu bem... não vou te fazer mal!”, respondeu a figura, caminhando em direção a Cindehella, e revelando-se ser nada mais do que uma assustadora senhorinha apoiada numa bengala. Sua corcunda a deixava ainda mais baixa, a pele era coberta de rugas e enegrecida pelos anos, o nariz pontudo como o bico de um tucano e os dedos longos e finos como as raízes de uma árvore. Vestia ainda um manto vermelho, por cima de imundos trapos remendados.

“Estou aqui para ajudar-te”, disse a senhorinha. “Tenho certeza de que conheces a lenda...”

Cindehella estava assustada, mas se lembrou das histórias que o pai lhe contava para dormir quando ainda era criança. Ingenuamente, perguntou:

“Será possível... que sejas minha fada-madrinha?”

“Eu tenho muitos nomes”, respondeu a senhorinha.

“E vieste aqui para me ajudar?”

“Sim, meu bem! Vim aqui para realizar todos os teus sonhos! Diz-me... o que gostarias que eu fizesse?”

“Eu... eu gostaria muito de ir ao baile hoje à noite. Mas não posso ir maltrapilha assim...”

“Mas é claro, meu bem... tua fada maldi... madrinha está aqui para isso!”

Com uma flexibilidade atípica para uma senhora daquela idade, a dita fada se abaixou e, usando sua bengala, traçou um círculo perfeito no chão em volta de si. Depois, saltou para fora e acrescentou alguns riscos no centro, que logo se uniram numa estrela, e pediu que Cindehella pisasse sobre o símbolo formado. Ela obedeceu, quando a fada enfim disse:

“Primeiro, precisarás de um coche! Aquela abóbora podre ali há de servir!” e, com um simples gesto, fez com que uma abóbora já apodrecida no chão se transformasse numa elegante carruagem dourada.

“Minha nossa! Isso é incrível!”, disse Cindehella, admirada.

“E não é tudo! Precisas também de cavalos... e alguém para guiar-te até o

baile!”. Apontando novamente a bengala, localizou cinco camundongos mortos há algumas horas, presos em armadilhas. Quatro deles se tornaram elegantes garanhões com dentes brilhantes e alinhados e, o quinto, tomou forma humana e ganhou trajes de cocheiro.

“E... por último...” apontou a bengala para a própria Cindehella. Debaixo de si, o círculo com a estrela no centro brilhou, antes de magicamente transformar os trapos que vestia num maravilhoso vestido. O dorso acentuava seu farto busto e era incrustado com pedras preciosas. A saia de finíssimos fios de prata e detalhes de ouro parecia ter vida própria, e era incrivelmente leve, como se fosse feita de nuvem.

“É... é lindo! Muito, muito obrigada!” Cindehella estava radiante, observando cada detalhe do vestido, tão perfeito que sequer podia ver onde estavam as costuras. Esticou a perna para a frente e viu que calçava belíssimos sapatinhos de cristal, tão confortáveis e de medidas tão perfeitas que pareciam ter sido moldados a partir de seus próprios pés.

“São deslumbrantes!”

“Agora, vai..” disse a fada, numa voz estranhamente grave. Pigarreou e corrigiu-se num tom irritantemente agudo: “Vai, meu bem. É tarde, o baile a espera!”

O cocheiro a tomou pela mão e a ajudou a entrar. Cindehella, que não cabia em si de tanta alegria, sentou-se no aveludado banco da carruagem, balançando as pernas de excitação. O veículo começou a se mover, ela acenou para a fada do lado de fora, cujas palavras foram abafadas pelo trotar dos cavalos:

“Às doze badaladas, a magia cessará, e eu virei cobrar meu favor!”, concluiu a fada, antes de desaparecer nas sombras.

“Obrigada. Muito obrigada!”, concordava Cindehella, sem nada ter entendido. Estava feliz demais para pensar com clareza. Em seu estômago, sentia como se um milhão de insetos peçonhentos estivessem voando.

***

No castelo, a cerimônia para a escolha da nova princesa já havia começado. O rei observava o filho que, sentado ao trono, desdenhava da imensa fila de moças bem vestidas a sua frente. Elas lhe eram oferecidas como pedaços de carne num banquete: moças brancas, moças negras, moças amarelas, moças quentes, moças

frias, moças cheirosas, moças carecas, moças cabeludas. A única reação do príncipe era tapar os bocejos com a ponta dos dedos. E o pobre rei começou a sentir aquele temor que todo pai tem pelo filho ao menos uma vez na vida: o de que este não lhe daria netos.

Logo chegou a carruagem de Cindehella, impressionando até mesmo os guardas. O cocheiro abriu a porta e estendeu a mão para ajudar a moça a sair do veículo. Ela desceu e observou, estupefata, a belíssima escada de cristal que levava ao castelo. Em seus degraus reluzentes, jovens rejeitadas pelo príncipe eram consoladas pelas mães, antes de serem enxotadas como mendigas pelos guardas reais. Mal sabiam elas que aquele era seu dia de sorte.

Cindehella subiu os degraus correndo:

“Mal posso esperar para conhecer o príncipe!” – saltitava habilmente nos finíssimos saltos dos sapatinhos.

Não só o rei, mas todos os presentes, homens e mulheres, sentiram-se atraídos imediatamente pelo brilho da jovem que adentrou o castelo.

“Quem é aquela moça?” - perguntou o rei ao grão-duque.

“Nunca a vi antes, majestade! Mais parece um sonho!”

Cindehella olhava, deslumbrada, para as paredes de cristal que sustentavam o teto. Este era repleto de adornos de ouro, que emolduravam momentos sagrados ilustrados por pintores imortais. O tapete em que pisava era tão macio que se fazia sentir através de seus sapatinhos de cristal. Garçons, melhor vestidos do que muitos dos convidados, serviam bebidas tão caras quanto as lágrimas dos anjos celestes.

Foi então que Cindehella ouviu seu estômago se queixar da fome, pressionado pelo justíssimo vestido. Havia muitas horas desde que fizera sua última refeição: um quebradiço pedaço de bolo seco. Nem precisou
erguer a mão: foi logo rodeada por quatro garçons, oferecendo-lhe bandejas cobertas por doces que eram pequenas relíquias.

Lembrou-se das aulas de etiqueta de Griselda e Anastácia que ela aproveitava para assistir enquanto limpava a casa. Mesmo faminta, pegou só uma pequena pérola de chocolate envolta em pétalas de rosas. Provou e achou bem sem graça, quando enfim olhou na direção do trono e viu, pela primeira vez, o príncipe. Tão belo e tão másculo, tinha a pele massageada pelos confortos da vida e os cabelos tão arrumados que pareciam ter sido penteados um a um.

“Céus... ele é tão bonito!”, admirou-se Cindehella.

Era como se o ar entre os dois tivesse se convertido em eletricidade, capaz de reduzir todas as concorrentes de Cindehella a corpos horrivelmente carbonizados. Do alto, o rei arregalou os olhos, antes de bater na palma da mão do grão-duque com a sua própria.

Tão logo pôs seus olhos sob Cindehella, o príncipe se levantou. Griselda e Anastácia comentaram com a mãe:

“Quem é ela, mamãe? De onde ela vem? É a princesa de algum reino?”

“Não sei... mas ela me parece familiar”, comentou a madrasta, intrigada, incapaz de reconhecer a enteada com roupas tão elegantes.

O filho do rei caminhou até Cindehella. As mãos dela tremiam de emoção quando ele gentilmente tocou a direita. Naquele momento congelado no tempo, o mundo inteiro silenciou. Todos no baile, bestificados, testemunharam a inevitabilidade daquele amor, tão certeiro e sonoro quanto o encontro de um corvo morto com o chão.

Dançaram uma valsa suave, tocada por um pianista até pouco tempo desconhecido, contratado pelo rei especialmente para aquela ocasião. Olhavam-se com a ternura de velhos adúlteros, bailavam como se houvessem ensaiado aqueles passos por meses a fio. Não trocaram uma única palavra. Nem o nome dela o príncipe perguntou – o brilho nos olhos era o idioma no qual ele declamou que a desejava, e ela, pudica, consentiu, antes de se entregar ardentemente àquela inebriante paixão e a trocar primeiro juras de amor e depois, nomes sujos, tapas, gemidos e sussurros que se derramaram num grito extasiado clamando por deuses há muito esquecidos.

O pianista tocou os últimos acordes da valsa, que enterraram de vez as esperanças de todas as outras moças do baile. Muitas já reconheciam a derrota, como as irmãs Griselda e Anastácia, que ainda tentaram levar doces para casa, mas foram repreendidas por um pigarro do garçom.

Chegou então o momento com que Cindehella há tanto sonhava e pelo qual tudo daria. O príncipe tocou levemente seu queixo e o ergueu. Ela fechou os olhos e sentiu os lábios se tocarem, ganharem vida e começarem sua própria dança. Os braços de Cindehella amoleceram, seu corpo ficou mais leve e seu espírito ergueu voo.

E, então, o relógio soou a primeira badalada da meia-noite.

Ao final da décima-segunda, não haveria mais lugar no inferno.

***

Começou com uma sensação capilar que o príncipe sentiu em sua boca. De olhos fechados, ele achou que fosse um fio de cabelo se enroscando na transbordante dança das línguas. Abriu os olhos e afastou o rosto, quando viu a pequena pata da aranha se projetar para fora da boca de Cindehella.

Sem controle sobre o próprio corpo, a jovem se ajoelhou com o queixo erguido e a boca aberta, dando livre acesso a uma nuvem preta de aranhas, pulgas e varejeiras que saiu de dentro de si. Famintos, os insetos saltavam em direção aos convidados, devorando suas peles, olhos e músculos em frações de segundos.

Do lado de fora, os cavalos, o cocheiro e a própria carruagem sofreram transformações ainda mais assombrosas. As patas dos cavalos se incendiaram com um fogo azul e gelado, de suas costas, surgiram asas flamejantes e, de sua boca, caninos afiados. Pisoteavam, e dilaceravam com os dentes os convidados que tentavam fugir. O cocheiro perdeu sua forma ereta e elegante, tornando-se um ser corcunda de pele ensebada, que saltou nas entranhas de uma desesperada Griselda que saíra correndo do salão.

Ele lhe arrancou os intestinos como se fossem comida numa despensa e, desvairado, girou-os no ar. Sangue e excremento voaram nos olhos de Anastácia, que continuou gritando mesmo depois de ter sido cortada em duas partes pela asa flamejante de um dos cavalos.

A carruagem imediatamente apodrecera, tornando-se uma gigantesca massa preta de vermes que se moviam de maneira tão ordenada quanto um cardume de sardinhas. A massa asquerosa saltou para um lado, passando através de um bloco de dez pessoas em direção ao castelo, deixando apenas o esqueleto carbonizado em seu caminho.

Dentro do salão, o pianista puxou com as mãos as próprias orelhas, arrancando toda a pele do rosto como a membrana de uma linguiça crua. Em carne viva, ele ria histericamente enquanto batia com violência e sem nenhum critério nas teclas de marfim.

Apenas seis badaladas haviam soado até então.

***

Os vermes, os cavalos e o cocheiro maldito adentraram o salão, onde terminaram de matar ou mutilar a maioria dos presentes. Não havia racionalidade alguma em seus atos nem propósito na matança. Giravam, davam coices, cuspiam fogo e mijavam ácido em quem estivesse por perto.

Do mezanino, o pai do príncipe observava paralisado à ópera de horror em que seu baile havia se transformado. Farejando seu medo, uma nuvem de insetos saltou em sua direção e ele puxou o grão-duque, usando seu corpo como escudo. Ouviu o grito de dor do pobre servo, que teve os orifícios e poros invadidos por pulgas até explodir em uma massa de sangue que encharcou o rei. Achou que ao menos sobreviveria e, sem entender a razão, viu que o piso do andar térreo se aproximava rapidamente. Espatifou-se sem sequer perceber que seu corpo fora cortado ao meio pelas asas de um dos cavalos.

No salão abaixo, a lâmina de sangue no chão já cobria os dedos do pé do príncipe. O cocheiro avançou para cima dele em direção ao pescoço. Ele ergueu os braços para inutilmente se proteger, e então soou a décima-segunda badalada.

O herdeiro do trono abriu os olhos, querendo acordar de um pesadelo. Para sua surpresa, não viu nenhuma besta. Sumiram de repente, mas o cheiro de sangue e gordura humana comprovavam que o pesadelo fora real. Os corpos se amontoavam no chão, os sobreviventes, incluindo o próprio príncipe e a madrasta, teriam medo de fechar os olhos - ou o olho, no caso dela - para o resto de suas vidas miseráveis.

À frente do príncipe, Cindehella, ainda de joelhos, fechara a boca. Abriu os olhos, acordando do transe, e sequer conseguiu reagir à apoteótica sanguinolência que a cercava e impregnava seu vestido. Instintivamente, saltou para o lado, quando o príncipe se dirigiu a ela tentando agarrar seu pescoço:

“Bruxa!” gritou o rapaz, antes de escorregar no sangue e cair, enchendo a boca de hemoglobina ainda quente.

***

Sem nenhuma lembrança do que ocorrera durante as doze badaladas, Cindehella se levantou e correu em direção à porta. Sentiu o peso do vestido, agora encharcado de sangue, atrasá-la. Continuou sua fuga enquanto rasgava suas roupas, guiada pelo nojo e o instinto de sobrevivência. Ao sair do salão, estava completamente nua, à exceção dos pés. Desceu as escadas com o príncipe ensandecido atrás de si.

“Ele está possuído pelo demônio!”, pensou. Não podia estar mais errada. Procurou sua carruagem, seus cavalos, mas tudo o que viu foram esqueletos carbonizados e corpos mutilados, como uma Griselda sem as entranhas e metade do corpo de Anastácia.

“Aaaah!”, berrou, em pânico. Mas não podia parar. O príncipe vinha logo atrás, gritando para os poucos guardas que haviam sobrevivido.

Os sapatinhos de salto alto tornavam difícil correr, mas ela não podia perder tempo. Então, saltando sobre o pé esquerdo, jogou o direito para trás e agarrou o calcanhar com a mão para arrancar o calçado. Conseguiu, mas perdeu o equilíbrio e rolou os degraus até o chão arenoso logo abaixo.

Ergueu-se sem demora. Estava exausta, mas os anos de trabalho doméstico haviam tornado seu corpo resistente. No rosto, no pescoço e sobre os seios, o suor escorria cravando sulcos no sangue que já coagulava. Jogou-se no meio das árvores, sentindo a madeira e as folhas arranharem sua pele, e de lá se embrenhou no mato.

***

Trajando apenas o sapatinho no pé esquerdo, Cindehella fugia pela floresta. Quando seus músculos já gritavam de agonia, ela teve que se esconder atrás de uma moita para recuperar o fôlego. E ali, no frio da madrugada, escondida de tudo e de todos, ela finalmente se permitiu chorar.

“O que... o que aconteceu? Eu estava dançando tão feliz com o príncipe quando o relógio...”

Tentando se lembrar do ocorrido, ela reviveu em sua mente as últimas horas antes do baile. O encontro com a fada, o desenho no chão, a mágica, e aquelas palavras ditas quando ela já estava na carruagem. Lembrou-se de que tinha algo a ver com meia-noite... e um preço a ser pago.

“Minha nossa... será que a culpa... a culpa foi minha?”

A dúvida perfurou seu coração. Teria sido ela a responsável pelo mais horrendo e imperdoável dos crimes? Ao menos, pensou ter um álibi perfeito – ninguém tinha motivos para desconfiar que ela, uma simples serviçal, havia ido ao baile. Lembrou-se então do sapatinho que havia deixado para trás e tirou o que ainda vestia para jogá-lo raivosamente num rio que ali passava.

“Se tive algo a ver com isso, ninguém jamais saberá! Ninguém!”

Entrou na água para lavar o sangue do corpo. Para manter as aparências, resolveu voltar para a casa da madrasta, esgueirando-se pelos becos escuros e pelas ruas desertas. Foi vista por um ou outro cidadão, que, se estava à rua naquela hora, boa gente não devia ser.

Tão logo chegou em casa, subiu as escadas em direção ao sótão. Nas paredes, os retratos das falecidas Griselda e Anastácia pareciam olhar para ela. Trancou-se e usou toalhas velhas para limpar o sangue grudado em seus cabelos louros.

Enfiou a cabeça no velho travesseiro, gritando pela fada:

"O que foi que tu fizeste?! O que foi que tu fizeste?"

Não houve resposta. Fechou os olhos e gritou, tentando expurgar aquela noite da existência. Era impossível dormir. Mas o corpo simplesmente desligou.

***

Cindehella tentou fingir naturalidade quando, poucas horas antes do sol nascer, a madrasta voltou para casa, sozinha. Após alguns minutos ouvindo o choro lamurioso, resolveu descer e perguntar cinicamente o que havia acontecido.

"Oh, Cindehella, o horror... o horror! Minhas filhas... minhas tão belas filhas..."

A madrasta não conseguia terminar uma única frase. Cindehella lhe trouxe um copo d'água e descobriu enfim o que havia ocorrido durante seu transe. A megera lhe contou, com riqueza de detalhes, tudo sobre a misteriosa moça que apareceu no baile e cativou o príncipe, antes de transformar o baile num abominável pandemônio. Todas aquelas revelações iam aos poucos lhe revivendo as memórias, como um sonho que é lembrado durante o dia. Nem mais precisou fingir espanto. Pôs-se a chorar junto à madrinha, num misto de culpa e medo, quando foi surpreendida por palavras que jamais esperava ouvir:

"Cindehella... minha menina... eu te tratei mal a vida inteira. Agora, és tudo o que me resta", disse a madrasta, antes de abraçá-la.

E a megera, que nunca havia lhe dito uma palavra de ternura, teve que se contentar com seu colo após a repentina perda das duas filhas. Com a madrasta em seus braços, Cindehella tentava ignorar o sentimento de satisfação que aos poucos aflorava em seu peito.

***

Mais calma, a madrasta lhe contou que, segundo as poucas testemunhas que haviam sobrevivido, ninguém sabia a identidade da bela jovem que levara a morte para dentro do castelo.

“E não há nenhuma pista que leve até ela?”, perguntou Cindehella.

“Somente um sapatinho de cristal, que caiu na escadaria...”, lamentou a madrasta.

Ao ouvir aquelas palavras, a gata borralheira respirou aliviada por ter se livrado da única prova que a incriminaria. Agora tinha certeza: levaria o segredo para o mundo dos mortos.

“Vamos... temos muito o que fazer”, convocou a madrasta, subindo para o quarto das filhas. Precisava coletar roupas e objetos pessoais que seriam cremados na pira coletiva das vítimas daquela fatídica noite.

Cindehella a seguiu e ficou parada na porta, observando o choro da madrasta se intercalar com risos de saudade. Numa ternura que poucas vezes exibira, a megera cheirava roupas que logo se encharcavam com as lágrimas:

“Este vestidinho eu comprei pra Anastácia! Paguei uma fortuna e ela nunca usou!”, riu, mostrando a peça. “Este chapeuzinho Griselda usou em sua primeira missa!”

E assim ia revivendo a infância e a juventude das filhas.

“Cindehella, viste o colar azul de Griselda? Aquele, que comprei recentemente, junto ao vestido de Anastácia.”

“Sim, madrasta. Vou buscá-los, estão... na lavanderia”, disfarçou.

Subiu as escadas até o sótão e encarou novamente o olhar reprovador nos retratos de Griselda e Anastácia. Riu por dentro e mostrou-lhes a língua, pois sabia que não havia nada que as falecidas poderiam fazer.

Abriu seu baú em busca do colar e do vestido que havia escondido. Mas teve uma visão que a fez saltar para trás: lá estava, no meio das roupas surradas, sobre o vestido de Anastácia e enrolado ao colar de Griselda, o pé esquerdo do maldito sapatinho de cristal. Além das manchas de sangue seco, tinha água lamacenta e lodo do rio.

“Não é possível!”

Do quarto das irmãs, a madrasta chamava por ela:

“Cindehella, achaste o colar e o vestido?”

“Hã... sim, madrasta! Já estou indo!”, disse, pegando as peças das falecidas. Precisava se livrar do sapatinho, mas lá não havia sequer uma janela. Chutou-o para baixo da cama, ele rodopiou e bateu na parede.

“Já estou indo!”

***

Uma enorme pira foi montada em frente ao castelo, onde foram queimados os pedaços de corpos varridos do chão ou até mesmo raspados das paredes do salão. A madrasta estava inconsolável nos braços de Cindehella, que só de relance pôde ver o príncipe na janela.

No castelo, o filho do rei segurava o sapatinho de cristal, relembrando o pesadelo da noite anterior. Lembrou-se do pobre pai, cujo corpo fora partido ao meio por um dos demônios.

“Vou encontrar a responsável por toda essa desgraça, meu pai! Eu prometo!”

Prontamente, convocou a guarda real e seus guerreiros mais condecorados, a quem deu ordens expressas:

“Todas as estradas ficarão fechadas até segunda ordem. Depois do funeral, os soldados deverão acompanhar as mulheres até suas casas e montar guarda em suas portas. Então, vós visitareis as casas, uma a uma, experimentando o sapatinho de cristal em todas as mulheres, velhas ou novas, ricas ou pobres, vivas ou mortas, até que a dona dele seja encontrada!”

A ordem se espalhou pelo reino como o fogo numa cabeleira. Os soldados acompanharam as mulheres até suas casas, de onde foram proibidas de sair. Barricadas foram montadas nas estradas, cachorros e adivinhos foram colocados a serviço do príncipe.

Estivesse naquele reino, a dona do sapatinho seria encontrada.

***

Cindehella e a madrasta foram acompanhadas até sua casa por um soldado que, tão logo entraram, montou guarda na porta.

“Mas isso é um absurdo!”, resmungou a megera. Nem me deixaram chorar por minhas filhas! Não podem nos manter prisioneiras!”

A preocupação de Cindehella ia muito além de sua liberdade. Sabia que, se o sapatinho de cristal fosse colocado em seu pé, ela seria condenada à fogueira no mesmo instante.

“Há muito o que fazer na casa... vou voltar a minhas tarefas.”

“Cindehella, és tão trabalhadora. Nem mesmo neste momento de luto infinito deixas de fazer teus afazeres.”

“Não faço mais do que minha obrigação, madrasta... é o mínimo que posso fazer depois da grande perda que tiveste.”

A megera, amaciada pelo luto, arrependeu-se de sua atitude quanto a Cindehella:

“Por favor... não me chames mais assim. A partir de hoje... quero que me chames de mamãe.”

“Como quiseres... mamãe!”, disse Cindehella, abraçando a caolha.

De relance, olhou pela janela. Na esquina de sua rua, viu uma barreira sendo montada. Olhou para o outro lado, e o serviço já estava pronto. E, algumas casas à frente, viu os soldados baterem na porta:

“Abre! São ordens do príncipe!”

Não havia como fugir dali. Se quisesse sobreviver, precisaria se livrar de seu pé fino e delicado. Pensou, pensou e pensou, até que se lembrou de um capítulo num dos livros do pai.

“Vai descansar, mamãe. Eu vou preparar algo para comeres”, disse, tocando os ombros da madrasta.

“Obrigada, Cindehella. Filha”

Tão logo a megera foi se deitar, Cindehella foi correndo à cozinha. Lá, pegou:

- Uma colher
- Um copo cheio d’água
- Um pote de sal

- Uma frigideira
- Uma garrafa de conhaque
- Um cutelo

Voltou para seu sótão e lá sentou-se sobre os pés. Olhou para o pote em sua mão e deu início a seu desesperado plano.

Encheu a colher com o sal e, sem pensar duas vezes, levou-a à boca, que prontamente reagiu àquele ultraje despejando largas quantidades de saliva que se mesclaram à substância, formando uma asquerosa pasta branca que escorreu pelo canto da boca. Os lábios e a língua começaram a arder, e os finos grãos passaram por entre os dentes chegando a arranhar a gengiva e fazê-la agonizar com tamanha insanidade.

Com o rosto se retorcendo, ela engoliu tudo, espalhando aquela sensação horrível garganta abaixo. Resistiu bravamente a ingerir a água do copo. E antes que pudesse se arrepender, repetiu por mais uma vez o insuportável processo.

Em um quarto de hora, os guardas chegariam.

***

Minutos após a macabra ingestão, a língua e os lábios ardiam como se marcados a ferro em brasa. A saliva ainda lhe descia insuportavelmente salgada, quando ela sentiu uma explosiva vontade de urinar. Mas contorceu as pernas, prendeu a respiração e tensionou os músculos do abdome, tentando aliviar a massacrante tensão em sua bexiga. Ela precisaria reter todo o líquido que pudesse se quisesse sobreviver àquela noite.

Os rins, inchados, irradiaram sua agonia pelas costas. O coração começou a palpitar, a respiração a ficar difícil. Ela podia sentir, em seu rosto, nas pontas dos dedos, nos pés pressionados debaixo de si, o corpo se inchando, sobrecarregado com tanto sódio, aflito por expeli-lo pela urina que perigosamente começava a contaminar seu sistema circulatório.

Se pudesse enxergar através dos próprios órgãos, ela teria visto os vasos da bexiga se racharem com tanta pressão. A agonia beirava o insuportável. Do fundo de sua mente, o instinto de sobrevivência, que tanto havia sido testado nas últimas horas, tentou como derradeira alternativa se disfarçar de argumento lógico: o de que, se liberasse somente parte da urina, a tensão na bexiga seria

parcialmente aliviada. E, ouvindo aquele argumento sem sentido, Cindehella aliviou-se ali mesmo, sentada sobre os próprios pés. Primeiro foi um leve esguicho, que obviamente não podia ser controlado e precedeu um dilúvio quente e acre que se espalhou pelo chão e subiu por suas roupas.

Enxugou-se o melhor que podia e enfim, tomou a água, que aliviou parte de sua agonizante sede. Então, pegou a frigideira, o conhaque e o cutelo.

Os soldados já deixavam a casa do vizinho.

***

“Madame, como é de vosso conhecimento...” disse o soldado à porta da casa da madrasta, acompanhado de mais dois, – “...algo terrível se sucedeu na noite de ontem.”

“Sim, eu soube, nobre soldado. Tive duas enormes perdas, minhas queridas Griselda e Anastácia. Espero que encontrem logo a responsável por essa terrível atrocidade!”

“Estamos nos esforçando para isso, madame. E contamos com vossa colaboração. Podei, por gentileza, experimentar este sapatinho de cristal?”

Cindehella calmamente se sentou e levantou a saia. Tentou calçar o sapatinho, mas ele mal passava pelos seus dedos inchados.

“Não serve. Partamos para a próxima casa!”, ordenou o soldado. “Obrigado por vossa inestimável ajuda, madame!”

“Não há de quê.”

Os soldados se preparavam para sair, quando Cindehella observou:

“Esperem um minuto...”

“Sim, madame?”

“Observando bem esse sapatinho... oh, minha nossa! Eu acho... eu acho que sei de quem é!”

Os soldados logo arregalaram os olhos.

“Por aqui!”, disse Cindehella, levando-os para o quarto da madrasta, gesticulando para que fizessem silêncio.

Ao adentrarem no aposento, os soldados viram a megera desacordada sobre a cama, com o outro par do sapatinho de cristal em seu pé esquerdo.

“Ela chegou ontem à noite, toda ensanguentada” disse, exibindo as manchas de sangue sobre as toalhas. “Mandou que eu limpasse tudo e não dissesse nada a ninguém e, desde então, está desacordada. Morri de medo, mas graças aos céus, vocês estão aqui!”

“É ela! É ela! A dona do sapatinho! Prendam-na!”, gritou o soldado, ensandecido.

Os soldados levaram a madrasta, desacordada, para a carruagem do lado de fora. Ao ver a cena, os vizinhos passaram a gritar, acender tochas e perseguir o veículo, clamando por justiça:

“A caolha é a moça do baile! A caolha é a moça do baile! Queimem-na! Queimem-na viva!”

***

Cindehella viu os guardas levarem a madrasta com uma satisfação que jamais tivera na vida. Atrás de si, os vizinhos já ateavam fogo na casa, que queimaria com as provas de seu crime: a frigideira usada para nocautear a megera, o cutelo utilizado para decepar dois de seus dedos e um pedaço do calcanhar, e o conhaque usado para esterilizar o ferimento.

Tão logo recuperou a consciência, a madrasta contou uma história na qual o enfurecido príncipe jamais acreditaria. Sem que pudesse argumentar, foi queimada viva na frente de todos os cidadãos que haviam perdido alguém na fatídica noite do baile.

Já Cindehella, livre pela primeira vez na vida, passou a batalhar por sua sobrevivência nas ruas. Passou a cometer pequenos furtos, a mendigar por comida e, vez por outra, a trabalhar de casa em casa como faxineira e serviçal. Levou muitos e muitos anos até que teve dinheiro o suficiente para readquirir os livros do pai, e preferiu fazê-lo em vez de comprar uma casa.

Com eles, desvendou outros segredos do corpo humano. E tornou-se ainda mais faminta pelo conhecimento. Estudou alquimia, astrologia, até que um dia descobriu as artes ocultas. Quando se deu conta, os anos já haviam levado sua beleza. Os cabelos se esbranquiçaram e a pele se cobriu de verrugas como um tronco úmido cheio de cogumelos. E, àquela altura da vida, depois de tanta

desgraça e miséria, a sanidade passou a ser um fardo incômodo que sua corcunda não podia mais carregar. Mesmo morando debaixo da ponte, ela sabia que um dia voltaria a ser de todas a mais bela.

Da noite mais mágica de sua vida, guardou apenas a única palavra dita pelo príncipe:

“Bruxa”.

A confissão

Tarde da noite.

Tempo, dinheiro e prestígio eram coisas que aquele velho tinha em abundância. Graças a seus feitos, era respeitado por todo o reino, da família real aos mais humildes lenhadores. Durante os longos meses de inverno que massacraram aquela terra, sua casa era uma das únicas a receber queijos, frutos e aves frescas enviadas pelo governo. Qualquer coisa que quisesse obter ali, desde um simples pedaço de pão às terras do próprio rei, já se via quitada pela gratidão que todos lhe deviam.

Mesmo sendo tão afortunado, o velho se sentia ainda mais vazio do que nos tempos de pobreza e mais miserável do que os vendedores de fósforos que morriam de frio pelas ruas. Pois, desde que perdera o único filho, sua vida se transformara numa tediosa espera por notícias que jamais chegavam, ou pelo fim, o que viesse primeiro.

Quis o destino enviá-los em comitiva.

O velho ouviu batidas vindas do andar térreo. Pegou sua antiga lamparina para iluminar o caminho, desceu e abriu a porta para o xerife, que disse sem cerimônia:

“Senhor... creio que o encontramos!”

O maltratado coração do velho disparou. Ele arrumou os óculos no rosto, franziu a testa e perguntou:

“Como sabeis que é ele?”

“Fizemos o que mandaste. Apenas seguimos a trilha de sangue, até encontrarmos uma pobre viúva, cujo marido fora assassinado. A partir do relato da desamparada mulher, pudemos encontrar o suspeito, e ele se entregou sem a menor resistência. Contudo...”

“Contudo o quê?”

“...há algo que não encaixa na história. Pois, além deste crime horrendo, ele ainda confessou outro, sem sequer ter sido questionado. Simplesmente desatou a falar, de maneira sádica, satisfeita, até prazerosa. Certamente te lembras da pobre menina dos cachinhos dourados...”

“Claro”, respondeu o velho, lamentando-se. “A pobrezinha que foi devorada por ursos!”

“Pois bem, segundo o... hã, suspeito, não se tratou de um simples acidente, mas de uma ação premeditada!”

O velho, que amava crianças, tirou os óculos e esfregou os olhos.

“Céus!”

“Infelizmente, meu relato não acaba aqui. O suspeito afirma ainda estar ligado a diversos outros crimes, especialmente fraudes, como a dos sete gigantes supostamente assassinados. Mas, em todos meus anos de polícia, acho difícil crer que um único ser humano, que tem no máximo 19 ou 20 anos, tenha sido capaz de acumular tamanho currículo de perversidades, por mais endemoniado que seja!”

“Tu não o conheces, caro xerife! Não sabes o que ele fez comigo nem do que é capaz!”, disse o velho, pegando seu casaco e seu chapéu. “Vamos até lá, tenho contas a ajustar!”

O xerife levou o velho até o calabouço, onde os piores tipos encontrados no reino eram aprisionados. Assassinos, charlatões e adoradores do diabo dividiam seus claustros com baratas, ratazanas e sócios corruptos, aguardando a execução em praça pública que tanto apetecia os cidadãos.

Cada passo por aqueles corredores abafados e úmidos era uma tortura para o velho. Mas sem sombra de dúvida ele preferia ficar preso ali a encarar o que veria a seguir. Dentro de um claustro, amarrado a uma cadeira estava um rapaz magro, de tez morena como um pinheiro, olhos azuis e cabelos lisos e negros, encharcados pelo suor que lhe caía sobre os olhos.

“Eu assumo daqui, xerife. Vai descansar”, ordenou o velho.

“Por favor, lembra-te do nosso acordo!”, pediu o xerife, tirando do bolso um enorme molho de chaves. Abriu as grades do claustro e o velho entrou, acompanhado por dois guardas. Virou-se e fez sinal para que saíssem também. Eles olharam para o chefe em busca de aprovação, e deixaram o ancião a sós

com o suspeito.

Olhou para o rapaz amarrado diante de si. Durante vários minutos, as goteiras e a respiração eram os únicos sons que se ouvia. As lembranças dos dias felizes ao lado do filho inundaram sua mente, mas ele conteve as lágrimas, prendendo a respiração. Esfregando a mão na testa, disse:

“O que houve com meu filho?”

Nenhuma resposta.

A cada palavra, o velho elevava o tom de voz:

“O que houve com meu filho!?”

Nada.

O velho percebeu que era inútil gritar.

“Que diabos estás tentando fazer?”

O rapaz jogou a cabeça para trás, mas estava apenas tentando tirar a franja molhada de suor da frente dos olhos. Tornou a baixar o queixo.

“Tu não vais escapar desta vez. Finalmente vais responder por todas tuas fraudes e crimes.”

Silêncio.

“O pobre gigante. Ele era meu amigo. E tu subiste num pé de feijão até a casa dele, só para matá-lo?”

O rapaz jogou a cabeça para trás, encarou o velho e finalmente disse:

“Sim! Mas, antes disso, resolvi roubar todo o ouro que o desgraçado possuía!”. Ele mal cabia em si. “Depois roubei sua galinha que botava os ovos de ouro. Preciso dizer o que eu fiz com ela?”

“Maldito, a galinha era um presente dos céus para os homens, que poderia pôr fim à fome que há anos assola nosso reino! O que tua mente deturpada fez? Tu a abriste querendo os ovos?”

“Abrir? Mas é claro que não! Desde quando me importo com ouro? Primeiro, eu quebrei-lhe o pescoço, e deleitei-me ao vê-la girar desesperadamete no chão ao redor do próprio eixo. Depois, enfiei-a num buraco e, em seguida, ateei fogo, ha ha ha!”

“Ateou fogo? Que espécie de ser humano és tu?”

“Oras, tu bem sabes a resposta para essa pergunta!”

A fúria do velho estava prestes a transbordar. Ele sentia seu coração palpitando, o braço formigando, sabia que um infarto se aproximava, mas, no fundo de seu ser, ele não se importava mais. Viver ou morrer naquela noite era indiferente.

“E a menina dos cachinhos dourados? Também foste tu?”

“Não. Ao menos, não exatamente. Quem matou a intrometida foram os ursos. Eu apenas disse a ela o que encontraria na casa: três pratos de mingau, três cadeiras, três camas e ninguém para importuná-la. Quando a pirralha entrou, eu só alertei os ursos que ela estava lá, ha, ha, ha!”

“E a amiga dela?”

“Ah, a do capuz vermelho? Menininha irritante. Não me admira que o pai dela tenha deixado-a sozinha na floresta!”

“O que fizeste com ela?”

“Eu? Eu não fiz nada. Mas nada posso dizer pelo lobo que seguiu minha dica, ha, ha, ha!”

“Miserável, como podes rir de uma situação dessas? Será possível que não tens coração!?”

“Ha, ha, ha”, gargalhou o rapaz, histericamente. “Logo TU vens me perguntar isso?”

Mais do que a confissão dos crimes, aquelas palavras fizeram o velho finalmente perder o controle. Cerrou o punho direito e desferiu um golpe no rosto do suspeito, que urrou cuspindo sangue e dentes.

Do corredor, os guardas se prepararam para entrar, mas foram impedidos pelo xerife.

“Isso é entre eles!”, censurou.

O velho desferiu outro golpe, depois mais outro e mais outro, até se tornarem incontáveis como as lágrimas que finalmente se libertaram e desceram furiosamente por seu rosto.

“Tu querias chamar minha atenção?”

“Na verdade, sim, eu quer...”

“Pois conseguiste! Conseguiste! Miserável! Maníaco! Assassino!”, berrou o velho, massacrando o rapaz.

Por mais que o esmurrasse repetidamente, o velho sentia como se estivesse num sonho, e nenhum dos socos saía com a força que refletia seu perturbado estado de espírito. E, pior, nada era capaz de tirar o sorriso cínico do suspeito, que o mantinha mesmo depois de perder os dentes da frente.

Sem se importar com o que fora acordado com o xerife, de que não mataria o suspeito, o velho agarrou-o pelas cordas e empurrou com tudo para o lado, em cima de uma poça. Em seguida, chutou-lhe o estômago e o viu agonizar em busca de oxigênio enquanto a água suja espirrava em sua boca.

“Desgraçado! Por que fazes isso? Por quê? POR QUÊ?!”

Então, o suspeito disse as palavras que ecoariam na mente do velho até sua morte:

“PORQUE EU TE ODEIO!”

Tão logo ele as pronunciou, seu sorriso cínico desapareceu e ele desabou a chorar. As lágrimas que escorriam de seus olhos azuis não eram de remorso, pois isso era algo que não sentia desde o dia em que perdera o grilo de sua consciência. Eram lágrimas de derrota, envergonhadas pelo nariz que crescia em seu rosto e já atingia quase um palmo. Dentre tantas confissões horripilantes e verdadeiras, ele contou a única mentira daquela noite, a maior mentira que um filho poderia contar ao pai.

O velho Gepeto deixou o claustro, consternado. Agradeceu ao xerife e pediu que se assegurasse de que o suspeito jamais deixaria aquele local.

Voltou a sua oficina. Foi encontrado morto no dia seguinte.

Bela Incorrupta

Robert Phillips West, estudante de medicina na mitológica universidade de Miskatonic, nunca aceitara o fato de que a morte é o único desfecho possível no livro dos homens. Filho de um rico construtor de ferrovias, desde pequeno desenvolveu um mórbido interesse pela morte que assustara os pais e inevitavelmente o levou a estudar o corpo humano. Entrou na universidade, onde realizou experimentos abomináveis com cadáveres, baseados em sua crença de que o corpo humano funciona tal qual uma máquina e que, munido das peças e dos combustíveis adequados, ele poderia prolongar indefinidamente o período da vida.

Os experimentos do jovem deixaram boquiabertos os professores da universidade, com resultados inquestionáveis em cadáveres, tais quais espasmos e até mesmo olhos se abrindo, após a injeção de um fluido miraculoso de sua invenção. Mas os anos de 1900 ainda não estavam preparados para tamanho salto na ciência, ameaçado pela crença de alguns cientistas e, principalmente, da Igreja, de que o corpo reanimado era desprovido do faz-de-conta conhecido como alma. Assim, os experimentos de West foram interrompidos, seu acesso aos cadáveres proibido e, enfim, sua matrícula na conceituada universidade cancelada. Contudo, a purgação do mundo acadêmico jamais seria um impeditivo para o obcecado West. Durante quase desesseis anos, com a ajuda de Randy Carter, um colega do curso, o jovem de cabelos loiros e olhos azuis realizou experimentos secretos nos fundos de sua mansão, visando nada mais nada menos que o desbravamento da morte, a mais longínqua e inevitável das fronteiras.

Tudo o que ele precisava eram cadáveres ainda frescos e, mesmo pagando polpudas quantias em subornos a coveiros e médicos, dificilmente ele conseguia corpos em tal estado. Esse sempre fora seu grande calcanhar de aquiles já que, por mais que tenha desempenhado avanços notáveis no campo da reanimação, ele aprendera a duras penas que a técnica deveria ser executada preferencialmente poucos minutos após o óbito, sob o risco de criar bestas movidas somente pelo instinto após a decomposição inicial do tecido cerebral.

Por diversas vezes, West inadvertidamente criou em seu laboratório improvisado o que povos como os mbundu chamaram de nzumbe, os haitianos zonbi, e, os ocidentais, zumbis. Mas, para West, os corpos que se reanimavam desprovidos de consciência e famintos por carne humana tinham somente um nome possível: fracasso.

A jornada em busca da reanimação de cadáveres o levou a transitar pelo meio-fio da sanidade, e ele foi visto pela última vez rondando os cemitérios de Boston no ano de 1921, certamente buscando novos corpos para seus inomináveis experimentos. Àquela época, o amigo e assistente Randy Carter já havia se afastado, temendo a gradual insanidade que se apoderava de West. E o fato de que ele sempre se queixara de que se sentia vigiado levou Carter a especular sobre seu assassínio.

Caso soubesse do que realmente acontecera, o ex-amigo jamais dormiria novamente.

A verdade é que, após sucessivas falhas em seus experimentos, West concluiu que sua técnica de reanimação, que consistia em injetar seu fluido na veia dos cadáveres, era absolutamente perfeita, pois em 100% dos casos era capaz de reanimar os mortos. Contudo, ela carecia de uma base mais sólida, uma etapa preparatória. Fazia-se necessário frear o relógio da decomposição enquanto sua técnica agia sobre o corpo. Durante as décadas seguintes a seu suposto desaparecimento, West empregou a enorme fortuna deixada pelo pai, morto em circunstâncias misteriosas, para viajar em segredo a diferentes localidades da Ásia, Índia e Europa, disposto a desvendar o mistério que orbita os mais antagônicos cultos e religiões: a incorruptibilidade, condição que, segundo se crê, mantém cadáveres intactos, sem qualquer sinal de decomposição senão um pequeno ressecamento da pele, durante séculos.

Nas proximidades de Yamagata, no norte do Japão, West ouviu relatos de corpos de monges budistas mortos há duzentos ou trezentos anos que, sentados em posição de lótus jamais se decompuseram. Todo seu ser se encheu de euforia comparável somente a sua decepção ao desvendar tal enigma. Os chamados Sokushinbutsu, ou budas vivos, como eram conhecidos os monges, tão somente causavam as próprias mortes através da inanição, que livrava os corpos de gordura, enquanto ingeriam quantidades graduais de venenos capazes de lentamente se acumular nos tecidos e inibir a ação de bactérias e vermes após o óbito.

No Vietnã, West descobriu a história de Vuc Khac Minh, outro monge budista

morto em 1639 em posição de lótus, durante uma jornada de 100 dias de prática meditativa. Seu corpo fora encontrado pelos outros monges intacto, e assim permanecera pelos três séculos seguintes. Mas pouco de sobrenatural havia no fenômeno. Especula-se que seu extraordinário estado de conservação se deveu a uma combinação de sais minerais encontrados em sua pele que, em contato com a gordura do tecido adiposo, teriam se tornado uma espécie de sabão fato que, por mais peculiar que fosse, não servia aos propósitos de West. Ele precisava de um corpo morto, conservado e com os tecidos intactos.

Já na França, ele viu de perto o corpo da freira Bernadete Soubirous, que durante os 40 anos desde sua morte fora exumada duas vezes, sem que ninguém pudesse explicar a suposta incorruptibilidade de seu corpo. Essa história, e dezenas de outras colecionadas, sobre lamas, santos e até mesmo camponeses comuns cujos corpos não se decompunham, levaram West a crer que, mesmo com uma farsa aqui e acolá, a incorruptibilidade era um fenômeno raro, mas real. Fosse ele capaz de desvendá-la, teria a chave para a reanimação.

Foi na cidade de Düsseldorf, de uma Alemanha arrasada pela guerra, que West descobriu a mais notável ocorrência do fenômeno. O corpo de uma jovem de identidade incógnita, conhecida como Bela Incorrupta, fora encontrado por camponeses há mais de 100 anos, enterrada dentro de um esquife de vidro. A relíquia fora julgada perdida após um bombardeio à cidade, mas foi encontrada intacta pelos americanos debaixo dos escombros de uma igreja.

Ainda que muitos fenômenos de incorruptibilidade desafiassem o pensamento científico, todos eles pareciam meras fraudes se comparados ao corpo de Bela. A pele ainda era rosada, coberta por uma fina camada de sebo. Os cabelos, sedosos, brilhavam como se recém-lavados, e os lábios ainda estavam levemente umedecidos.

West precisava daquele corpo, guardado numa base de ocupação americana. E os anos roubando cadáveres em morgues e cemitérios haviam lhe dado o treinamento necessário para orquestrar um roubo de complexidade filarmônica. Usando o resto da fortuna deixada pelo pai, subornou guardas, soldados e um assassino, que deu cabo de uma jovem de traços parecidos com os da morta. Na calada da noite, ele trocou os corpos e levou o esquife num caminhão militar para a velha casa de campo comprada de um lavrador.

A casa pouco interessava a West, mas seu porão largo era tudo o que precisava. Lá ele levou o corpo, determinado a prosseguir seus experimentos. Daquele porão, ou os dois sairiam vivos, ou nenhum.

Talvez tenha sido a excitação ou o esforço por ter carregado o corpo escadas abaixo, mas tão logo desceu ao porão, sentiu uma pontada aguda no coração, seguida por um formigamento em todo o lado direito do corpo. Ainda que não acreditasse em céu e muito menos em inferno, do contrário jamais executaria seus experimentos profanos, rogou a quem quer que estivesse ouvindo-o por mais tempo.

Apressou-se em sua pesquisa. Deitou o corpo numa mesa de cirurgia improvisada e logo puxou a pálpebra esquerda da finada. A córnea estava brilhante como se ainda vivesse, e não turva como é da natureza dos outros cadáveres. Tocou-a levemente, estava úmida, e em seguida perfurou-a lentamente com uma seringa, extraindo um líquido negro e viscoso que vazou pelo buraco e murchou o globo ocular, maculando permanentemente sua magnífica feição. A perfuração abriu o apetite da curiosidade de West e ele introduziu uma pequena faca dentro da cavidade óssea e cutucou o olho até extraí-lo.

Suas mãos desprotegidas já estavam manchadas de preto. Esticou a camada de músculo e gordura rosa que envolvia o olho e ficou estupefato por eles ainda estarem úmidos. Uma nova perfuração fez com que um líquido transparente conhecido como humor aquoso vazasse, e não havia nada nele que indicasse ter sido extraído de um corpo enterrado há centenas de anos. Durante longas horas, ele dissecou cuidadosamente as camadas do olho, numerosas como as de uma cebola e frescas como ele jamais vira antes. No fim do trabalho, inconclusivo, teve vontade de extrair novos órgãos, mas foi vencido pelo sono. Dormiu ali mesmo, com o rosto deitado sob os viscosos líquidos oculares.

Outro fenômeno incrível deixaria West estupefato: ao acordar no dia seguinte, reparou que os líquidos haviam secado e o olho já se decompunha em ritmo acelerado. O que quer que fosse responsável pela incorruptibilidade estava intrinsecamente ligado ao corpo, e ele concluiu que seguir com a dissecação implicaria em perder seu belíssimo e valioso objeto de estudos.

Nos meses que se seguiram, West realizou experimentos mais comedidos em Bela. Pela primeira vez na vida, sentiu remorso, ao olhar para o rosto maculado da jovem, sem o olho esquerdo. Usando um pouco de barro, moldou uma esfera e a inseriu na cavidade ocular, fechou a pálpebra e recuperou, em parte, sua beleza original. Contanto que a pálpebra não fosse erguida, a jovem parecia tal qual havia sido encontrada, o que trouxe uma sensação de alívio para West. Por mais que desconhecesse, de tanto olhar para Bela, ele começou a nutrir por ela um sentimento de proteção, talvez até carinho, se seu abominável coração fosse

capaz de tanto.

A cada novo experimento, ele arrancava pequenos nacos de pele e tecido, e, depois de muito relutar, extraiu-lhe a tíbia esquerda, enquanto pedia mil desculpas ao corpo inerte. No lugar das mutilações, o sangue não escorria, mas formava-se uma pequena vermelhidão, tal qual ocorria com outros corpos incorruptos exumados por cientistas.

Quase um ano se passou desde que West roubara o corpo. Além de não ter conseguido avançar em seus estudos, as frequentes pontadas no peito indicavam que o tempo para experimentos estava no fim. Mas se o mistério da incorruptibilidade do corpo estava além de seu alcance, por outro lado ele tinha em suas mãos o cadáver mais bem preservado que já vira. Ao avaliar o estado dos outros tecidos, não havia razões para duvidar que o cerebral gozasse da mesma saúde.

Durante quase uma noite, ele preparou depois de muitos anos seu fluido maldito. Ao terminar, injetou o líquido no braço incrivelmente macio da moça, até que a substância negra transbordasse pelo pequeno buraco da agulha. Pacientemente, ele falou em com sua voz arranhada e um tanto gaga sobre como Bela lhe traria fama e fortuna uma vez que ele revelasse ao mundo o êxito de seus experimentos. De como o corpo docente da Universidade de Miskatonic e até mesmo seu melhor amigo e assistente, Randy Carter, voltariam correndo de joelhos quando o fluido estivesse presente em todas as salas de cirurgia do mundo, pronto para reanimar os recém-mortos. E no dia em que seu coração finalmente falhasse, ela, sua amada Bela, seria quem lhe traria de volta com a técnica miraculosa, para que juntos gozassem de uma vida livre de julgamentos e das amarras da morte.

Por vários minutos, ele observou atentamente o rosto corado de Bela, esperando o momento de ser surpreendido com a abertura de seu belo olho azul. Mais uma vez, lamentou-se por ter arrancado o olho, a tíbia e alguns dedos, mas ela haveria de entender quando acordasse.

Horas se passaram. Ele tentou ainda uma segunda dose do fluido, sem efeito. O fantasma do fracasso logo jogou sua sombra sobre West e, enfurecido, ele socou o peito do corpo sem vida da moça por repetidas vezes, gritou-lhe que despertasse, desafiou-a a abrir a boca e tentar devorar seu cérebro como seus experimentos anteriores fizeram, mas ela permanecia imutável como o mais belo dos quadros.

West virou-se de costas e foi até a porta. Apoiou-se sobre o batente e começou

a chorar de raiva. Dedicara anos de sua vida a encontrar aquele belo corpo atrás de si, e outros tantos a desenvolver seu fluido reanimador. Anos que lhe custaram a brilhante carreira, a herança deixada pelo pai e a juventude. Agora, sem recursos para sequer voltar para casa, sem poder praticar medicina e dado como morto em sua terra natal, restava-lhe apenas esperar pelo próximo ataque do coração, que já se anunciava através de um familiar formigamento no braço.

Voltou-se para Bela e tocou-lhe suavemente o rosto. Aproximou-se e, em seu ouvido, agradeceu-lhe pela ajuda em seus experimentos. Ele sabia que a morte se aproximava, mas disse que, já que não conseguira lhe trazer de volta à vida, ele ao menos poderia dar-lhe algo.

Vestiu-a com seus belos trajes de princesa. Escreveu uma carta, em que detalhou com riqueza de detalhes a autópsia parcial realizada no olho, nos dedos e na tíbia, sem especificar a real razão pela qual o fizera. Esperava que o corpo pudesse ser estudado pelas gerações futuras e deixou seu laboratório improvisado. Numa delegacia da cidade, ele confessou o roubo que deixara o exército americano e toda a Alemanha boquiaberta, e indicou com precisão sua localização, antes de sofrer um derrame fulminante que o deixou em coma durante seus derradeiros dezoito meses.

A reaparição do corpo incorrupto logo ganhou as páginas de jornais do mundo todo e ele foi transportado para universidades e laboratórios por toda a Europa para averiguação. À exceção das mutilações promovidas por West, e mais algumas que vieram a ser feitas pelos cientistas, aquele era o cadáver perfeito de uma jovem de vinte e poucos anos, em melhor estado do que o de muitas que ainda viviam.

De volta à Alemanha, o corpo foi novamente colocado num esquife de vidro, desta vez, blindado, para ser exibido no Museu Gemäldegalerie, em Berlim. Durante todo resto do século XX, ele foi visitado diariamente por milhões de cristãos, fiéis e curiosos, que diziam que seu simples vislumbre era capaz de curar enfermidades. Contudo, inexiste qualquer fato que comprove a tese.

O corpo foi novamente roubado misteriosamente no ano de 1982, numa sequência cinematográfica de crimes e fraudes executados com perfeição. Contudo, o esquife voltou a aparecer dois anos depois, a bordo de um navio abandonado na costa da cidade de Nice, França, aparentemente intacto, de onde foi devolvido ao povo alemão.

Com a segurança reforçada, comparável somente àquela que foi montada para proteger a Mona Lisa, Bela Incorrupta agora recebe seus visitantes protegida por

um pequeno exército. Mas, ao olhar para o rosto sedoso e tranquilo da jovem que atravessou séculos sem se decompor, os fiéis cheios de pedidos e esperanças sequer imaginam a horripilante história por trás do caixão transparente. Não sabem que a pobre Bela ouve suas preces, escuta e sente tudo o que se passa consigo e a sua volta, incapaz de se mover ou se fazer ouvir desde que mordera uma maçã envenenada, em 1598.

O monstro

Quando numa noite eu lia um tomo interdito
Escrito a sangue sujo em idiomas ancestrais
Ouvi um bater na porta seguido de um grito
Que atirou minh’alma em fossas abissais

E eu indaguei: quem és, por que me perturbais?

E dos versos do Corvo de Allan Poe
Fiz manuais para estes que testemunhais
A criatura adentrou e me olhou

Consumiu por completo minha paz

E eu clamei: “Piedade, anjos celestiais!”

Vi um monstro disforme cuja feiura congela
Como se rascunhada por Deus em traços banais
Juntos compunham uma abominável tela
Pincelada pelo diabo com sangue e aguarrás

E a criatura disse: “Ouve, meu rapaz!”

Desde pequeno o mundo eu rondo
Numa busca vã por meus iguais
Meu crime e castigo mais hediondo
Foi nascer com feições chacais

E ele disse: “Não sou do diabo o capataz!”

“Ao me ver recém-nascido, minha mãe caiu dura
Meu pai desconfiado, observou os sinais
Furioso, logo lhe deu uma bela surra

Ao concluir casos extra conjugais

E ele chorou: “Em nada eu lembrava meus pais!”

Fugi de casa e encontrei abrigo

Junto a dois colegas fraternais
Mas logo os três corremos perigo

Dois disparos foram fatais

E ele orou: “Que descansem em paz!”

Ao longe estava o atirador
As balas voavam zás-trás
Fiz-me de morto em meio ao horror
Banhado em sangue de chacinas tais

E o caçador cuspiu: “Aqui o maldito jaz!”

Ao anoitecer, vi uma casa decadente

Habitada por uma velha incapaz

Adentrei o curral sorrateiramente
E deitei-me junto aos animais

E a velha ouviu “aus”, “uis” e “ais”

Pois nem cão nem cabra suportam minha feição
Pelos deuses escarrada sou banido em seus portais
Filho do demônio ou assombração, viver é minha maldição
As coisas belas encontram em mim seus funerais

E ele disse: “Nunca fiz nada demais!”

Por onde passo causo espanto
Contudo não quero olhar para trás
Se me deixares ficar em qualquer canto
Serei de teus escravos mais leais

E eu gritei: “JAMAIS!”

Pelo Deus que ambos tememos!

Te expulso de meus umbrais
Vai destilar tua discórdia e teus venenos
Em tuas profundezas infernais!

E ele disse: “Arrepender-te, um dia vais!”

Abismado, vi partir aquela fera
Que olhou para trás e disse as palavras finais
E então compreendi o que a besta era
Monstro ou assombração são coisas irreais!

E ele disse: “Sou um pato... e nada mais.”

O Cemitério

Dizem que, das 3 às 4 da madrugada, os espíritos estão livres para fazer o que bem entenderem. Às 3 horas, 3 minutos e 3 segundos daquela noite, o rapaz, sentado sobre uma lápide sem nome, apenas com uma marcação de ano, observava os lamuriosos fantasmas que visitavam aquele cemitério esquecido.

Ele mesmo falecera há pouco, de maneira tão repentina que, não tivesse visto o próprio corpo no chão, com o pescoço rompido, o galho quebrado logo ao lado e o cavalo partindo para a liberdade, teria certeza de que ainda respirava. Tanto que punha a mão no peito e o sentia subir e descer, tocava a lápide debaixo de si e sentia sua textura gelada e arenosa, baforava suavemente e via a névoa branca surgir. E o pescoço partido ainda doía, permanentemente curvado para a direita.

Foi quando chegou um outro fantasma, que pela lógica não era nem novo nem velho, mas ainda ostentava a aparência do tempo em que era encarnado: a de um velho magro, careca, com o pescoço coberto por pintas pretas que cresciam descontroladamente. Doença ou maldição, ele já não se importava há muito tempo. Fora enterrado naquele mesmo cemitério, décadas antes, e nele vira chegar a maior parte de seus descendentes e conhecidos.

“És novo por aqui, não és?”, perguntou o velho fantasma.

“Creio que sim...”, respondeu o rapaz.

“Estás esperando alguém?”

“Sim, como sabes?”

“Todos aqui esperam por alguém. Ou alguma coisa. Uma noiva, um filho, uma herança, um segredo.”

“É!”, desconversou o rapaz, sem querer entrar em detalhes sobre sua vida - ou morte.

“Vê aquela sem um olho e com o pé direito gangrenado?”, apontou o velho. “Está até hoje à espera da enteada, de quem quer se vingar. Vai ter que esperar um bocado...”

Apontou para outro, um velho gordo com um espesso bigode, trajando vestes elegantes, ao menos na metade do corpo que ainda possuía.

“Aquele ali foi rei. Está esperando pelo filho, que enlouqueceu e foi parar em outro lugar. Não creio que venha para cá.”

Outro desgraçado era um homem com o corpo em chamas que, por mais que se revirasse no chão, elas jamais se apagavam:

“Aquele ali... tsc. Aquele está esperando sua vez de ir embora. Mas nem no inferno há lugar para homens como ele! Terá que esperar muito até que as chamas se apaguem!”

“E aquela?”, perguntou o rapaz, apontando para o que parecia ser uma garota, de feições dilaceradas além do reconhecimento. Sentada em frente a uma lápide, ela trazia um cesto pendurado no braço cujos ossos estavam expostos.

“Vem aqui todas as noites, lamentar-se sobre o túmulo da avó!”

“E como a infeliz acabou assim?”

“Ah, tu dizes, os machucados? Bem, cada dia é uma coisa. Da última vez, ela disse que foi atacada por um tigre! Pela natureza dos ferimentos - ele apontou para a mandíbula pendurada do lado direito, o pedaço do cérebro exposto do mesmo lado e as entranhas esparramadas pelo chão - não ouso duvidar!”

O fantasma inexperiente olhou para baixo, tentando evitar aquela visão grotesca até mesmo para os espíritos.

Contentou-se então de que cair do cavalo ao menos fora uma morte rápida e indolor.

“Que maneira horrível de morrer!”

O velho fantasma apenas riu.

A jovem então enxugou as lágrimas e o sangue do rosto em seu capuz. Puxou a pele solta da mandíbula e a remendou do outro lado do rosto, antes de voltar a abrir e fechar a boca fazendo estalar o osso. Abaixou-se e recolheu as tripas do chão, enfiando-as displicentemente barriga adentro. Segurou um naco de pele abaixo das costelas e, quando o soltou, o tecido estava ao menos remendado, como se feito de farinha e água, de forma que seus órgãos internos não mais caíssem para fora. Partiu, carregando seu cesto de doces e cantarolando uma canção de ninar.

“Adeus, vovó!”, disse, acenando.

O espírito do rapaz achava que já tinha visto de tudo, e ficou surpreso ao ver a jovem caminhar rumo à saída do cemitério. Quando ela se virou para dar uma última olhada para o túmulo da avó, seu rosto antes dilacerado já se aproximava da normalidade.

“Seu tolo. Ela não é como nós!”, gargalhou o velho fantasma. “Anda de mãos dadas com a desgraça antes mesmo de ter nascido. Passou dias sufocando dentro do ventre da mãe morta, e, quando menina, foi engolida por um lobo e depois retirada viva de dentro dele. Desde então, já se atirou de penhascos, decepou as próprias mãos, banhou-se em ácido, engoliu um copo cheio de alfinetes, enfrentou ursos, bruxas e legiões infernais. Ainda assim, o espírito da morte se recusa a levá-la. Dos que visitam este cemitério todas as noites, a garota do capuz vermelho é a única que ainda vive, sozinha, sem jamais poder morrer.”

Samarapunzel

Existe um lugar secreto, em que poucos se atrevem a pisar, onde se encontram reunidas todas as histórias já contadas, numa vasta coletânea de volumes que, se enfileirados, dariam a volta não apenas neste mundo como também no dos sonhos. Da ascensão e queda da espécie de macacos conhecida como homem, aos contos há muito enterrados em Kadath, tudo o que foi e será está registrado, para um propósito que não cabe ao leitor conhecer.

Todos os volumes encontram-se abertos, numa sala em que não há porta nem fechadura. Contudo, certas histórias que lá se encontram estão protegidas não por correntes, tampouco cadeados, mas por páginas escritas em idiomas asquerosos para impedir que seu conteúdo maldito espalhe-se como a varíola e cubra de chagas as almas daqueles que as lerem ou escutarem, de fogueira em fogueira, vila em vila, reino em reino, até os dias de um tempo futuro que com sorte não testemunharei.

Naquela noite, a luz de minha vela tremitava, fazendo dançar as letras que lentamente escorriam de minha pena. Com a saúde frágil, abalada pela escarlatina, alternava períodos de melhora com recaídas sofridas, acompanhadas de muita febre e uma vexatória descamação da pele que me impedia de sair à luz do dia.

Meu único amigo era meu irmão, Jacob, cujo ofício o fazia viajar a reinos distantes, de onde frequentemente trazia notícias sobre maravilhas e desgraças que se acometiam em outras pradarias. E era Jacob (maldito seja) quem naquela noite batia freneticamente à porta de minha casa.

“Abre, Wilhelm! Abre!”, gritava.

Tão prontamente quanto minha doença permitia, atendi a seus suplícios. Abri a porta e logo vi o pavor estampado em seu rosto como se talhado a faca.

“O que foi, Jacob? O que houve?”

“Oh, Wilhelm, meu querido irmão, o horror, o horror!”, foi tudo o que ele conseguiu dizer. Dei-lhe um copo d’água, ele continuou afobado, perguntou-me que horas eram, eu não fazia ideia, mas julgava ser por volta das 11 horas da

noite. Então, Jacob pôs-se a discorrer sobre a última viagem que fizera, à procura de tomos e mistérios perdidos e na qual encontrou algo extraordinariamente terrível, poderoso e letal: uma história.

“Que história foi essa?”, perguntei-lhe. “Onde a leste?”

“Não a li, Wilhelm! Me foi contada por meu amigo Hans, que a ouviu de Charles, tal qual uma corrente maldita!”

“E o que acontece nessa história?”, perguntei-lhe sem saber o erro que estava cometendo. Então Jacob pôs as mãos sobre meus cotovelos, olhou-me fixamente e narrou, em tom de penitência, os fatos horrendos que lerás a seguir.

***

Era uma vez uma menina chamada Samarapunzel, um nome que não se podia dizer que era feio, mas também não era dos mais comuns. Ela vivia sozinha numa torre no meio de um vale desolador, tão alta quanto a lança de um gigante fincada no solo.

Maior que a torre só mesmo a vasta cabeleira negra da menina, que, quando colocada do lado de fora da janela, estendia-se até o chão. Repletos de piolhos e carrapatos, os cabelos eram utilizados como a extensão de seus braços, e com eles ela habilmente laçava objetos distantes, exercitava-se e puxava a mãe, única pessoa a quem conhecia, quando ela chegava aos pés da torre e gritava:

“Samarapunzel, joga teus cabelos!”

A menina jogava os cabelos e a mãe, sempre trajando um manto branco impecavelmente limpo, os escalava habilmente até chegar ao topo. Como fazia todos os dias, ela trazia consigo frutas, doces e o maior interesse da menina, livros:

“Acho que vais gostar deste! Fala de como uma princesa amaldiçoada quase destruiu o reino com seus poderes, e acabou derrotada pelo mais improvável dos guerreiros!”, disse, entregando-lhe uma de suas histórias favoritas.

“Obrigada, mamãe!”

A menina logo se pôs a ler o espesso tomo, com as mãos tremendo de empolgação.

“Será que o mal vence nesta história?”, perguntou sem tirar os olhos das páginas.

“O mal nunca vence, Samarapunzel!”, respondeu a mãe, com ênfase no “nunca”.

Sem ter o que fazer nem com quem conversar, a menina passava a maior parte do tempo lendo, solitária, imersa em histórias capazes de levá-la a vidas e mundos distantes, de empossá-la de conhecimentos ancestrais e idiomas perdidos.

“São a única coisa capaz de viver para sempre!”, repetia a mãe, em suas visitas diárias.

Ironicamente, a menina que tanto gostava de histórias era totalmente alheia a sua própria. Presa no topo da torre desde que se conhecia por gente, não tinha contato com outros seres humanos. O mundo era tão vasto quanto a única janela da construção lhe permitia enxergar. E a mãe não pouparia esforços para que assim permanecesse.

***

Tudo começara anos antes, quando um marido dedicado cuidava da esposa grávida. Muito pobres, eles viviam numa cabana na encosta de um morro, da qual era possível ver uma pequena casa, robusta e imponente, cercada por um muro de pedras que sequer tinha um portão.

A única moradora da casa era uma mulher que tinha por volta de 30 anos. Sempre envolta num manto branco, com os olhos tristes de quem já não esperava mais nada do mundo, ela passava os dias vigiando uma formosa plantação de rapunzéis que crescia em seu quintal.

Ouvia-se muitos boatos sobre a dita, despertados pelo inegável fato de que ela raramente saía de casa. Podia-se escalar uma árvore a qualquer hora do dia ou da noite, e olhar para além da redoma de pedras, e com certeza quase que absoluta veria-se a mulher de branco, imóvel. Quase que absoluta porque, segundo diziam, vez por outra ela era vista visitando as lápides de um antigo cemitério, o que só fazia aumentar os rumores de que ela tinha parte com o oculto.

Naquela época, e assim o é até os dias de hoje em terras pouco letradas, não era sábio deixar de atender aos desejos de uma mulher, especialmente se ela estivesse grávida. E, para a infelicidade do homem, sua esposa quis justamente provar dos rapunzéis que cresciam na propriedade da vizinha.

Temendo pela vida da esposa, ele escalou uma árvore em frente ao muro de

pedras que circundava a plantação, onde aguardou pacientemente a hora em que a dona da casa deixaria seu posto para repousar.

Mas ela parecia ser incansável. Dia e noite e nada da esganada tirar os olhos dos rapunzéis. Vez por outra, ela parecia estar falando sozinha, gesticulando eloquentemente, às vezes discutindo, às vezes rindo como se estivesse falando com espíritos, o que deixava o homem ainda mais apreensivo.

Teve uma ideia. Pegou seu machado e cortou um galho, depois o arremessou longe, mirando o telhado da casa. Feito o barulho, ele imitou um uivo, para que a mulher pensasse que um lobo entrara em seu terreno. O plano deu certo e ela se levantou, perturbada. Foi verificar os fundos da casa e, tão logo o fez, o homem pulou o muro e colheu algumas folhas de rapunzel. Chispou antes que a dona percebesse e voltou para casa feliz da vida.

***

“Mas que rapunzéis deliciosos!”, exclamou a esposa, antes de devorá-los com uma voracidade que assustara ao próprio marido. Depois de se empanturrar verdadeiramente, o desejo foi saciado e ambos puderam dormir tranquilos.

Contudo, dentro de poucos dias, a mulher começou a sentir enjoos violentos, muito piores do que as grávidas normalmente sentem. Garras pareciam esganar seu ventre, seu coração palpitava, até mesmo os pulmões, que costumam passar despercebidos pela maior parte da vida das pessoas, agonizavam pedindo por clemência.

O marido então chamou curandeiros que, se não eram os melhores, ao menos eram os que seu suado dinheiro poderia pagar. Mas nenhum deles foi capaz de dizer que mal acometia sua esposa, nem ao menos aliviar seu sofrimento. Pois os sintomas mais evidentes, como os vômitos fétidos, a diarreia explosiva e a vermelhidão sangrenta da pele eram inutilmente remediados enquanto a verdadeira causa, o mal absoluto, matava tudo o que havia de bom dentro da mulher.

“Isso não é doença!”, arriscou um curandeiro. “Isso é maldição!”, completou, tomando o rumo de casa.

“Maldição? Então... então foi culpa da bruxa de branco!”, concluiu o marido. “A desgraçada amaldiçoou o rapunzel só para que ninguém pudesse comê-lo!”

Desenganado, crente de que perderia a esposa e o filho, pegou seu machado e

foi ter com a dona da plantação.

***

Pela primeira vez em décadas, a mulher de branco viu algum movimento no quadro imutável que observava todos os dias. A ponta do machado brilhou por cima do muro e em seguida, as mãos do homem surgiram, até que despontaram sua cabeça e seus ombros. Desajeitado, ele se virou e jogou o peso do corpo para o outro lado, caindo sobre as costas, com o machado em mãos.

Alerta, a dona da casa logo pegou um punhal prateado e encarou o intruso. Ele se assustou com a agilidade incomum da mulher, pôs-se de pé e agarrou firmemente a arma:

“Bruxa, bruxa, bruxa maldita e desgraçada, o que fizeste com minha esposa?”

A mulher já calculava o ângulo correto para atingir o estômago do invasor com o punhal.

“Do que estás falando?”

“Ela está morrendo!”, berrou o homem, em tom de confissão. “Minha esposa, que carrega em seu ventre meu filho, está morrendo depois de comer do teu maldito rapunzel!”

A mulher então gelou, descrente do que ouvira:

“Estás dizendo que deste do rapunzel para tua mulher grávida comer?”. Pronunciou a última palavra já gritando.

“Si-sim...”, balbuciou o homem. “Estavam tão viçosos e belos que ela não pôde conter seus desejos! Ela não teve culpa! Não sabes que não se pode ignorar os desejos de uma grávida? Não sabes?”. Ele apontou para o lado e ela finalmente deu falta de algumas folhas.

“Teu grande idiota!” gritou a mulher. “Tu que não sabes o que fizestes! Tua esposa e o mundo correm um grande perigo! Para que achas que servem os muros? Para que achas que passo o dia a vigiar esta plantação?”

O homem se calou.

“Idiota”, ela repetiu por três vezes. “Colocaste tudo a perder!”

“Mas eu não entendo!”. O pobre estava desnorteado. “Do que estás falando? O que farás com minha esposa?”

“Teu grande tolo, eu não tenho o menor interesse em tua esposa, ou na morte dela! Por que haveria de ter? Tudo o que faço há quase dois séculos é cuidar desta casa e vigiar este terreno amaldiçoado, onde antes havia um poço que ocultava um mal ancestral!”

“Dois... séculos? Então... és mesmo uma bruxa?”

“Bruxa? É claro que não!”, retrucou a mulher, ofendida. E debochou sem deixar claro se dizia a verdade: “A bruxa está morta há muitos anos, e foi enterrada bem debaixo de ti!”

O homem saltou como se o chão lhe desse um choque. A mulher de branco esboçou um riso, mas a gravidade da situação lhe impedia.

“Quero que voltes para tua casa e trates de tua esposa, para que ela sobreviva à gravidez. Se isso ocorrer e o bebê nascer vivo, tu o trarás para que eu cuide dele!”

“Cuide? O que quer dizer?”, perguntou o homem, de olho no punhal prateado que ela ainda carregava.

A mulher não respondeu. Farta daquele intruso, mandou-o embora, prometendo visitar a ele e a esposa caso ela sobrevivesse à gravidez. Antes de pular o alto muro de pedras, o homem virou-se e perguntou:

“Por quê? Por que fazes isto?”

Depois de alguns instantes em silêncio, ela se lamuriou:

“Porque só eu posso fazê-lo!”

***

A gravidez da esposa progrediu com dores e misérias incessantes até o fim da derradeira quadragésima semana.

Como se já soubesse a hora do parto, a mulher de branco foi até a casa deles e ajudou a pobre grávida a dar à luz uma menina, muito cabeluda e chorona, que não era nem bonita nem feia, não diferindo muito de todos os outros bebês. Pouco antes de exalar seu último suspiro, a mãe moribunda pediu que a criança fosse batizada de Rapunzel, por conta dos desejos que ela tivera durante a gravidez.

Contudo, a dona da plantação tinha outros planos. Pois ela sabia de coisas das

quais, se os pais sonhassem, enlouqueceriam com absoluta certeza. Temendo que a criança fosse possuída pelo demônio, quis chamá-la de Samara, ou, “protegida por Deus”. O pai, desolado, propôs um meio-termo que honrasse ao pedido da esposa morta. Assim, surgiu um nome difícil e peculiar, “Samarapunzel”. A menina foi deixada aos cuidados da mulher de branco, que prometeu fazer de tudo para livrá-la de sua herança maldita.

***

Ao chegar em casa com o bebê, o primeiro impulso da mulher foi dar cabo de sua vida com o punhal prateado. Chegou a empunhar a arma, mas, ao olhar para o rosto vermelho e tranquilo da criança, com seus olhinhos fechados e suas bochechas inchadas, resolveu lhe dar uma chance.

Conforme os dias se passavam, o bebê se desenvolvia de maneira absolutamente normal. Comia, chorava, dormia e defecava, numa repetitiva rotina que ao menos deu certa novidade à vida da mulher, que, entre um cuidado e outro, tentava a todo custo não se afeiçoar à menina.

Mas não houve jeito: os encantos involuntários da pequena Samarapunzel despertaram dentro dela uma sensação de dever, o instinto protetor que faz parte de toda mulher. Então, passou a tratar a criança como se fosse sangue de seu sangue e em pouco tempo, já a chamava de filha, ainda que jamais escondesse dela que fora adotada.

Por mais que tentasse se convencer de que Samarapunzel era uma menina normal, em seu âmago ela temia pela possibilidade de estar enganada. Sem saber direito a quem queria proteger - o mundo ou a filha - levou-a para o topo de uma enorme torre erigida no meio do nada. A construção era tão alta que desafiaria o mais preparado dos atletas, e o único acesso ao topo se dava por meio de uma frágil escada de madeira do lado de fora. Naquela torre, Samarapunzel passou a maior parte de sua existência.

A mulher de branco tentava dar à filha uma vida minimamente normal. Preparava-lhe refeições, fazia brincadeiras e lia histórias para dormir, que logo despertaram um interesse quase obsessivo na menina, especialmente as que envolviam algum tipo de tragédia. Samarapunzel tinha particular preferência por aquelas conhecidas como “contos de fadas”, escritas com sangue ao longo dos séculos, que retratavam cruelmente desgraças como a que envolvia os sete pequenos anões infernais perseguindo uma pobre jovem na floresta.

“Certamente é só uma fase!”, pensou a mãe adotiva, que até tentou trazer livros com assuntos mais alegres, que foram apenas rabiscados ou rasgados pela filha.

Conforme os anos iam se passando, a mulher de branco notava que, à exceção do peculiar gosto literário, não havia absolutamente nada na desabrochante personalidade da menina que flertasse com o profano. Ao contrário, a criança era dona de uma ingenuidade angelical. Acreditava em tudo e aceitava as desculpas mais estapafúrdias, como quando perguntava a razão pela qual estava presa ali:

“Mamãe, por que não posso sair desta...”

A resposta vinha antes mesmo que a indagação terminasse:

“Porque infelizmente és muito, muito feia, Samarapunzel. Não digo que és feia como o diabo porque tenho medo que ele venha me puxar o pé de noite, ofendido. Horrorosa como um defunto errante, talvez? Acho que seria pouco. Repugnante, asquerosa, ultrajante são adjetivos que somariam apenas a quarta metade do tamanho de tua feiura. Se algum infeliz puser os olhos em ti, cairá morto de susto no mesmo instante e levará o horror até a outra vida! Só eu, que sou tua mãe, consigo suportar tamanho sortilégio. Por essa razão, minha filha, tu jamais, jamais!, poderás deixar esta torre.”

“Que lástima!”, respondia a menina.

Curioso também era o fato de como seus cabelos negros cresciam a uma velocidade assombrosa. Se olhados com atenção, era possível ver as pontas se mexendo lentamente como minhocas fora da terra, esticando-se e rumando para baixo. Quando cortados na raiz, então, o crescimento era ainda mais evidente e, em poucos dias já estavam quase tocando o chão.

“Ao menos, posso usá-los para escalar a torre e queimar a escada de madeira! Dessa forma, será garantido que ninguém entrará ou sairá daqui!” Assim, a mãe queimou a escada e criou o hábito de diariamente ir até o pé da torre e gritar “Samarapunzel, joga teus cabelos!”, para então escalá-los e visitar a filha.

Outra característica que chamava a atenção era o jeito com que Samarapunzel chorava. Desde que fora capaz de expelir lágrimas, por volta dos 3 meses de vida, elas saíam com uma forte coloração preta, chegando a manchar o rosto e as roupas da menina.

“Não deve ser tão incomum assim!”, e a mãe continuava tentando não enxergar o óbvio, rogando para que todo o amor e o carinho com os quais

cercava a filha pudessem eliminar o mal ancestral que nela residia.

Mal sabia a mulher de branco que isso era impossível do contrário, esta história terminaria aqui, e não da forma trágica que se desenrolará nas páginas seguintes.

***

Durante toda sua infância, a pequena Samarapunzel teve uma vida tranquila no topo da torre. Para manter sua mente ocupada, a mãe lhe trazia livros cada vez mais grossos, que a deleitavam durante dias e a mantinham viajando pelo mundo dos sonhos, enquanto as questões sobre a vida real e seu trancafiamento eram indefinidamente postergadas.

Entre uma história e outra, os anos foram se passando. O tempo, sempre tão rigoroso com o sexo feminino, parecia ter misericórdia da mulher de branco, e ela não envelheceu um dia sequer. Já na pequena Samarapunzel, as transformações foram notáveis e generosas, e a menina mirrada de outrora um dia desabrochou numa jovem de formas voluptuosas, que ironicamente não conhecia o próprio rosto, pois a mãe jamais lhe trouxera um único espelho.

“Eles certamente se partiriam na hora!”, era a explicação que dava.

A partir da adolescência, Samarapunzel passou a demonstrar talentos que, de certa forma, trouxeram alívio ao espírito da mãe, por residirem tranquilamente dentro dos limites da normalidade. A jovem era uma esplêndida dançarina e movia-se com a graça de uma pétala ao vento. Também tinha jeito com a arrumação da casa, facilitada e muito com a habilidade que ela tinha com os cabelos. E era ainda uma cozinheira de mão cheia, especialmente de doces como maçãs caramelizadas. Por último, tinha uma voz capaz de acalmar tormentas e quando não estava lendo, passava as manhãs cantando adocicadas melodias na janela.

Um dia, o filho de um rei passou próximo ao vale onde se escondia a torre e ouviu aquela canção tão bem desenhada que parou para escutar. Curioso, quis conhecer a dona da voz, circulou a construção em busca de uma porta ou uma escada, mas nada encontrou. Retornou a seu palácio, intrigado e, julgando sua descoberta ser um tesouro, resolveu guardar segredo.

A voz de Samarapunzel comovera seu coração tão intensamente que ele passou a visitar o vale todos as manhãs, só para ouvi-la cantar. E, ainda que tivesse acesso a todas as mulheres e eunucos que quisesse em seu harém

particular, dentro dele só crescia o desejo de conhecer a dona daquela voz maravilhosa.

Um dia, ao se aproximar do vale, ele viu que outra pessoa partilhava seu segredo. A mulher de manto branco estava lá, aos pés da torre, e o jovem príncipe se escondeu atrás de uma moita para espiá-la.

Com a impressão de que estava sendo vigiada, a mulher olhou para os lados, desconfiada. O rapaz então fez uma grotesca imitação de um gato do mato, num miado estridente e desafinado, que surpreendentemente, convenceu a mulher. Ela então riu de si mesma, convencida de que estava sozinha, e gritou para o alto:

“Samarapunzel, joga teus cabelos!”

Logo veio de cima uma massa negra de cabelos, deslizando como serpentes pelas paredes, e a mulher os escalou com notável desenvoltura até chegar ao topo. O príncipe observou a tudo estupefato. Ele enfim descobrira como conhecer a dona da voz que roubara seu coração.

Aguardou pacientemente durante horas, até que, quase ao anoitecer, os cabelos foram novamente jogados para fora, por onde a mulher deslizou. Tão logo seus pés tocaram o chão, ela acenou para cima, se despedindo, e partiu ligeira, prometendo retornar no dia seguinte de manhã.

“É agora!”, pensou o príncipe. “Não terei outra oportunidade!”

Limpando o pigarro da garganta, ele tentou dizer numa voz aguda:

“Samarapunzel, joga teus cabelos!”

E então ouviu uma voz vinda do alto:

“Mamãe?”

“Olvidei-me de algo!”, disfarçou. A crescente escuridão não permitia ver nem quem estava no alto nem quem estava aos pés da torre. Como antes, os cabelos desceram, e ele se segurou neles para subir, notando que a mulher de branco fazia a tarefa parecer muito mais fácil. Com muito esforço, conseguiu chegar no topo, exausto. Assim que viu que não se tratava de sua mãe, Samarapunzel, deu um grito e saltou para trás. O rapaz, ainda pendurado por seus cabelos, quase se desequilibrou, mas conseguiu se agarrar ao parapeito e enfim se jogou para dentro, exausto.

“Por favor... fique... calma! Eu não... não quero te fazer mal... juro!”, disse,

tentando recuperar o fôlego.

Samarapunzel sentiu-se petrificada com a presença do estranho. Correu para um canto da sala e escondeu o rosto completamente sob a cabeleira negra.

“Quem és tu? O que fazes aqui?!”

O príncipe, ainda apoiava as mãos sobre os joelhos:

“Eu sou... o príncipe!”

A última palavra fez o coração de Samarapunzel pulsar mais forte. Um príncipe, como o das histórias que ela lia, bem em sua frente. O rapaz prosseguiu:

“Eu andava a cavalo quando ouvi tua linda voz, cantando aqui do alto. Não poderia descansar um dia sequer se não pusesse meus olhos em ti!”

Samarapunzel imediatamente lembrou-se das histórias que a mãe lhe contava sobre sua feiura. Abriu uma pequena fenda sobre o olho esquerdo e, por ela, admirou a beleza e a juventude do príncipe. Era a primeira vez que ela via um homem e, com o vislumbre, desabrocharam sensações estranhas como um arrepio por todo o corpo, especialmente na região do pescoço e atrás das orelhas. As mãos e pernas tremiam e suavam, convergindo para seu baixo ventre. Então, o príncipe disse aquilo que ela rogava para não ouvir:

“Por favor, deixa-me ver teu rosto!”

Ela permaneceu quieta.

“Por favor”, insistiu.

Samarapunzel então respondeu:

“De jeito nenhum. Tu não podes me olhar! Ninguém pode!”

“Por quê?”

“Porque sou horrorosa! É por isso que minha mãe me escondeu aqui na torre!”

O príncipe não contava com aquela hipótese. Mas, dando uma boa olhada no corpo de Samarapunzel, resolveu insistir.

“Não posso crer que a dona de voz tão melodiosa seja feia! E, ainda que fossses... tenho certeza de que tens outras qualidades! Por favor, mostra-me teu rosto!”

A jovem virou-se de costas.

“Não! De jeito nenhum! Vai embora!”

“Por favor” as palavras saídam da boca do jovem como uma prece: “Eu te imploro, deixa-me ver teu rosto! Por favor!”

Ao ouvir a voz aveludada do príncipe, tão calma e sedutora, Samarapunzel sentiu que poderia confiar nele. Virou-se e, ainda de queixo abaixado, delicadamente puxou os cabelos que lhe cobriam o rosto.

“Só um pouco...”, disse envergonhada.

Em seus sonhos mais desvairados, o príncipe jamais poderia imaginar o que veria a seguir.

***

Os olhos do príncipe se arregalaram. Sua boca se abriu, como se a alma quisesse sair por ali, e uma gritante paralisia tomou conta de suas pernas. A sua frente, estava Samarapunzel, mostrando pela primeira vez o rosto a alguém que não fosse sua mãe adotiva.

“O que foi? O que foi?”, perguntou a garota, voltando a ocultar o rosto sob os cabelos.

O príncipe permaneceu em silêncio.

“Eu sabia, eu sabia! Sou horrorosa!”, começou a choramingar. “Mamãe dizia a verdade, eu devia tê-la escutado!”

Passado o choque inicial, o príncipe recuperou os movimentos do rosto, fechou a mandíbula, estalando-a, e balbuciou:

“Não... não! Tu és... tu és...”

“Sou o quê?” Samarapunzel estava intrigada: “Não posso ser tão feia assim”

“Eu conheci muitas mulheres em minha vida! Mas tu... és de todas... a mais bela!”, disse o príncipe, curvando o tronco respeitosamente.

O herdeiro do trono então abriu uma bolsa que trazia e de lá tirou um espelho, acessório caríssimo que alguém de seu garbo sempre carregava. Entregou-o à Samarapunzel que, pela primeira vez desde que nascera, viu seu reflexo e ficou igualmente bestificada com sua própria beleza. A tez era clara, livre de

imperfeições, macia como uma pétala de rosa. Os olhos negros eram como os de uma fera enjaulada, e brilhavam com selvageria e mistério. O nariz era perfeito como um poema, e ela deslizou o dedo sobre ele, sentindo-o afinar e terminar numa pontinha dura e delicada. Os dentes se revelaram num sorriso, perfeitamente alinhados sob lábios carnudos e vermelhos como o desejo.

"Não sou horrorosa! Sou de todas a mais bela... sou de todas a mais bela!", repetiu como um mantra que, estranhamente, lhe soou familiar. "Mas então por que minha mãe sempre me disse que eu era horrorosa?"

"Decerto, ela tem inveja de tua beleza!"

Samarapunzel deixou escorrer uma lágrima, negra como seus cabelos. No reflexo atrás de si, viu o príncipe estranhar o fenômeno, para em seguida tocá-la nos ombros e acariciar delicadamente as mangas de seu vestido branco. Ela enxugou os olhos, borrando de preto sua bochecha. Virou-se e, subitamente, sentiu os lábios do rapaz colidirem contra os seus.

A jovem havia lido sobre príncipes encantados e beijos nos livros que a mãe trazia, mas jamais imaginava que fosse algo como aquilo. As línguas dançavam, os pelos se eriçavam e ela sentiu crescendo dentro de si uma vontade incontrolável, como uma fome ancestral, um desejo ardente de devorar o príncipe vivo.

"Será que isso é o amor?", pensou. Ela afastou os lábios e, antes que pudesse abrir a boca para engolfar-lhe a cabeça, o rapaz puxou-a de volta e, com uma habilidade que parecia mágica, arrancou-lhe o vestido branco usando apenas uma mão.

E Samarapunzel descobriu que havia muitas maneiras de saciar sua fome.

***

Minutos depois, ainda em êxtase, Samarapunzel olhava fixamente para o teto. Seus pensamentos estavam tranquilos como a cortina de seda sendo acariciada pelo vento. A seu lado, o príncipe roncava nu. Tocou-lhe o peito frio e envolveu-o em seus braços antes de mordiscar-lhe o pescoço. O rapaz abriu os olhos e, por um instante, achou estar sendo devorado por mambas negras, mas eram só os cabelos de Samarapunzel cobrindo-lhe o torso. Achou curiosa a predileção da jovem por mordidas, especialmente após ela ter lhe confessado que jamais se deitara com ninguém. Mas, como cada um tem suas manias, e essas não se discutem entre quatro paredes, o príncipe entrou novamente naquela dança. Ele a

mordeu de leve no pescoço, e ela cravou suas unhas nas costas dele. Ele a lambeu na orelha, e ela se arrepiou toda, cerrou o punho e socou-lhe os ombros duas vezes. Ele arregalou os olhos e, antes que alguém saísse machucado, pôs-se em cima da amante e a acalmou da maneira que só um príncipe sabe fazer. Pele, músculo e ossos se chocaram violentamente; o som da cama batendo contra a parede expulsava as aranhas e baratas de trás dos móveis. Ele a chamava por nomes pouco ortodoxos e ela respondia com urros ancestrais. Tão logo ele percebeu que as unhas dela se aproximavam novamente, deu-lhe um tapa na cara, agarrou-lhe os punhos e tascou-lhe um beijo, inundando-a com o êxtase que por fim acalmou sua besta interior.

Adormeceram, completamente exaustos. Perto dali, os predadores noturnos descobriam suas orelhas.

O ritual violento se repetiu por mais três, quatro, oito vezes naquela mesma noite, nem se lembravam ao certo. Muitas também foram as mordidas e escoriações que o príncipe teria que esconder em seu corpo.

“Selvagem, esta menina”, pensou.

***

Como era de se esperar, os dois jovens combinaram que passariam a se ver todas as noites, já que, durante o dia, a mulher de branco estava lá. E bastava o sol se pôr para que o príncipe saísse detrás da moita, assobiando, cantarolando e saltitando “Samarapunzel, joga teus cabelos”. E ela jogava, e ele subia, e eles riam, bebiam, se batiam e se amavam até o sol ocupar seu lugar no céu. Nos poucos momentos em que as bocas não estavam grudadas, eles trocavam juras de amor, e o príncipe se gabava para Samarapunzel sobre o reluzente castelo em que ele vivia além das montanhas.

“Quando poderei visitá-lo?”, ela sempre perguntava. “Um dia”, ele respondia antes de novamente tomá-la em seus braços. E seus únicos vizinhos, os animais, logo migraram para áreas mais tranquilas e silenciosas, deixando a noite como única testemunha da violenta sinfonia daquele amor.

Durante os meses que se sucederam, Samarapunzel sentiu-se genuinamente feliz pela primeira vez na vida. A alegria reluzente com que ela limpava a casa, cozinhava e fazia suas tarefas não passou despercebida pela mãe:

“Estás bem-humorada hoje, Samarapunzel!”, comentou-lhe numa manhã.

“É a alegria de te ver, mamãe!”

“Estás corada hoje, Samarapunzel!”, comentou na outra.

“É a alegria de te ouvir, mamãe!”

“Estás... verde, Samarapunzel?”, reparou numa outra.

A menina então pôs a mão sobre a boca e correu para pegar um jarro de cerâmica, onde vomitou uma substância verde e borbulhante misturada com cabelos. A mãe veio em seu auxílio, mas antes que ela chegasse perto, jogou o líquido asqueroso pela janela.

“O que foi, minha filha? Será que comeste algo estragado?”

“Acho que sim, mamãe... mas já passou!”, respondeu, engolindo o gosto amargo.

Sem dar a devida importância ao fato, a mãe preparou-lhe uma bebida e arrumou-se para partir:

“Bom, toma um pouco de leite e ficarás boa! Amanhã de manhã venho visitar-te novamente.” Beijou-lhe a testa e pediu-lhe que descesse os cabelos.

Lá debaixo, a mulher acenou para Samarapunzel, e não reparou na grama que acabara de secar em contato com o líquido que fora arremessado pela janela.

***

Quando o príncipe a visitou, naquela mesma noite, os enjoos voltaram a atormentar Samarapunzel. Os jovens acharam por bem não fazer demasiado esforço físico, e ficaram apenas abraçados, com ele lhe contando como era infinitamente rico e afortunado, descrevendo uma a uma suas viagens, seus cavalos, suas propriedades, terras e plantações, até que a menina caiu no sono, sonhando com o dia em que conheceria tudo aquilo.

Como o príncipe rogara aos deuses persistentemente durante semanas, os enjoos de Samarapunzel cessaram, e as noites de esbórnia voltaram com tudo. Até que, durante as idas e vindas de uma acalorada sessão de amor entrelaçado e pegajoso, o atento rapaz não pôde deixar de reparar no ventre ligeiramente avolumado no corpo tão esbelto da amante. Deteve-se por um instante, e seu suor frio caiu direto sobre a retina de Samarapunzel.

“O que foi?”, ela perguntou, enxugando o olho. “Algo de errado?”

“Não, não... está tudo bem!”, dizia, já se levantando da cama. “Mas preciso ir! Meu pai... o rei... precisa de mim!”

“Mas o sol nem nasceu ainda!”

“Pois é, mas preciso acordar cedo amanhã!”, disse, pulando num pé só, enquanto calçava as botas. “Adeus, digo... podes descer teus cabelos?”

E assim a ingênua Samarapunzel o fez.

“Nos vemos amanhã...?”, disse ela, numa entonação dúbia, respondida por um sorriso amarelo do príncipe.

O rapaz chegou ao chão e pôs-se a galopar seu garanhão em direção ao amanhecer.

“O que houve com ele?”, perguntou-se Samarapunzel.

Para a surpresa da jovem, o amante não apareceu na noite seguinte. Nem na outra. Na terceira, Samarapunzel sequer se importou em esperá-lo na janela. As lágrimas pretas escorriam de seus olhos e mancharam seu travesseiro. Agarrou-se a ele e golpeou a cama histericamente, sem se dar conta de que seus cabelos se erguiam do chão. “Por quê?”, gritou, e os cabelos chicoteavam as paredes. “Por quê?” e os vasos e quadros foram estraçalhados pela fúria capilar.

Ela ainda ofegava raivosamente quando se deu conta da destruição que causara no quarto. Os cabelos agitavam-se com sua respiração, movendo-se sutilmente como serpentes. O fenômeno não a assustou, ao contrário, pareceu-lhe estranhamente natural, como um bebê que percebe pela primeira vez a própria mão.

Um tentáculo formado pelos cabelos veio na direção de seu rosto, como se tivesse vontade própria. Enrolado a ele, estava o espelho deixado pelo príncipe, no qual Samarapunzel olhou novamente sua beleza refletida, antes de arremessar o artefato contra a parede.

Foi quando ela ouviu um barulho grave vindo de dentro de si, como o mugido de uma besta. Tocou o baixo ventre, sentiu a estranha movimentação dentro de seu corpo e a realidade era aos poucos despejada em seu ser.

A mãe adotiva jamais lhe ensinara sobre a tragédia do amor, tampouco sobre o milagre da vida. Mas a natureza se encarregou de tudo, inundando-a com sensações que ela jamais sentira antes. Sua boca salivava, seu coração pulsava mais forte, sua respiração estava ofegante, seus órgãos internos mudavam de

lugar... pressionados pelos oito pequenos membros que cresciam dentro de si.

E ela não soube dizer se fora sua imaginação ou não, mas o fato é que, entre um barulho e outro vindo de sua barriga, sílabas arrastadas se fizeram ouvir:

“Ma... mãe?”

***

Não tardou até que as drásticas transformações no corpo esguio de Samarapunzel se mostrassem evidentes sob seus finos vestidos brancos. Quando percebeu que algo estava acontecendo, a mãe lhe perguntou:

“Samarapunzel, por que teus peitos estão tão inchados?”

“É porque tomei muito leite, mamãe!”, disfarçou uma primeira vez.

“E por que tua barriga está tão grande?”

“É porque teus doces estavam muito gostosos ontem, mamãe!”, tentou uma segunda.

Mas a mãe sabia que só havia um doce no mundo capaz de fazer aquilo com uma mulher. Aproximou-se da filha, puxou a saia para cima e nem precisou tocar a pele esticada sobre a dura barriga para perceber o óbvio que há dias lhe era escancarado:

“Estás grávida?” gritou, ultrajada. “Menina malvada! Como pudeste me enganar, como pudeste mentir para mim, depois de tudo o que fiz por ti?”

Samarapunzel nada disse. Puxou o vestido de volta e, como fazia em situações como aquela, escondeu o rosto sob os cabelos.

“Digas, como... com quem tu te deitaste? Quem é o pai da criança?!”, gritava a mãe, inutilmente. Samarapunzel permanecia em silêncio, encarando o chão, soterrada pela negra cabeleira.

A mulher não se fez de rogada e a puxou pelos ombros:

“Olha para mim quando falo contigo! Sou tua mãe!”

Então, Samarapunzel a agarrou pelos braços e olhou em seus olhos:

“Não sou tua filha! E não é uma criança. São duas!”

A mulher sentiu os braços queimarem ao toque da garota, exalando uma

fumaça escura. Pela primeira vez em muitas décadas, ela sentiu o revigorante veneno do medo percorrer suas veias. Uivou de dor, e teve seu ser invadido pelo horror ao ver os cabelos da jovem se erguerem e seus olhos serem tomados por um breu sepucral, escuro como a morte.

“Não! Não!”, ela berrou.

Como se desperta de um transe pelo grito, Samarapunzel olhou para o rosto apavorado da mãe e teve um breve lampejo de lucidez. Soltou os braços da mulher e correu para um canto da sala, onde novamente se escondeu sob seus cabelos, agora estáticos, se curvou e se pôs a chorar as lágrimas negras:

“Oh... o que foi que eu fiz?”, perguntou-se, olhando para as mãos, agora vermelhas, ainda esfumaçantes. “O que está acontecendo comigo? Perdoa-me, mamãe! Perdoa-me! Eu não quis machucá-la, eu juro!”

A mulher olhou para seus braços marcados e para a filha, sem saber como reagir. Ambas estavam genuinamente apavoradas com tamanhas revelações.

“Estou tão confusa, mamãe...”, choramingou a jovem, num tom beirando o infantil. A mulher de branco aproximou-se devagar, receosa por um segundo ataque, e deteve-se atrás de uma cadeira, que poderia usar como escudo ou arma caso fosse necessário.

Durante intermináveis minutos, Samarapunzel apenas chorava e soluçava. Então a mãe perguntou:

“Quem é o rapaz?”

Relutante, ela respondeu:

“É o príncipe que mora no castelo além das montanhas.”

“Tu o amas?”

“Sim... eu o amo, mamãe!”, respondeu a garota, aos prantos. “Mas ele... ele me deixou!”

“Príncipes! São todos iguais, mesmo!”, pensou a mãe, que logo se deu conta de que aquilo em nada importava. Compadecida, tomou a filha nos braços e apazigou seu choro. Lágrimas também escorreram de seu rosto, mas por um motivo bem diferente.

***

Durante longas horas, a mulher de branco ouviu a filha confessar com constrangedora riqueza de detalhes tudo o que se passara desde a chegada do príncipe. Das noites violentamente calorosas às promessas insípidas, culminando no sumiço vergonhoso, o longo relato fez com que a mãe percebesse que, mesmo isolada do mundo, Samarapunzel não poderia ser privada de sua própria natureza. Era uma jovem mulher, com desejos e anseios que cresceriam cada vez mais, até se tornarem incontroláveis... exatamente como a herança maldita que ela trazia desde que sua verdadeira mãe comera o rapunzel amaldiçoado.

A mulher apenas olhava para a filha, que voltou a esconder o rosto debaixo dos cabelos, em silêncio. Cada uma ficou circundando os próprios pensamentos, repetindo palavras e ensaiando frases que levavam a um beco sem saída. Quando viu que não havia mais nada a fazer, a mulher pegou seu cesto e se preparou para partir:

“Voltarei amanhã”, disse. “Então decidiremos o que fazer.”

Ela pôs a mão no parapeito da janela e Samarapunzel estendeu-lhe os cabelos, sem deixar de notar nas cicatrizes em seus braços.

“Perdoa-me... mamãe!”, disse, quase num miado.

A mulher apenas olhou para a filha e desceu. Ao tocar o solo, não teve coragem de olhar para cima, e sentiu o olhar de Samarapunzel a acompanhá-la até que adentrasse na floresta.

Quando estava longe o suficiente da torre, olhou para os braços e finalmente libertou as lágrimas que há anos queriam sair, aguardando o dia em que seu maior temor seria confirmado: Samarapunzel era mesmo a reencarnação do mal.

Pela primeira vez na vida, lamentou ter o coração mole e não ter dado cabo dela quando ainda era um bebê. Agora, matar a garota, junto às duas crias malditas que ela trazia em seu ventre, seria como perfurar o próprio coração. E ela bem sabia o quanto isso doía.

“Não posso me deter com sentimentalismo!”, pensou. “O mundo corre grande perigo!”

Voltou para casa às pressas, abriu um antigo baú, de onde tirou seu punhal prateado, determinada a não repetir seu erro.

Enquanto isso, Samarapunzel observava o mundo da janela de sua torre. A barriga - que repentinamente parecia muito maior - agora se punha entre ela e o

parapeito. Com receio de incomodar os bebês, afastou-se. Foi quando sentiu um pequeno solavanco no ventre.

“Um chute?”, ela deixou escorrer uma lágrima negra de emoção. “Vocês já estão chutando?”

Depois daquele pontapé, veio um segundo, provavelmente, do outro irmão.

“Parai já com isso, monstrinhos”, ela riu.

O que Samarapunzel não esperava era ser obedecida. Os movimentos cessaram e ela, encantada, comentou:

“Tão pequenos e já entendem o que eu digo?”

Uma surpresa ainda maior a aguardava. A voz que achava ter ouvido na noite anterior, agora se fazia muito mais compreensível, ainda que parecesse ser pronunciada de uma garganta borbulhante e asquerosa:

“Entendemos... muitas... coisas, ma... mãe...”

Foi o maior susto de sua vida. Ela virou-se para o lado, procurou a origem do som, e nada encontrou.

“So... mos nós, ma... mãe... teus fi... lhos!”

“Eu não... eu não acredito!”, disse, levando a mão à boca.

“Sim, somos nós... queremos muito te co... nhe... cer, mas corremos gra... ve pe... ri... go!”, disse uma segunda voz, mais aguda e igualmente assustadora.

“Como assim?”

“A velha guardiã... a mulher de man... to bran... co! Ela não é quem diz ser! Ela quer matar-te, mamãe. Não po... des dei... xar! Não podes dei... xar, se... não morreremos jun... tos! Estamos com medo, muito... medo!”, dizia a outra.

“O quê? Minha mãe? Mas ela nunca...”

“Tu bem sa... bes que ela não é tua mãe! Ela é fal... sa, cheia de sortilé... gios! Pren... deu-te aqui nesta torre por... que tem in... veja da tua bele... za!”, disse a voz mais grave.

“Pretende te matar ama... nhã de manhã com um pu... nhal pra... teado!”, completou a outra, antes que ambas entoassem em uníssono: “Proteje-nos, mamãe! Proteje-nos! Não temos muito... muito...”

“Filhos? O que houve?”, Samarapunzel tocava a barriga, mas as vozes haviam se calado.

Os estranhos fenômenos ocorridos desde o início da gravidez aos poucos lhe traziam uma melhor compreensão de quem ela realmente era e do que poderia ser.

Ternamente, ela tocou a barriga e fechou os olhos:

“Mamãe vai protegê-los, filhinhos! Mamãe promete!”

Muito longe dali, no sétimo círculo do inferno, além do vale Flegetonte, as almas penadas ouviram uma risada que assombraria seus pesadelos, caso ainda lhes fosse permitido dormir.

***

Quando o sol nasceu no dia seguinte, Samarapunzel olhou para a barriga e viu que ela já estava muito maior, como se estivesse prestes a dar à luz. Levantou-se com dificuldade e lembrou-se das vozes dos filhos na noite anterior.

“Filhos? Filhinhos?”, cochichou com a mão na barriga.

Em vez das vozes arrastadas da noite anterior, ouviu uma outra bem familiar do lado de fora da torre:

“Samarapunzel, jogue seus cabelos!”

Como sempre, a jovem obedeceu e a mulher subiu. Tão logo adentrou a torre, não pôde deixar de notar o crescimento anormal da barriga da filha:

“Céus, tua barriga está enorme, Samarapunzel! Parece que cresceu de ontem para hoje!”

“É, eu notei, mamãe. Acho que é porque são gêmeos...sabe, ontem senti os bebês chutando pela primeira vez!”

“Não me digas”, disse a mulher, ajeitando o manto branco. Em sua bolsa, ela trazia o punhal de prata. Estava disposta a terminar com aquilo da maneira mais rápida possível.

Samarapunzel deu-lhe as costas, falando enquanto caminhava arrastando seus cabelos:

“Verdade! Foi um momento muito especial...”

A mulher tirou o punhal da bolsa.

“E não sabes o que mais!”

“O que, minha filha?”

“Eles falaram!”

“Não me digas! E falaram o quê?”

Samarapunzel virou-se de repente. A mulher tentou esconder o punhal, mas sabia que a jovem o vira de relance.

“Falaram-me muitas coisas! A propósito, para que é esse punhal que trouxeste?”

A mulher disfarçou e guardou o punhal na bolsa.

“Punhal? Imagine, minha filha. É apenas um pente, um velho pente que ganhei de minha avó!”

“É verdade. Devo ter alucinado por conta da gravidez, não é?”

Riu, e a mulher só soube imitar o gesto nervosamente.

Samarapunzel se deteve, virou o pescoço para trás e encontrou os olhos da mãe. Voltou a caminhar, dizendo:

“Sabes, agora que também estou prestes a ser mãe, dou-me conta de tudo o que fizeste por mim! Ainda mais por eu ter sido adotada, e não ser tua filha verdadeira!”

“Ora, Samarapunzel... sabes que nosso coração é igual, independente do sangue que circula nele!”. Depois de pronunciar a frase, sentiu certo ressentimento por ter dito “sangue”.

“Claro, eu sei, mamãe! Mas o que fizeste por mim foi muito mais do que simplesmente adotar uma órfã. Deste-me carinho, um lar. Ensinaste-me a ler, e ensinaste-me o poder das histórias.”

“São o único jeito de viver para sempre!”, completou a mãe.

“Tens razão, mamãe! E disso eu jamais me esquecerei. Dentre outras lições importantes, como por exemplo, a não falar com estranhos. Contudo, acho isso curioso, como eu falaria com estranhos se trancaste-me aqui quando eu era apenas um bebê?”

“Eu não pretendia mantê-la presa para...”

“Não, não, mamãe. Não me entendas mal. Sei que tua preocupação foi genuína. Não quero que te expliques!”

“Eu só queria protegê-la...”

Samarapunzel sorriu.

As pernas da mulher tremiam. As paredes suavam, os quadros e as panelas se agitavam nervosamente.

“Também me ensinaste a dizer sempre a verdade, e pretendo ensinar isso a meus filhos! Apenas acho irônico que tenhas mentido para mim a vida inteira!”

“Eu nunca mentiria para...”, a mulher tentou se defender. Sem que pudesse notar, a caminhada de Samarapunzel a envolvera num círculo formado pelos longos cabelos negros. Que repentinamente começaram a se mover tal qual serpentes, enrolando-se nas pernas, nos braços e no pescoço da mulher. O susto fez com que ela pulasse para trás, mas já era tarde: estava irremediavelmente presa.

“O que estás fazendo? Solta-me! Solta-me!”, gritou a pobre mulher, reencontrando-se com o medo mais cedo do que imaginara. Tentou levar a mão até a bolsa, mas outra serpente de cabelos lhe agarrou o pulso.

Instalou-se ali um verdadeiro pandemônio. Panelas e acessórios voaram, ricocheteando nas paredes. Os livros se abriram e suas páginas se rasgaram sozinhas; antes de se incendiarem em pleno ar, e os alimentos da despensa imediatamente apodreceram.

Samarapunzel gritava numa fúria infernal:

“Achavas que poderias me manter presa aqui para sempre? Disseste que sou horrorosa, mas agora sei de toda a verdade! Tens inveja deminha beleza e de meu poder!”

A jovem aproximou-se da mãe com os braços eretos para a frente. Suas unhas estavam tingidas com o mesmo preto profundo que agora tomava seus olhos. Mas o mais apavorante foi a transformação que a boca sofrera, enchendo-se de dentes como um predador marinho, com fileiras e fileiras de caninos afiados.

“Pensas que podes machucar a mim ou a meus bebês? PENSAS?”, gritou, enquanto a boca se abria a proporções aterradoras, capazes de engolir a cabeça

de sua vítima.

A pobre mulher sentiu o bafo da morte, a baba fétida pingou-lhe o rosto e, então, seu mundo se transformou no ápice do horror. Foi devorada viva pela criatura que protegera e havia jurado destruir.

***

Depois de fazer sua refeição, Samarapunzel viu-se envolta numa poça de sangue que subia por seus cabelos e pelo vestido branco. Abriu a boca e liberou uma nuvem de gases fétidos e sentiu a usual movimentação em seu ventre:

“Estais felizes, não estais? Agora a maldita não pode mais vos fazer mal...”

Ela sentiu os pontapés a golpearem com mais força.

“O que foi? Ainda tendes fome? Pois acho que já está na hora de conhecerdes o papai!”, e gargalhou de maneira que só pode ser descrita como nojenta.

Os cabelos em volta de si voltaram a se mover, agora como grandes garras que ergueram seu corpo no ar. Saíram pela janela e, tal qual as patas de uma aranha peçonhenta, foram rapidamente levando Samarapunzel para a liberdade, pronta para espalhar seu horror pelo mundo, sem ninguém que a pudesse impedir.

Onde quer que as patas de cabelo tocassem, a vida ardia e agonizava até secar. Bastou que Samarapunzel seguisse as montanhas para encontrar, além delas, o reluzente castelo descrito tão eloquentemente pelo príncipe.

***

Naquele dia, o príncipe acordara com a leveza de espírito que somente as vassalas de seu harém particular poderiam lhe proporcionar. Levantou-se e foi prontamente vestido e banhado pelas criadas, quando ouviu gritos vindos do lado de fora do palácio.

“O que foi isso?”, perguntou ao eunuco que vigiava a porta. Ele só ergueu as sobrancelhas antes de olhar pela janela e soltar um grito de horror.

“Algum protesto de camponeses”, pensou o príncipe. “O que será que querem agora? Trabalhar menos ainda?”

Para seu infortúnio, não eram trabalhadores querendo sua cabeça. Dirigiu-se até a janela, empurrou o eunuco e reagiu de forma ainda mais histérica ao ver

uma forma bizarra, uma mistura de mulher grávida com aranha, cujas patas pretas e asquerosas eram feitas de tentáculos negros que saíam de sua cabeça e mutilavam, sem critério, os pobres transeuntes que por ali passavam.

Como se pudesse sentir o olhar do amante sobre si, Samarapunzel virou o pescoço em direção à janela e abriu a bocarra, exibindo as fileiras de dentes. O príncipe caiu para trás e saiu correndo e tropeçando pateticamente entre as jovens nuas, e tão logo chegou à porta, sentiu uma pontada nas costas. Inclinou o pescoço para o lado direito e sua primeira reação foi se admirar com a ausência de dor no ombro atravessado por uma lâmina negra.

De pé na janela, Samarapunzel ria. Com um pensamento, o tentáculo de cabelos arrastou o príncipe entre as mulheres apavoradas até seus pés. Agora agonizando de dor, ele olhou para cima e viu a imensa barriga, que se agitava nervosamente.

“Crianças, está na hora de conhecerdes o papai!”, riu a criatura.

Samarapunzel avançou sobre o príncipe. Agarrou-lhe os braços, queimando-os com o toque, e o ergueu até a altura de sua cabeça. Abriu a boca, exibindo suas intermináveis fileiras de caninos, que foi se esticando, esticando, esticando e ficou tão grande que estava prestes a engolir o rapaz inteiro.

De repente, o monstro se deteve e se contorceu de dor.

“O que... o que está acontecendo?”, Samarapunzel pôs as mãos no ventre.

“Não! Não está na hora ainda! Crianças! Meus filhos!”

A boca grotesca voltou rapidamente ao tamanho humano, e as mãos tentaram conter os movimentos espásmicos da barriga, que se remexia tal qual um saco de batatas. Foi quando um ponto prateado surgiu no baixo ventre e despontou numa lâmina que cortou a carne e a pele de baixo para cima, expondo suas camadas vermelhas e amareladas, derrubando órgãos, libertando uma nuvem negra de insetos e vermes, sangue e mistério e, enfim, a mãe adotiva de Samarapunzel, ainda viva.

A mulher agora tinha o manto totalmente vermelho. Limpou o sangue dos olhos e da boca, para em seguida, cuspir sobre o corpo aberto da aberração e dos dois filhos que jamais nasceriam.

“Querias saber para que era o punhal, Samarapunzel? É para te cortar melhor!”

***

As imagens ainda estavam cauterizadas nas pupilas cegas e nas memórias do príncipe.

Pelos quase sete dias seguintes, o miserável agonizou, enquanto sua pele era remendada e seus membros necrosados extirpados. E mesmo que encharcassem suas narinas com éter, ele continuava se remoendo em seu leito, balançando os tocos onde antes começavam suas pernas e braços, suplicando com o olhar que lhe tirassem da boca o pedaço de madeira cuja única finalidade era desviar o foco de sua dor durante as amputações.

As risadas que o miserável soltava enquanto seu corpo era remendado só puderam ser encaradas pelos médicos como espasmos involuntários. Assim que pôde, um compadecido enfermeiro retirou a madeira babada do paciente que, para sua surpresa, não perguntou se ficaria bem nem suplicou por uma morte rápida, como era de se esperar. Ao invés disso, o príncipe sussurrou em seu ouvido:

“Enfermeiro... preciso contar-te uma história...”

***

Jacob terminara seu relato quando os primeiros raios de sol iluminaram seu semblante choroso. Atônito, eu me perguntava como meu irmão pudera conceber chiste tão fantasioso, que, confesso, causara-me assombro em alguns momentos e risos em outros.

“Eu te imploro, Wilhelm!”. Estranhamente, as palavras agora eram bem pronunciadas, sem nervosismo, como as de quem aceita o luto. “Acredita, não apenas há verdade nessas palavras, como também vida e danação. A menina Samarapunzel vive nelas, espalha-se de conto em conto, e agora tu, meu amado irmão, tens sete dias para contar essa terrível história a alguém!”

“E se eu não o fizer?”, perguntei a Jacob, em tom de deboche. As lágrimas agora escorriam sob um miado infantil que logo me deixou nervoso.

“E se eu não o fizer?!”, repeti elevando o tom de voz. Ele se levantou, esbarrando em meus móveis e livros, implorando-me por perdão. Saiu pela porta afobado, tal qual entrou, e da esquina, parou e gritou duas palavras que jogaram minha alma num abismo infinito:

“Tu morrerás!”

Desde que ouvi aquela história, temo ver meu reflexo num espelho ou mesmo numa simples poça d’água. Pois sempre que o faço, vejo, atrás de mim, a apavorante imagem de Samarapunzel, mais perto a cada dia. Desde que ouvi aquela história, foi-me negada a chave do mundo dos sonhos e, ao deitar-me à noite, sou levado à esquina onde me violentam os mais terríveis pesadelos. Vejo relances de um passado remoto, um baile maldito regido por demônios, uma pobre senhora tendo o pé mutilado, uma rainha morta, anões monstruosos perseguindo uma bela jovem, visito os portões do inferno, confraternizo-me com seu anfitrião e, enfim, olho para baixo e vejo que não tenho mais corpo, sou uma cabeça arrancada e jogada dentro de um poço que se fecha acima de mim, engolfando-me em trevas, mas é nas trevas que o mal floresce, e como a árvore que mesmo sem ver ou sentir sabe que é uma árvore, sou um pé de rapunzel maldito prestes a transmutar o mal na única forma em que ele não pode ser extinto: a de uma história.

E, ao leitor, eu suplico por perdão. Pois ao contrário de Jacob, maldito, maldito seja, ou Hans e Charles antes dele, não tenho muitos amigos e vivo recluso numa cabana a escrever meus contos. Essa é a história de Samarapunzel, tal qual foi-me contada há quase sete dias e, abençoado seja, será esmagada pelas maravilhas do futuro e terminará esquecida nos porões do tempo. Mas se acaso as palavras de Jacob forem verdadeiras, e eu não ouso dizer que não, e por uma terrível infelicidade chegaste até estas linhas, já sabes o que tens que fazer se quiseres viver.

W. Grimm

Berlin, dezembro de 1859.

O Fim de Quase Todas as Coisas

Durante a maior parte do tempo em que vagou a esmo pelo cosmo, o planeta conhecido como Terra não teve relevo, cheiro e nem cor, semelhante a uma grande e vazia esfera de grafite, com superfícies perfeitamente planas e entediantes.

Preso às memórias da época em que as areias do tempo ainda caíam, Charon costumava visitar aquele planeta esquecido e sentar-se no vazio, igual a todos os outros vazios, por onde um dia passou o rio Estige. Foi quando uma ninfa curiosa, vinda de alguma estrela ou sonho perto dali, aproximou-se e perguntou ao ancião o que ele fazia num lugar tão desolado.

Charon contou-lhe que sentia falta dos homens. À exceção de registros em volumes há muito perdidos, há poucas evidências de que eles tenham realmente existido. Mas Charon, por ter transportado cada um deles em seu barco, do primeiro ao último, pelos rios Estige e Aqueronte até as portas do Hades, era um dos poucos que ainda se importava em lembrar.

“Tão pequenos e tão frágeis. Eram pouco mais do que um amontoado de tecidos, ossos e pouca consciência”, descreveu. “Mas por breve instante reinaram sobre seres muito mais poderosos e dignos.”

Contou-lhe sobre suas emoções, tão únicas e efêmeras, riu de suas criações, vistas como meros deboches pelos deuses, erigidas com base em interpretações obtusas de suas leis.

A visitante ficou estupefata ante os relatos de espécie tão notável, que desapareceu de forma tão repentina, como se os deuses quisessem apagá-la de seus livros. Ao lado de Charon, a ninfa percorreu a lisa esfera de grafite, tentando imaginar onde outrora houve cidades, florestas e sonhos. E em meio a todo aquele vazio histérico, Charon apontou o dedo para a única construção remanescente:

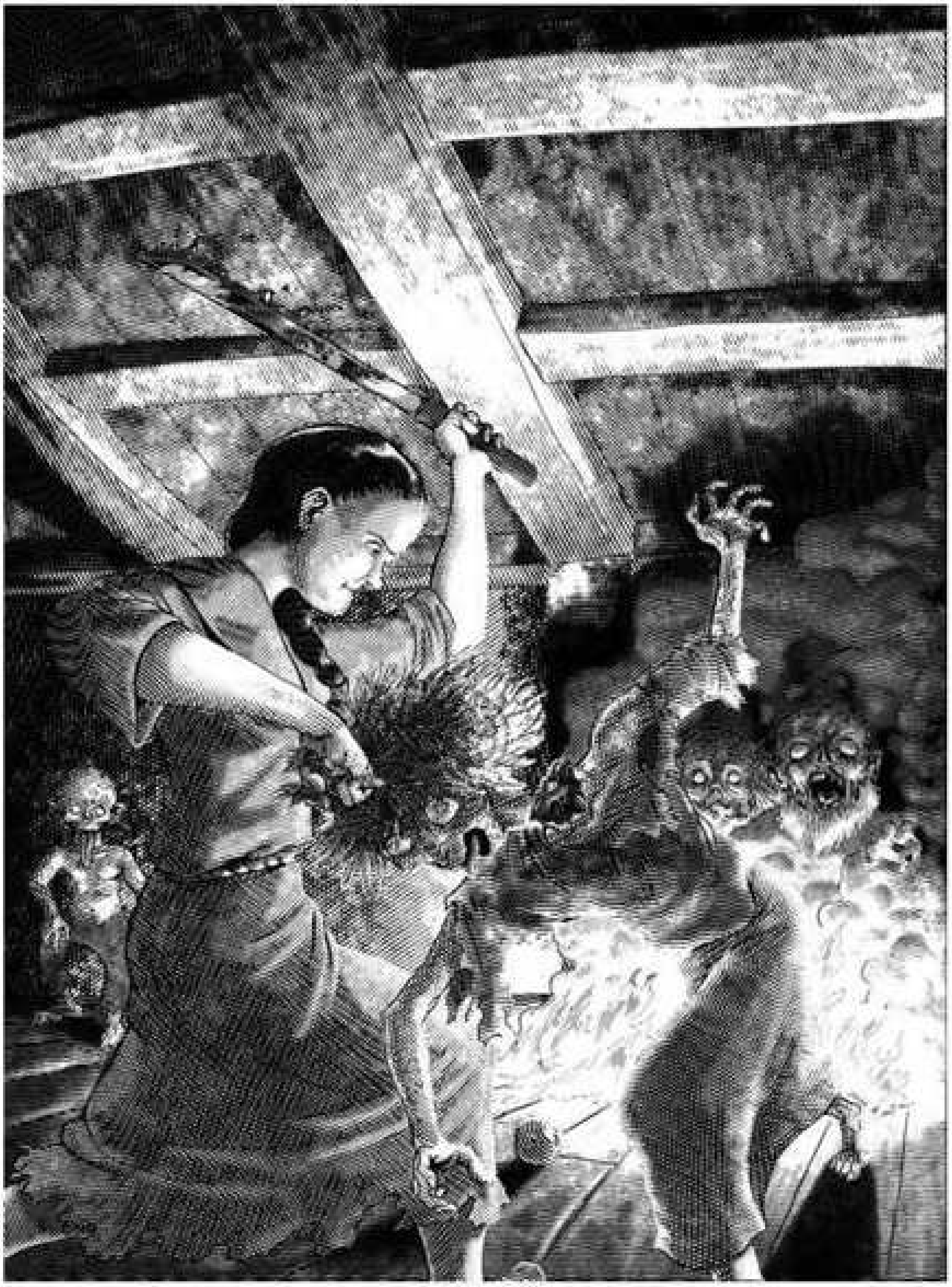
“É uma casa”, disse o barqueiro. “Coisas inomináveis aconteceram aí. Personagens e feitos que por milênios inspiraram pesadelos. Foram-se seus habitantes, vieram os outros, foi-se a floresta, vieram as cidades, foi-se o mundo,

vieram os demônios, foi-se o tempo, veio o nada. E, da era dos homens, esta pequena casa foi tudo o que restou.”

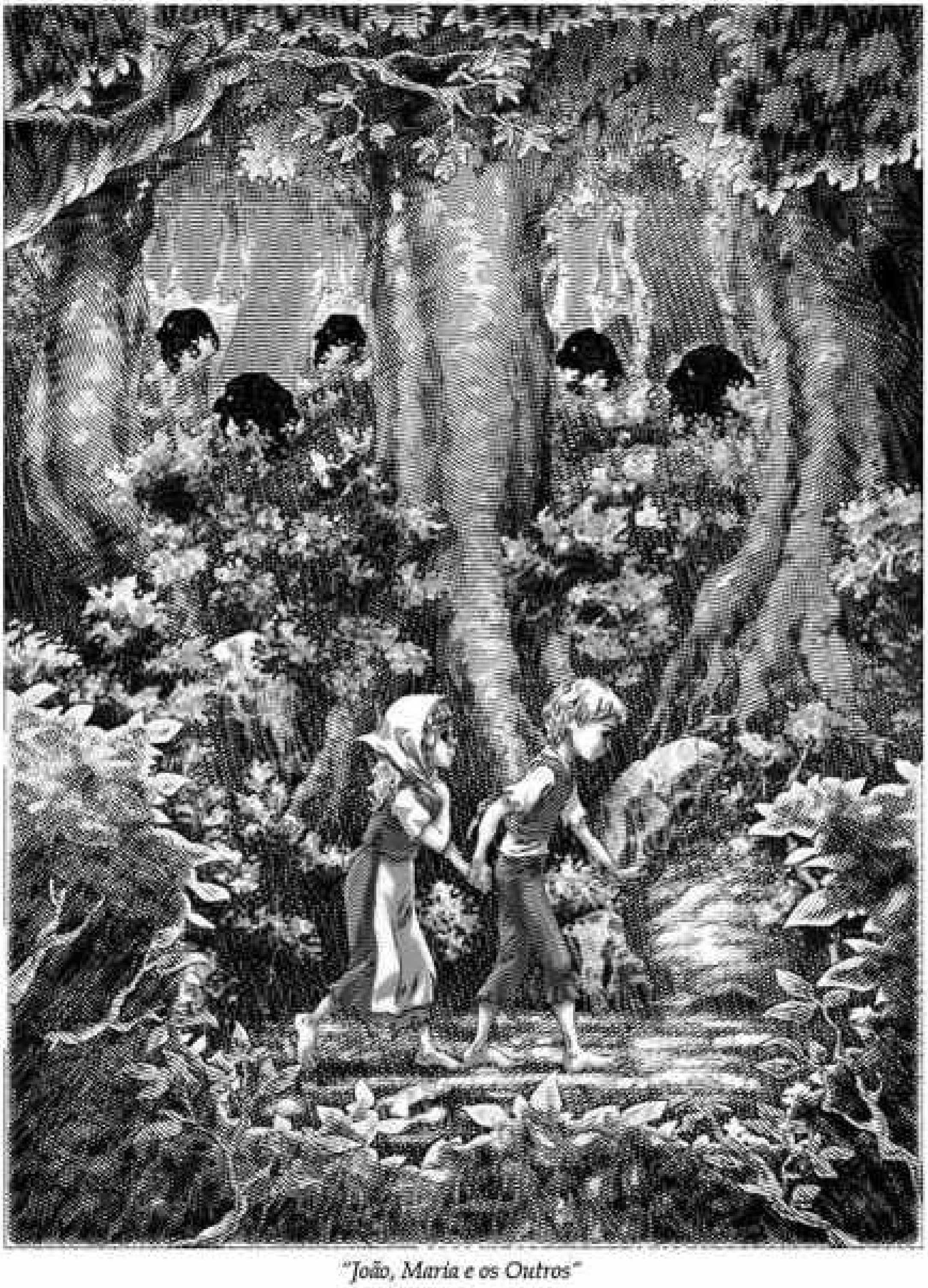
A ninfa se aproximou da construção e tocou as paredes esbranquiçadas, feitas de barro e pedra amontoados sobre lascas de árvores. Abaixou-se para passar pela pequena porta redonda, e observou o interior repleto de objetos de formas indecifráveis. Depois de alguns instantes em silêncio, perguntou: “Diga-me, barqueiro, qual o nome do homem que construiu tal maravilha, capaz de resistir ao tempo, ao vento e ao fim?”

“Homem?”, riu Charon. “Não foi um homem quem construiu esta casa. Foi um porco.”

Ilustrações



"Branca dos Mortos e os Sete Zumbis"



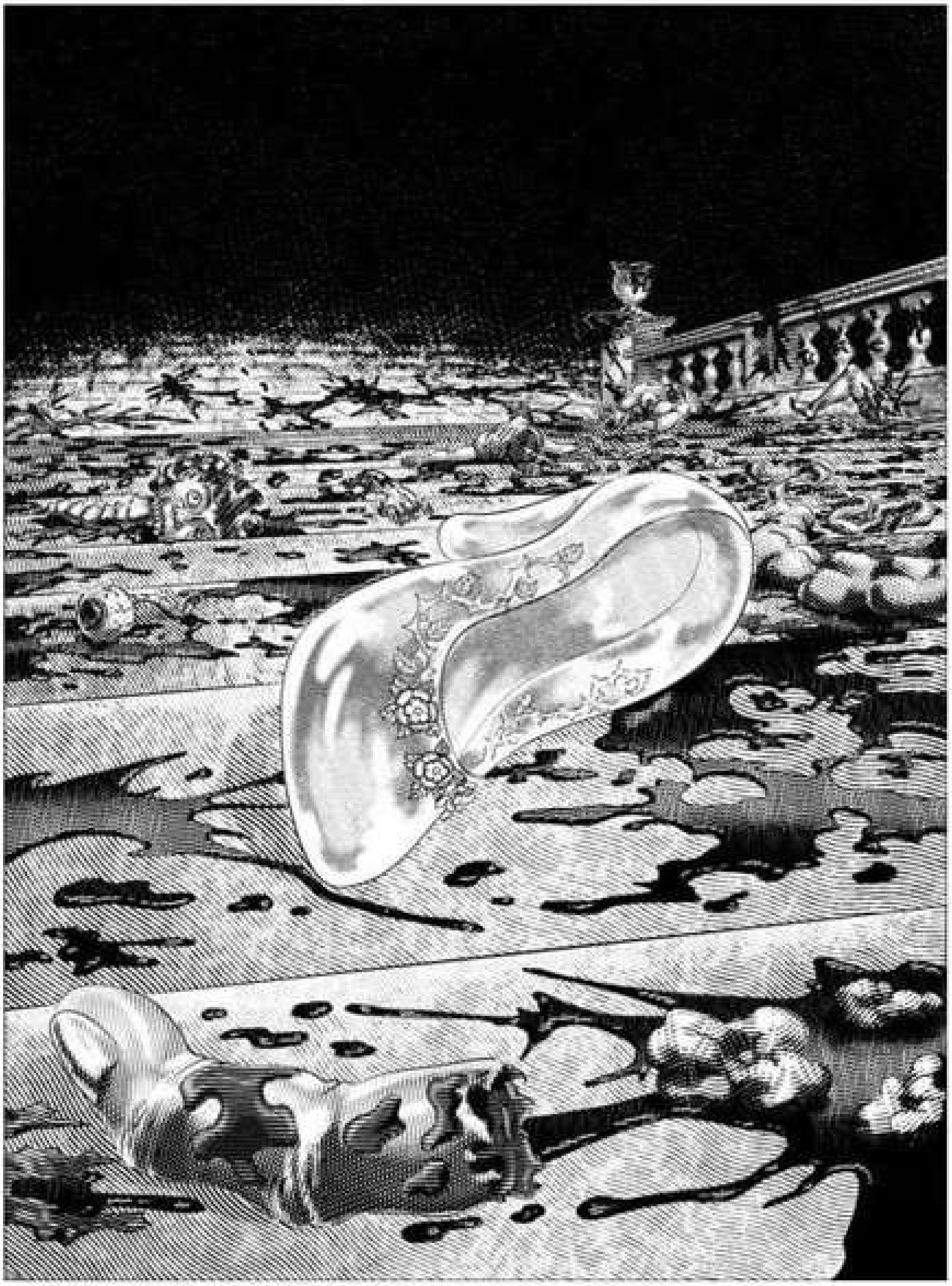
"João, Maria e os Outros"



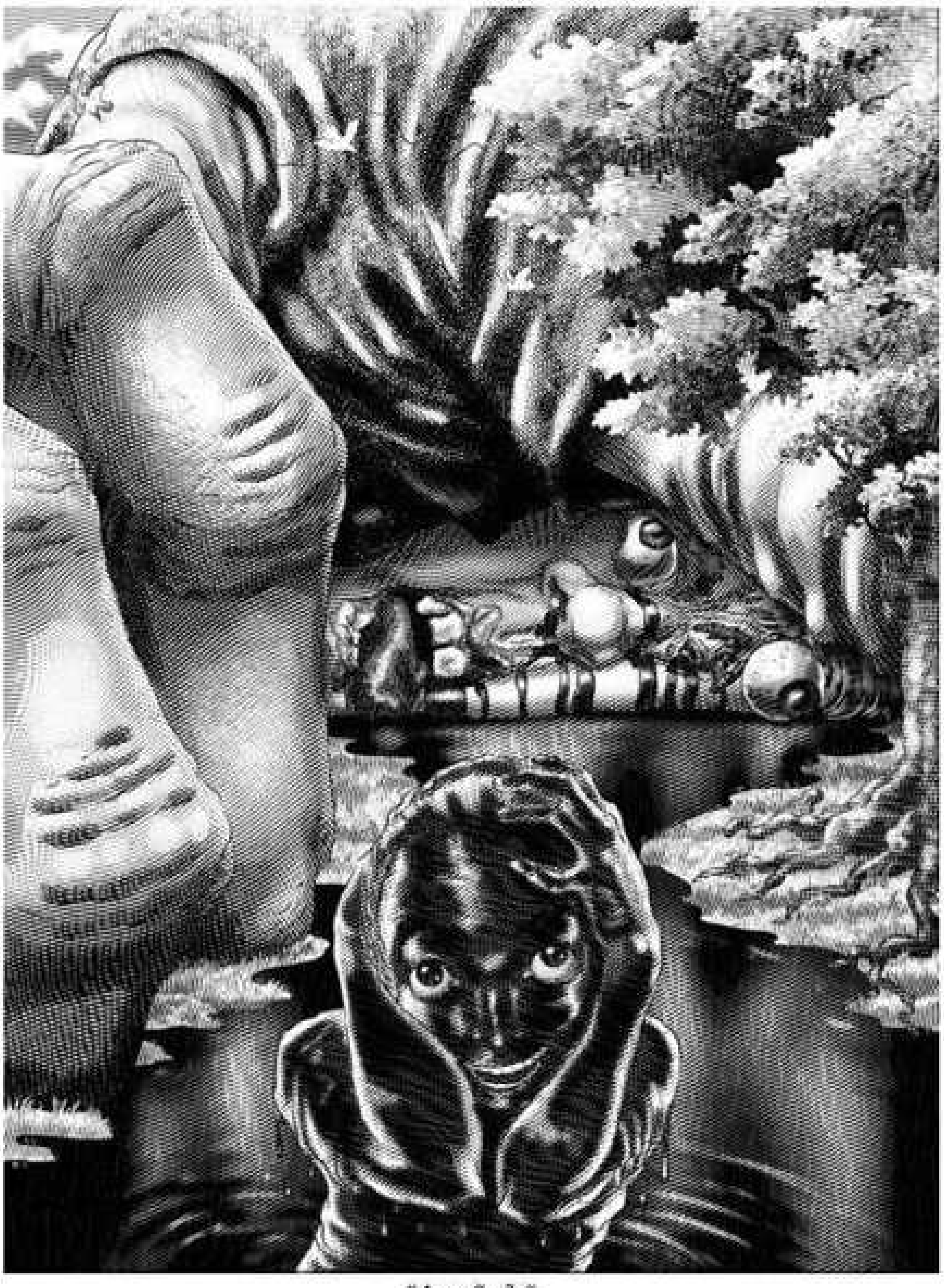
"Os três lobinhos"



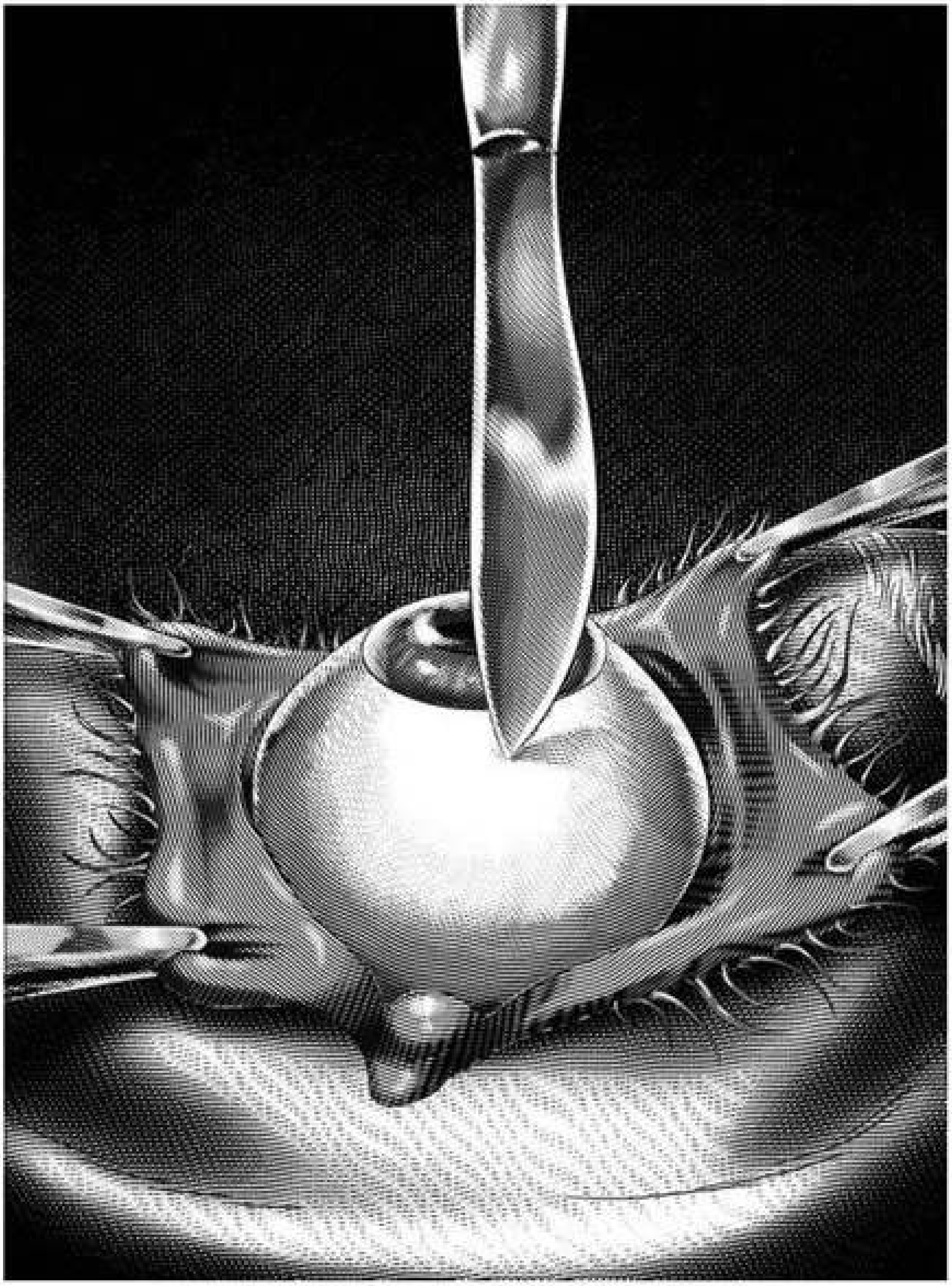
"A vendedora de fósforos e o vingador"



"Cindehella e o Sapatinho Infernal"



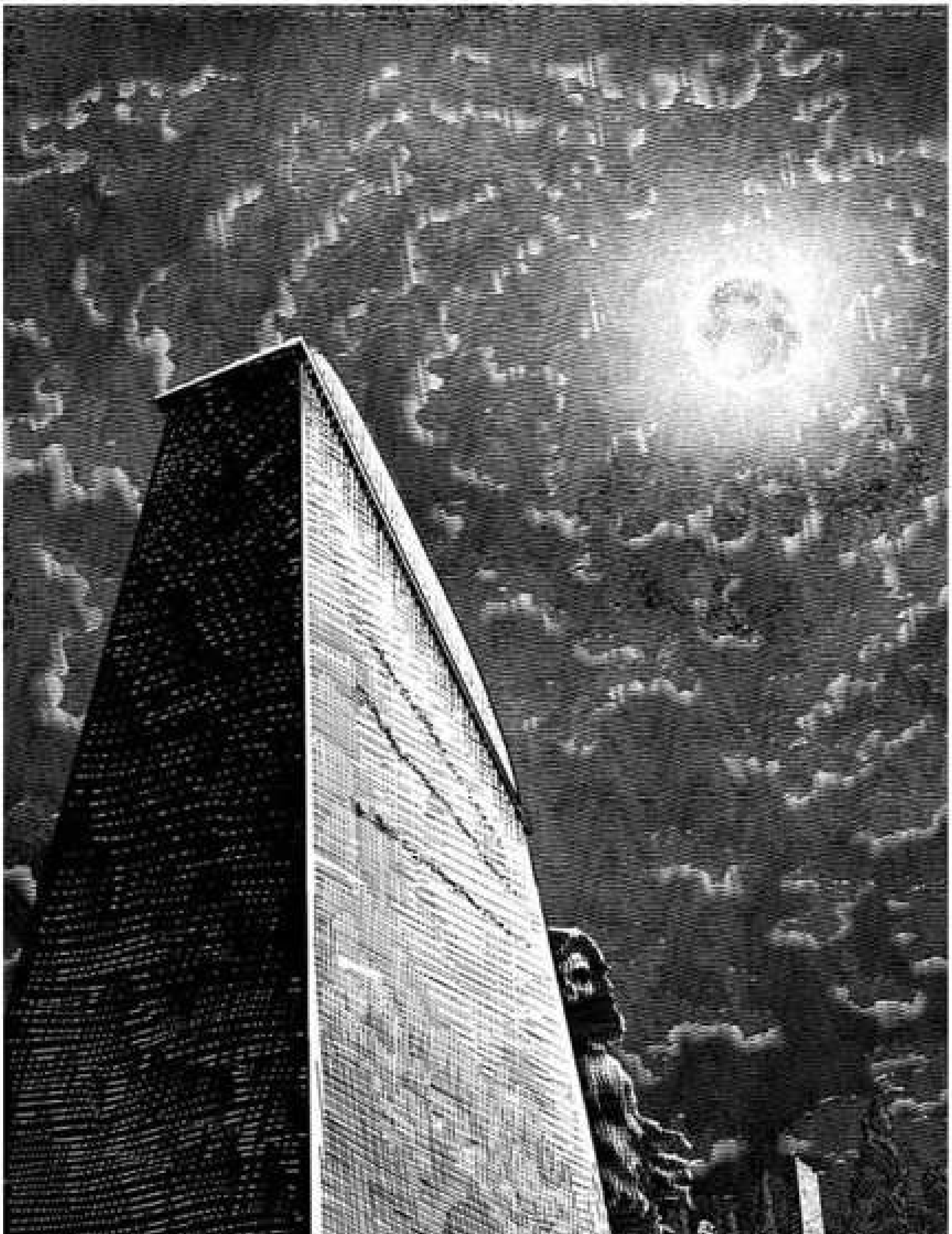
"A confissão"



"Bela Incorrupta"



"O monstro"



"O cemitério"



"Samarapunzel"



"O fim de quase todas as coisas"

Sobre o ilustrador

Michel Borges é natural de Santo André, SP. Colaborador de longa data de Fábio Yabu, iniciou sua carreira como colorista da revista *Combo Rangers*, em 2002. A parceria, que deu origem a animações, livros e revistas em quadrinhos, terminou em 2012, quando Borges foi raptado pelo enigmático Abu Fobiya. Mantido numa localização secreta, hoje o artista é coagido a libertar seus demônios interiores por meio da pena maldita que ilustrou este tomo.

Sobre o autor

O amargurado e pessimista **Abu Fobiya** é heterônimo do gentil e saltitante Fábio Yabu, autor de espalhafatosas histórias em quadrinhos e adocicados livros infantis.

Poucas são as similaridades entre Abu Fobiya e a contraparte, que o teria mantido prisioneiro nos coloridos labirintos de sua mente durante quase três décadas. Liberto após circunstâncias catastróficas, Abu Fobiya agora se vê prisioneiro numa masmorra ainda maior: a própria existência.

“Branca dos Mortos e os Sete Zumbis” é seu livro de estreia.

Sobre o Jovem Nerd

Fundado em 2002 pelos empresários e amigos Alexandre Ottoni e Deive Pazos, o Jovem Nerd é o primeiro e maior site focado em divulgar a cultura nerd no Brasil. A empresa que controla o site, a Pazos & Ottoni LTDA, conta com um braço de notícias (www.jovemnerd.com.br/news), uma loja virtual (www.nerdstore.com.br) e mantém uma parceria sólida com o mega-portal iG. O site conta com todo o aparato técnico de última geração para suportar seu grande crescimento, se comunicando com milhares de usuários diariamente. O Jovem Nerd também abriga a Megaboga, LTDA. empresa responsável pelo e-commerce e o selo editorial Nerdbooks, que já publicou sucessos como *A Batalha do Apocalipse*, *Protocolo Bluehand: Alienígenas, Independência ou Mortos* e *Branca dos Mortos e os Sete Zumbis*. O site também possui uma rede social própria, a Skynerd.